



Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

Joana Marisa Castro Alves

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

“Cidade Parasita”

Orientadora:
Professora Alexandra Paio, ISCTE-IUL

“Espaços Multifuncionais: Ocupação Parasita”

Tutor:
Professor Pedro Pinto, ISCTE-IUL

[Novembro 2017]

Parte 1

Vertente teórica

1. Introdução
2. 8 Reflexões Críticas
3. Fábrica de Lanifícios da Chemina – Espaços Multiusos
4. Considerações Finais
Índice de Figuras
Bibliografia

Vertente Prática

5. Projeto Final

Índice Geral

Agradecimentos

Ao corpo docente do ISCTE-IUL, que me proporcionou cinco anos repletos de aprendizagem, e me transmitiram tanto conhecimento e experiências sobre a Arquitetura.

À professora Alexandra Paio, minha orientadora da vertente teórica do projeto final de arquitetura, por ter acreditado no tema, e por ter contribuído de forma indispensável para a sua elaboração.

Ao meu professor Pedro Pinto, orientador da vertente prática do projeto final de arquitetura por ter apoiado e confiado no meu trabalho ao longo deste longo percurso.

Aos meus grandes amigos, e segunda família, Madeirense e Lisboaeta por estarem presentes nos bons e maus momentos, principalmente à Silvia, Rita, Francica, Inês, Rita, Catarina, Francisco, Catarina e Francisca.

À minha família principalmente à minha Mãe pelas longas conversas durante o dia, ao Meu Pai, Irmão, à minha querida Avó Isabel por todas as conversas matinais e de apoio incondicional. Ao padrinho e Tio João Luis, à minha madrinha e Tia Fátima e à minha Prima Daniela, que durante o meu percurso académico sempre me apoiaram e sempre estiveram presentes nos momentos mais importantes.

Gostaria também de agradecer ao meu namorado, Rui, por todo o companheirismo e apoio ao longo destes anos.

Vertente Teórica

Cidade Parasita

Resumo

“By 2050 the world urban population is expected to nearly double, making urbanization one of the 21st century most transformative trends.”

New Urban Agenda, Habitat III, Quito, 2016

A cidade é o tema central da investigação e intervenção na contemporaneidade, porque cada vez mais assistimos ao fluxo de pessoas que procuram na cidade a resposta aos seus desejos e ambições, bem como lugar de trocas sensoriais e experienciais entre o cenário e o ator.

Consequentemente, a arquitetura da cidade não pode ser pensada apenas como património que foi adquirindo várias camadas que a valorizam, mas como um espaço que tira partido dessa herança em simultâneo com um pensamento sobre o seu futuro. A memória é um elemento chave que permite relacionar a arquitetura com a sociedade. Porém, a velocidade de crescimento e a emergência dos problemas habitacionais na cidade têm solicitado aos arquitetos respostas cada vez mais adaptáveis e flexíveis. Neste contexto, surge o conceito de cidade parasita associado a uma visão de organismo vivo densamente povoado, onde existem espaços com memória subutilizados ou abandonados que é necessário reapropriar e transformar. O parasita é um organismo que se alimenta de um corpo, tirando sempre proveito das suas melhores qualidades e, muitas vezes, modificando a sua fisionomia.

O trabalho teórico desenvolvido no âmbito do Projeto Final de Arquitetura explora dois conceitos. (1) Cidade Herança, que estuda 3 autores. (2) Cidade Parasita, que apresenta três casos de estudo, demonstrando de que forma se pode apropriar da cidade herança e transformá-la.

Abstract

“By 2050 the world urban population is expected to nearly double, making urbanization one of the 21st century most transformative trends.”

New Urban Agenda, Habitat III, Quito, 2016

The city is the central theme of research and intervention in the contemporary world, because we are increasingly witnessing the flow of people seeking in the city for the answer to their desires and ambitions, as well as place of sensorial and experiential exchanges between the stage and the actor.

Consequently, the architecture of the city cannot be thought of only as heritage that has acquired several layers that value it, but as a space that takes advantage of this heritage simultaneously with a thought about its future. Memory is a key element that allows us to relate architecture to society. However, the speed of growth and the emergence of housing problems in the city has prompted architects to respond increasingly adaptable and flexible. In this context, the concept of a parasitic city is associated with a view of a densely populated living organism where there are spaces with memory, underused or abandoned that need to be reappropriated and transformed. The parasite is an organism that feeds on a body, always taking advantage of its best qualities and often modifying its physiognomy.

The theoretical work developed within the scope of the Final Architecture Project explores two concepts. (1) Heritage City, which studies 3 authors. (2) Cidade Parasita, which presents three case studies, demonstrating how the city can be appropriated and transformed.

Índice

| | | |
|------------|--|-----|
| I | Agradecimentos | |
| II | Resumo e Abstract | |
| III | Índice | |
| 1. | Introdução | 16 |
| 2. | 8 Reflexões Críticas | 22 |
| | 2.1 Cidade: Herança | 32 |
| | 2.1.1 Cidade: Henri Lefebvre | 46 |
| | 2.1.2 Cidade: Aldo Rossi | 54 |
| | 2.1.3 Cidade: Jan Gehl | 64 |
| | 2.2 Cidade: Parasita | 72 |
| | 2.2.1 Cidade: Efémera Kumbhmela | 86 |
| | 2.2.2 Cidade Flexível Cidade Emergente: “Le Petit Paris” | 96 |
| | 2.2.3 Cidade: Convertível | 120 |
| 3. | Fábrica de Lanifícios da Chemina – Espaços Multiusos | 128 |
| 4. | Considerações Finais | 136 |
| IV. | Índice de Figuras | 142 |
| V. | Bibliografia | 152 |
| 5. | Projecto Final | 162 |





Introdução

1

Introdução

O tema “Cidade: Herança e Parasita” resulta da necessidade de responder a um desafio teórico e prático no âmbito do projeto final de arquitetura (PFA). O último exercício projetual, em contexto académico, propõe uma reflexão sobre a escala urbana, e desenhar uma solução para habitar Alenquer. Neste enquadramento, pensar a cidade como herança e como projeto de futuro é indispensável.

A cidade sempre foi um campo de ação e de investigação privilegiado para os arquitetos, porque tem sido, ao longo dos séculos, um lugar onde se concentra o habitat preferido do homem e no século XXI assume contornos cada vez mais significativos (figura 1). Em 1900, menos de 10% da população mundial vivia em espaços urbanos. Em 2050, de acordo com Burdett e Sudjic (2008) a taxa subirá para 75%.

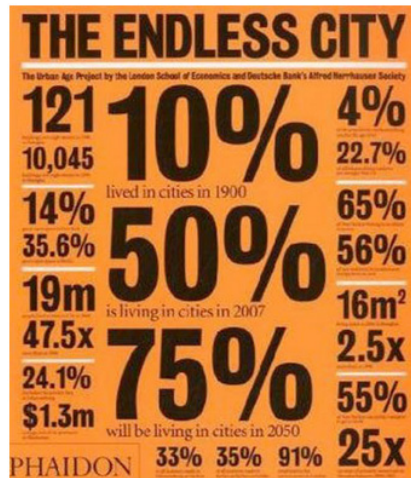


Figura 1. Cidade: 1900 a 2050 (fonte: Burdett and Sudjic. From The Stacks: The Endless City, 2008)

Neste contexto, surge a questão da presente investigação: Que respostas têm os arquitetos e urbanistas para a cidade contemporânea?

Em resposta a esta questão, torna-se imperativo entender as múltiplas visões teóricas e práticas dos arquitetos para os desafios colocados. O trabalho que se apresenta é composto por um conjunto de oito reflexões sobre o tema cidade, que influenciam a contemporaneidade e que de forma complementar, contribuem, direta e indiretamente, para o delineamento da estratégia projetual de PFA.

A revisão bibliográfica, permite analisar e definir um conjunto de conceitos fundamentais ao enquadramento teórico deste estudo. Pelas características do trabalho e complexidade do tema, optou-se por dividir as reflexões em duas partes. A primeira – Herança, refere-se a autores de referência que influenciam as estratégias projetuais contemporâneas. A segunda – Parasita, baseia-se na seleção de casos de estudo que permitem definir e ilustrar o conceito.

O trabalho está estruturado a partir de 2 conceitos, 3 autores e 3 casos de estudo. Herança: (1) **O Direito à Cidade** – Henri Henri Lefebvre; (2) **Cidade e Arquitetura** – Aldo Rossi; (3) **Cidade para as Pessoas** – Jen Gehl. Parasita: (1) **Cidade Efêmera** - Kumbhmela ; (2) **Cidade Emergente e Flexível** – Le petit Paris; e (3) **Cidade Convertível** - Stefan Eberstadt.

O capítulo - **8 Reflexões Críticas** - começa com uma contextualização sobre a cidade com base em duas reflexões críticas sobre os conceitos: Herança e Parasita. A Cidade Herança, apresenta um pequeno paralelismo entre as diversas obras acima mencionadas. Na Cidade Parasita, é exposta uma explicação do termo segundo vários autores.

Em seguida, apresentam-se três reflexões sobre três obras: (1) *Direito à cidade* (1968) onde o autor expõe uma visão antropológica sobre a cidade; (2) *A Arquitetura da Cidade* (1966), onde temos uma visão histórica sobre a cidade; (3) e por fim, *Cidade para Pessoas* (2010), onde se discorre sobre qualidade de vida na cidade através do que realmente a faz funcionar.

Posteriormente, encontramos três casos de estudo, que descrevem diversas estratégias adotadas por arquitetos, assentes numa visão da cidade parasita. Trata-se da cidade como centro crescente de fluxos migratórios de população e que já não conseguirá comportar mais edificação nova. Os três

projetos analisados são: (1) Cidade Convertível (2004) de Rucksack House Ort; (2) Cidade Efémera (2013) de Rahul Mehrotra & Felipe Vera; e (3) Cidade Flexível/ Cidade Emergente (2014) de Stephane Malka. Cada caso de estudo foi selecionado pela singularidade da abordagem dos tópicos, para dois destes casos, foram analisadas publicações. Uma delas, explica o conceito da Cidade Efémera, e o outro, aborda como é que esta se desenvolve em torno de um festival que acontece sazonalmente. A outra publicação explica catorze projetos referentes à Cidade Emergente e à Cidade Flexível, que estão agrupados em quatro categorias.

Por fim, é descrito o contributo do estudo teórico para a vertente prática, através de considerações finais sobre os diversos conceitos abordados e a sua influência no projeto. Bem como, uma reflexão crítica sobre a sua aplicação num futuro próximo.





8 Reflexões críticas

2

“Que é a cidade? Como foi que começou a existir? Que processos promove? Que funções desempenha? Que finalidades preenche? Não há definição que se aplique sozinha a todas as suas manifestações nem descrição isolada que cubra todas as suas transformações, desde o núcleo social embrionário até as complexas formas da sua maturidade e a desintegração corporal da sua velhice. As origens da cidade são obscuras, enterrada ou irrecuperavelmente apagada uma grande parte de seu passado, e são difíceis de pesar suas perspectivas futuras.”¹

24 ¹MUMFORD, Lewis (1961) – A cidade na história: sua origens, transformações e perspectivas, Martins fontes, 1991 p. 9

“Quando um grego fala de pólis pretende, antes de mais, indicar a sede, a residência, o lugar em que determinado géno, uma determinada estirpe, uma gente (gens/ genos) tem as suas raízes. (...) Civitas é um termo que deriva de civis, portanto, de certo modo surge como produto dos cives quando se reúnem num mesmo lugar e se submetem às mesmas leis.”²

²CACCIARI, Massimo – A Cidade. GG ,2010, p. 9-10

Cidade | s. f. latim *civitas, -atis*, condição de cidadão, direito de cidadão, conjunto de cidadãos, cidade, estado, pátria. (1) Povoação que corresponde a uma categoria administrativa (em Portugal, superior a vila), geralmente caracterizada por um número elevado de habitantes, por elevada densidade populacional e por determinadas infraestruturas, cuja maioria da população trabalha na indústria ou nos serviços. = URBE (2) [Por extensão] Conjunto dos habitantes dessa povoação. (3) Parte dessa povoação, com alguma característica específica ou com um conjunto de edifícios e equipamentos destinados a determinada atividade (ex.: cidade alta; cidade universitária) (4) Vida urbana, por oposição à vida no campo (ex.: ele nunca gostou da cidade). (5) [História] Território independente cujo governo era exercido por cidadãos livres, na Antiguidade grega. = CIDADE-ESTADO, PÓLIS ³

A cidade é o tema central deste capítulo e tem sido matéria prima de muitas teorias e práticas para os arquitetos e para a arquitetura, por se tratar do lugar onde se concentra a cultura e o habitat preferido pelo Homem. Esta, tem vários tipos de conotações e de significados e, embora todas sejam diferentes existem sempre pontos onde convergem. Um desses pontos é a caracterização da cidade como uma área urbana, que se consegue diferenciar de outras zonas através de vários fatores, como: (1) a densidade populacional; (2) o tipo de edificado existente; (3) o tipo de transportes; e (4) ainda o tipo de terreno destinado aos espaços verdes, que por vezes são muito escassos nestas áreas urbanas. Estes fatores são ambíguos, no sentido em que são variáveis de cidade para cidade.⁴

A cidade também pode ser definida como uma aglomeração de população, onde as atividades profissionais não são caracterizadas como trabalho de campo. Como já foi mencionado, são múltiplas as definições sobre cidade, muitos destas são abrangentes a uma cidade que se encontra no

³ **Cidade** [em linha]. [Consult. 13 outubro 2017]
Disponível em:
WWW:<URL:https://www.priberam.pt/dlpo/cidade>

⁴ **Conceito de cidade** [em linha]. [Consult. 27 novembro 2016]
Disponível em:
WWW:<URL:https://www.conceito.de/cidade>

presente, mas também são muitas que já se encontram descontextualizadas, não representando o seu verdadeiro significado. O que demonstra que a cidade está em constante mutação, sendo o tempo o responsável.⁵ São várias as opiniões que encontramos quando o tema central é a cidade. Esta possui um passado, um presente e um futuro.

É preciso perceber o que é a cidade, quais as marcas que nela foram deixadas ao longo dos séculos, de que forma a sociedade e o seu pensamento influenciaram o seu desenho e organização, até chegar à cidade como hoje em dia a conhecemos. Em algumas cidades, esta marca deixada pelos nossos antepassados foi apagada, perdendo-se a identidade da sua herança.

A cidade herança sempre foi, e será, uma questão pertinente para aqueles que a estudam e procuram o seu significado. As memórias e histórias que são passadas de geração em geração, são ricas tanto a nível de edifícios históricos, como de malha urbana. Os documentos e pinturas, registos desenhados das cidades, também são importantes, pois transparecem cenas que demonstram diferentes ambientes da vida quotidiana de uma população. É como se a gravura falasse com o observador.

Para perceber o conceito de cidade herança, estudam-se três autores: O primeiro, Henry Lefebvre, com a sua obra “*O direito à Cidade*” (1968), descreve o desenvolvimento da cidade e a forma como esta foi dominada pelo capitalismo. O autor considera que o capitalismo é o principal responsável pela evolução da indústria alterando completamente as relações nas cidades.

“O direito à cidade é muito mais que a liberdade individual para acessar os recursos urbanos: é o direito de mudar a si mesmos por mudar a cidade. É, sobretudo, um direito coletivo, ao invés de individual, pois esta transformação inevitavelmente depende do exercício de um poder coletivo para dar nova forma ao processo de urbanização. O direito a fazer e refazer nossas cidades e nós mesmos é, como quero argumentar, um dos mais preciosos, e ainda assim mais negligenciados,

⁵ESTEVÃO BRANDÃO, Ana -*Cidade um Drama no tempo. Uma reflexão organizada, sobre factores temporais no desenho da cidade*, p. 77

de nossos direitos humanos.”⁶

O livro divide-se em quinze partes: (1) industrialização e urbanização; (2) a filosofia e a cidade; (3) As ciências parcelares e a realidade urbana; (4) filosofia da cidade e ideologia urbanística; (5) especificidade da cidade; (6) continuidades e descontinuidades; (7) níveis de realidade e de análise; (8) cidade e campo; (9) ao redor do tempo crítico; (10) sobre a forma urbana; (11) Análise espectral; (12) o direito à cidade; (13) perspectiva e prospectiva; (14) a realização da filosofia; (15) teses sobre a cidade, o urbano e o urbanismo.

Lefebvre ao não considerar a cidade apenas como um espaço que é delineado e marcado por ruas e volumetrias, apercebe-se que esta só ganha vida e histórias através das pessoas e das suas relações interpessoais. Assim, declara que “Entre os sistemas de significações, há que estudar com a maior atenção (crítica) os sistemas dos arquitectos. Acontece frequentemente que os homens de talento criam conceber-se no seio de conhecimento e da experiência, permanecendo todavia no seio de um sistema de grafismos, de projecção no papel, de visualizações”⁷

Aldo Rossi, o segundo autor, analisa, na sua obra “*A Arquitetura da Cidade*” (1966), a questão da geração da cidade desde a sua origem, passando pela análise da sua transformação, como uma criação inseparável da vida civil e da sociedade em que se manifesta. O livro divide-se em quatro partes: (1) problemas de descrição e classificação da cidade, isto é, tipologias; (2) estrutura da cidade por partes; (3) a arquitetura da cidade e do lugar; (4) questões da dinâmica urbana e da política como escolha.

Todos os assuntos são assentes quer na imagem urbana, quer na sua arquitetura, bem como no valor de todo o território vivido e construído pelo homem. Aldo Rossi questiona: “Como os fatos urbanos são relacionáveis as obras de arte? Todas as grandes manifestações da vida social têm em comum

⁶ HARVEY, David (*setembro–outubro de 2008*). «**The right to the city**». *New Left Review*. New Left Review. II (53), p. 23–40.

⁷ LEFEBVRE, Henry – **O Direito à Cidade**, p.75

com a obra de arte o fato de nascerem da vida inconsciente , esse nível é coletivo no primeiro caso e , individual no segundo, mas a diferença é secundária, porque umas são produzidas pelo público, as outras para o público, mas é precisamente o público que lhes fornece um denominador comum.”⁸

Jen Gehl, com “*A Cidade para Pessoas*” (2010) aborda várias cidades, descrevendo problemas e soluções para um espaço que tem de ser pensado para um dos elementos mais importantes da cidade, as pessoas. “Uma cidade para pessoas enfrenta desafios, cria inimigos nas esferas do poder económico, inverte a lógica da necrópole, instaura a humanidade e recompõe a vida em espaço público aberto. Uma cidade para pessoas elimina outdoors e outras formas de enfeio e estímulo ao consumo. Uma cidade para pessoas incentiva a diminuição da produção de lixo, orienta sobre a separação e sobre a criação de compostagem em escolas, casas e apartamentos, institui hortas comunitárias em todos os bairros.”⁹

O livro divide-se em seis partes: (1) A dimensão Humana; (2) Os sentidos e a Escala; (3) A cidade viva, segura, sustentável e saudável; (4) A cidade ao nível dos olhos; (5) Vida, espaço, edifícios; (6) Cidades em Desenvolvimento. Nestes seis capítulos, o tema central, é o das pessoas, referindo de que forma os vários espaços podem ser desenvolvidos ou requalificados, conseguindo oferecer uma melhor qualidade de vida aos cidadãos.

Após uma percepção de qual é a herança que certa cidade nos legou, é preciso compreender de que forma o espaço urbano pode evoluir e crescer, mas ao mesmo tempo preservar tudo o que os nossos antepassados produziram. Neste âmbito, surge o conceito de cidade parasita. O parasita é um animal que se aproveita de um corpo, conseguindo transformações, quer a nível morfológico quer fisiológico.¹⁰

⁸ROSSI, Aldo – *A Arquitetura da Cidade*, p. 19

⁹ **Cidades para pessoas** [em linha]. [Consult. 23 Outubro 2017]
Disponível em:
WWW:<URL: <https://www.revistadigital.com.br/2012/09/cidades-para-pessoas/>>

¹⁰ **Conceito parasita** [em linha]. [Consult. 27 março 2017]
Disponível em:
WWW:<URL: <https://www.conceito.de/parasita>>

A cidade parasita nasce com o princípio de solucionar diversos problemas que ao longo do tempo temos vindo a encontrar, desde o aumento populacional, à falta de habitação.

Se por um lado, encontramos uma cidade com falta de espaço para a edificação de novos edifícios, encontrando-se os existentes com valores de aquisição ou renda demasiado altos, por outro, temos muitos espaços que se encontram devolutos e em desuso, mais uma vez, devido à falta de capacidade e visão para investir nestes.

O parasita pode ser uma forma de descobrir, de solucionar e dar resposta a estes problemas: A adição, a sobreposição e a estratificação. Estas são as palavras chave que melhor descrevem o que é a cidade parasita. Assim, afirmam-se como três opções capazes de modificar o olhar sobre a cidade.

Adição, sobreposição e estratificação, são exemplificadas nos projetos dos três arquitetos, e demonstram uma vontade de contornar estes problemas a partir de determinadas premissas. (1) Luis Felipe Vera e a Cidade Efémera, que nos demonstra de que forma uma cidade pode ser edificada num curto período de tempo, e de que forma este exemplo pode servir para casos futuros de emergência; (2) Stéphane Malka e a Cidade Fléxivel e Emergente. Este arquiteto elabora um livro, "*Le Petit Paris*" (2014), apresentando vários projetos onde a apropriação da ruína, de espaços devolutos e ainda de edificado existente, podem resultar numa nova visão sobre o habitar um espaço; (3) Stefan Eberstadt e a Cidade Convertível, um projeto que foi edificado e demonstra de que forma poderá existir a expansão de um espaço.





Cidade : Herança

2.1

he-*ran*-ça (latim *hereditas, -atis*), substantivo feminino. (1) [Direito] Acção de herdar. (2) [Direito] Aquilo que se herda ou que se deve herdar. (3) O que se transmite com o sangue. (4) Legado, domínio. (5) Posse. (6) Hereditariedade.¹¹

O conceito de cidade como herança parte do conceito de urbe como junção de vários séculos de acontecimentos, uma coleção de camadas com valor patrimonial pensado por alguém, com um determinado objetivo. Este, ao longo do tempo, assume diferentes particularidades, desde a criação de espaços para uma grande polis, até ao pensamento de um espaço para acolher novos meios de transporte, ou uma cidade pensada com e para as pessoas.

Neste capítulo, como já foi referido, a cidade é estudada através de diversas perspectivas teóricas. Os autores estudados são: (1) Henri Lefebvre (1901 – 1991), através uma visão político social, com o seu livro “*Direito à Cidade*” (1968). (figura 2); (2) Aldo Rossi (1931-1997) com uma visão cultural, com a sua obra “*Arquitectura da cidade*” (1966); e (3) por fim uma visão urbanista da metrópole para as pessoas. (figura 3), de Jan Gehl (1936 -) no livro “*A cidade para Pessoas*” (2010). Os três autores, ao longo das suas obras, embora em esferas diferentes, apresentam diversos pontos em comum na crítica à cidade, chegando à conclusão que esta tem de ser pensada para as pessoas (figura 4).

As obras criticam a cidade pós-revolução industrial, que foi a grande impulsionadora de transformações urbanas, através de uma grande capacidade de produção e de capital. A cidade assume agora um sentido diferente, e passa a ser o centro do tecido urbano.

A memória, história e herança concedida pela evolução da cidade, por vezes foi relegada como segundo plano. Quando pensamos numa reformulação com novos ideais, para uma cidade ou para um território, lembramo-nos da reforma de Paris e do plano de Haussmann. Georges-Eugène Haussmann, mais conhecido como *o artista demolidor*, quis reformular a cidade, de forma a melhorar a circulação de um ponto de vista estratégico. As ruas medievais estreitas, e bairros degradados dão lugar a grandes

¹¹ **Herança** [em linha]. [Consult. 30 março 2017]

Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.priberam.pt/dlpo/heranca>>

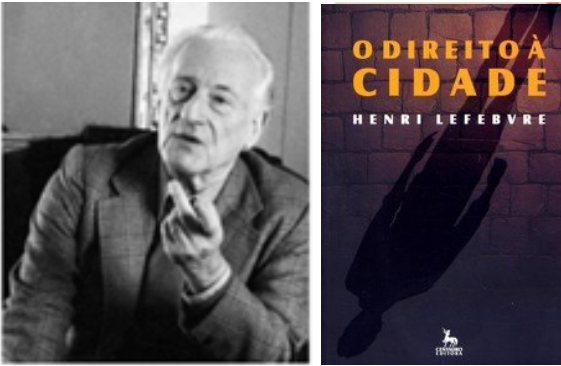


Figura 2. Henri Lefebvre (fonte: Wikipédia)

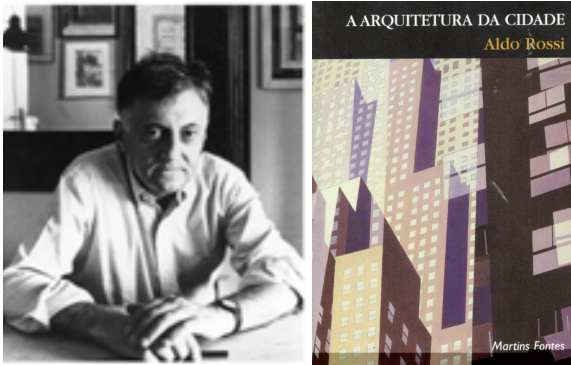


Figura 3. Aldo Rossi (fonte: Wikipédia)



Figura 4. Jan Gehl (fonte: Wikipédia)

avenidas e praças que no seu todo compõem um cenário.¹² O desejo e a procura pelo vanguardismo, começa a ser um tema de estudo não só para Haussmann, como também para o movimento moderno, que vem contrariar a valorização e preservação de espaços, onde a memória de um passado foi esquecida.

Em 1928, surge o primeiro Congresso de Arquitetura Moderna, onde um dos principais objetivos, consistia na formulação de ideias para uma nova arquitetura, onde a habitação deveria romper antigos ideais e procurar uma nova linguagem.¹³ Em contrapartida, são vários os autores que vêm refutar a importância da memória, da história e da herança que nos é deixada, e que foi adquirindo identidade ao longo dos anos.

Collage City (1978) (figura 5) é uma obra que aborda, em tom de ironia, os princípios e premissas do movimento moderno. Colin Rowe e Fred Koetter, dividem a sua obra, em seis capítulos, (1) Utopia: Declínio e Queda? (2) Depois do Milênio, (3) A Crise do Objeto: O Impasse da Textura, (4) Cidade-Colisão e a Política da Bricolagem, (5) Cidade-Colagem e a Reconquista do Tempo, (6) Excursus. Este livro vem criticar o movimento moderno, devido às suas limitações e à incapacidade que este demonstrou, para atingir os objetivos propostos. A cidade tem de ser vista como um catálogo de diferentes elementos que, quando são agrupados, formam um todo.

Aldo Rossi, vem enfatizar este valor patrimonial que o espaço urbano possui. A cidade é comparada a uma obra de arte, caracterizada através dos factos urbanos, tais como monumentos, praças e ruas.¹⁴ Esta junção de diferentes massas e volumetrias edificadas, resultou de uma evolução e formação de espaços, construindo uma representação histórica da cidade, que é vista e representada por documentos mapeados.¹⁵

¹² **HAUSSMANN e a REFORMA DE PARIS** [em linha]. [Consult. 27 março 2017]

Disponível em:

WWW:<URL:https://arquitetandoblog.wordpress.com/2009/04/08/haussmann-e-a-reforma-de-paris/>

¹³ **CIAM** [em linha]. [Consult. 15 março 2017]

Disponível em:

WWW:<URL:https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/07/28/ciam-o-movimento-moderno-na-academia/>

¹⁴ ROSSI, Aldo- **Arquitectura da Cidade**, p. 43

¹⁵ ROSSI, Aldo- **Arquitectura da Cidade**, p. 63

COLLAGE CITY



Colin Rowe and Fred Koetter

Figura 5. Collage city (fonte:goodreads)

“Por qué habríamos de vernos obligados a preferir la nostalgia del futuro a la del pasado?”

No podría la ciudad modelo que llevamos en el pensamiento tener en cuenta nuestra constitución psicológica conocida?

No podría esta ciudad ideal comportarse, al mismo tiempo y explícitamente, como un teatro de profecía y como un teatro de memoria?”

16

São vários os tipos de herança com que os nossos antepassados nos enriqueceram. Sem a presença desta riqueza e do seu impacto não é possível entender na totalidade as nossas cidades. A cidade é, sem dúvida, uma das maiores heranças que nos foi deixada, e esta só foi possível devido à clara divisão e bifurcação entre o espaço urbano e o espaço rural. Enquanto o espaço rural sofreu poucas alterações a nível de paisagem, a cidade surgiu, e foi considerada como uma exploração que devastou os grandes campos e as grandes paisagens naturais (figura 6). A sua expansão é apreciada como parasita, devido à sua apropriação violenta de um determinado espaço, dominando assim a história urbana.¹⁷

Esta separação ocorre com a exploração da indústria, que, tal como Mumford afirma, transforma a dinâmica da cidade. “City”, que representa um espaço cujo centro serve para albergar os locais de trabalho e as suas áreas administrativas¹⁸, adulterando a paisagem, através de uma espécie de “skyline” (figura 7).

As grandes volumetrias e espaços que os nossos antepassados nos deixaram, foram uma forma e uma tentativa de imortalidade, visto que a vida eterna era inconcebível. A sociedade, tem como desejo perpetuar-se, transmitindo assim, de geração em geração, uma série de edifícios, documentos, e memórias de forma a serem lembradas com o passar nos séculos.¹⁹ Os grandes monumentos ou mesmo as ruínas que encontramos na cidade possuem sempre uma simbologia, ou ainda um marco que foi importante na história de um país.

As grandes ruínas e muralhas que encontramos em diversas cidades, são vistas como um pedaço de história, sendo estas consideradas pontos principais de atração turística. Estas são consideradas ímanes, tornando-se assim num local atrativo.²⁰ Mas quando pensamos nas muralhas e na

¹⁷ MUMFORD, Lewis- **A cidade na História**, p. 103

¹⁸ ROSSI, Aldo- **Arquitectura da Cidade**, p. 237

¹⁹ MUMFORD, Lewis- **A cidade na História**, p. 434

²⁰ MUMFORD, Lewis- **A cidade na História**, p. 99



Figura 6. Paisagem natural (fonte: Fine Art America)

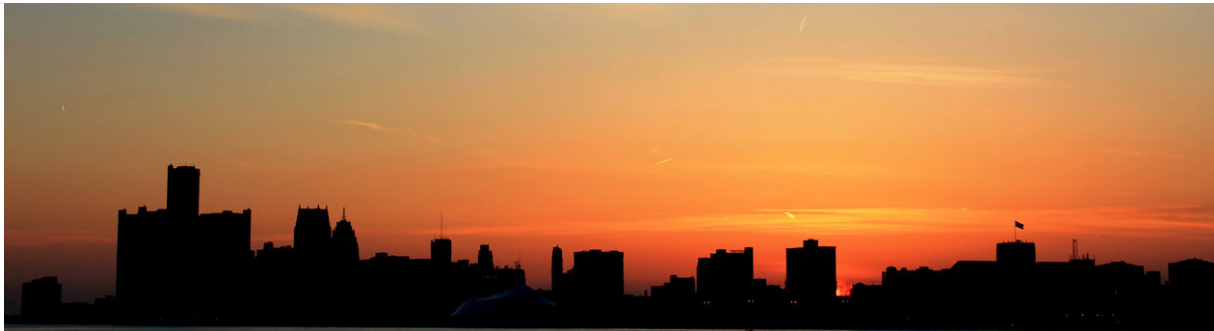


Figura 7. Paisagem transformada pelo homem (fonte: Guibingzhuche)

sua simbologia enquanto memória, apercebemo-nos que as muralhas de uma cidade, não são vistas apenas como uma construção física, mas também como sinal de proteção para a população que lá habitava.

A cidade é compreendida através de vários planos que são sobrepostos.²¹ Não são apenas os monumentos, muralhas e ruínas que marcam a história de um determinado local, uma vez que as ruas e as grandes vias são igualmente importantes.

A rede que interliga os diversos pontos de uma cidade, mais uma vez, não tem apenas uma conotação física. Esta também é simbólica. Esta simbologia é referente aos nomes que às referenciam. Estes nomes que encontramos, são recordações que pretendem imortalizar um ato heroico ou uma personalidade.²²

Outro tipo de legado que a cidade nos deixa são os locais de reunião e de trocas interpessoais. A história é marcada por diferentes épocas. Quando pensamos nas cidades antigas da Grécia e de Roma, surgem nomes como ágora e arena. Estes espaços, embora diferentes, tinham um propósito parecido, que era o de promover a reunião entre pessoas, um local que era procurado para a convivência interpessoal.²³

Estes locais de reunião onde a população se divertia, reunia e discutia diversos tipos de temas demonstraram-se fundamentais de um ponto de vista do enriquecimento cultural, e conferiram-nos a possibilidade de herdar sociologicamente, algo que hoje em dia, é quase banal. Como por exemplo, uma ida a espaços como um centro comercial, a uma loja, um café, um jardim, ou ainda uma ida ao mercado, no fundo, a todos os locais que permitam a verificação de uma troca sensorial. Assim, sem que nos apercebamos, os nossos comportamentos sociais, a nossa procura por determinados locais, representam uma herança, do espírito de comunidade que a ágora e a arena começaram a incutir nos cidadãos, há milhares de anos.

²¹ ROSSI, Aldo- *Arquitectura da Cidade*, p. 164

²² MUMFORD- Lewis. *A cidade na História*, p. 241

²³ MUMDORD- Lewis. *A cidade na História*, p. 167

A cidade não conta apenas uma história, mas também uma junção de memórias, que não estão ligadas inteiramente ao fator urbano. O lugar, a arquitetura e a história são essenciais para a compreensão do espaço urbano. A memória, faz da cidade algo consciente, tal como a sua estruturação.²⁴ Quando é apresentada a proposta de um novo plano para um determinado local, é necessário olhar para este como um todo e não como uma tábula rasa. A cidade é uma espécie de bricolage onde o presente joga com o futuro e o futuro jogará com o passado, mantendo uma coerência e uma transformação da cidade onde cada elemento tem o seu valor. Estas relações temporais demonstram que existiu um pensamento inicial, que é refletido em vários elementos, que devemos aceitar, pois já existiam na cidade²⁵ (figura 8).

A herança de uma cidade não é apenas uma junção de edifícios antigos, é também uma coleção artística de recordações, espaços e lugares projetados para todos os indivíduos que a querem experienciar. O mais importante hoje em dia não é uma máquina que captura e grava todos os momentos e sinais intemporais de uma cidade. O que se torna realmente importante é a troca sensorial, temporal e espiritual, onde todas as células, partículas e pessoas se relacionam e reagem num campo comum.²⁶

Todos estes elementos, que ao longo dos séculos têm vindo a perfilar uma cidade como apelativa e procurada, poderão, a longo prazo, trazer diversos problemas ao nível do seu desenvolvimento, do seu crescimento populacional e da consolidação do tecido urbano.

²⁴ ROSSI, Aldo- **Arquitectura da Cidade**, p. 193

²⁵ ROSSI, Aldo- **Arquitectura da Cidade**, p. 83

²⁶ MUMFORD, Lewis- **A cidade na História**, p. 471



44 **Figura 8.** A cidade e as suas várias camadas (fonte: multi-sensory experience of architecture)







Cidade : Henry Lefebvre

2.1.1

“O Urbanismo está na moda, quase tanto como o sistema. As questões e reflexões urbanísticas saem dos círculos dos técnicos, dos especialistas, dos intelectuais que se querem de vanguarda. Estas reflexões passaram para o domínio público mediante artigos de jornal e outros escritos de diverso alcance e ambição. O urbanismo torna-se, então, simultaneamente ideologia e prática.(...) Para apresentar e expor a “problemática urbana” impõe-se reconhecer um ponto de partida: o processo de industrialização.”²⁷

“O Direito à Cidade” (1968) (figura 9) é uma obra de Henri Lefebvre, um filósofo e sociólogo francês que se interessou sobre o tema do espaço urbano, como já foi referido em capítulos anteriores. Nesta obra, Lefebvre dá-nos uma visão antropológica, que nunca havia sido partilhada por arquitetos. Desde a revolução industrial que a cidade sofreu um grande desenvolvimento, sendo esta a grande geradora de capital. O campo começa a ficar para segundo plano, e o grande foco das pessoas começou a ser o conforto e a procura de uma vida mais estável que fica nas cidades. A cidade começou a desenvolver vários núcleos, pois, se inicialmente os postos de trabalho eram a jusante das zonas de dormitório, com o desenvolvimento da cidade, os diversos núcleos de trabalho e de habitabilidade começam a ganhar significados diferentes. O desenvolvimento da cidade vem também introduzir novos tipos de trabalho que antes não foram tão explorados, devido a condições adversas que o espaço rural oferecia aos moradores. A criação de novas empresas e de escritórios, trouxeram também à cidade o êxodo rural, e levaram à explosão demográfica (Figura 10).

Para Lefebvre, com o crescimento exponencial da população começaram a surgir problemas no tecido urbano. O obstáculo nasce devido à negligência que é dada a diversos assuntos, principalmente deixando a organização espacial da cidade em segundo plano. Com a falta de organização da cidade, surge o termo “segregação”. O termo segregar significa, separar, ou separar-se de um todo.²⁸ Este é um tema que ao longo dos séculos é abordado por diversas razões. A separação que acontece na cidade surge logo após a revolução industrial, e como já foi referido, é feita através da distinção de diferentes áreas, ou seja, a laboral e a habitacional. Porém, esta divisão era concretizada para que a cidade fosse o centro, e neste encontrávamos os grandes edifícios com espaços de escritórios e ainda de diversas empresas. Neste ainda existiam espaços onde o convívio era procurado, tal como bares, restaurantes e pequenas zonas comerciais. Por fim, e numa outra zona, a área residencial. As habitações, encontravam-se nos subúrbios, onde a maioria dos residentes não possuía transportes privados, e também onde não conseguiam tirar proveito do pouco que a cidade oferecia. A população que

²⁸ **Segregação** [em linha]. [Consult. 20 setembro 2017]
Disponível em:
WWW:<URL:https://www.priberam.pt/dlpo/segregação>

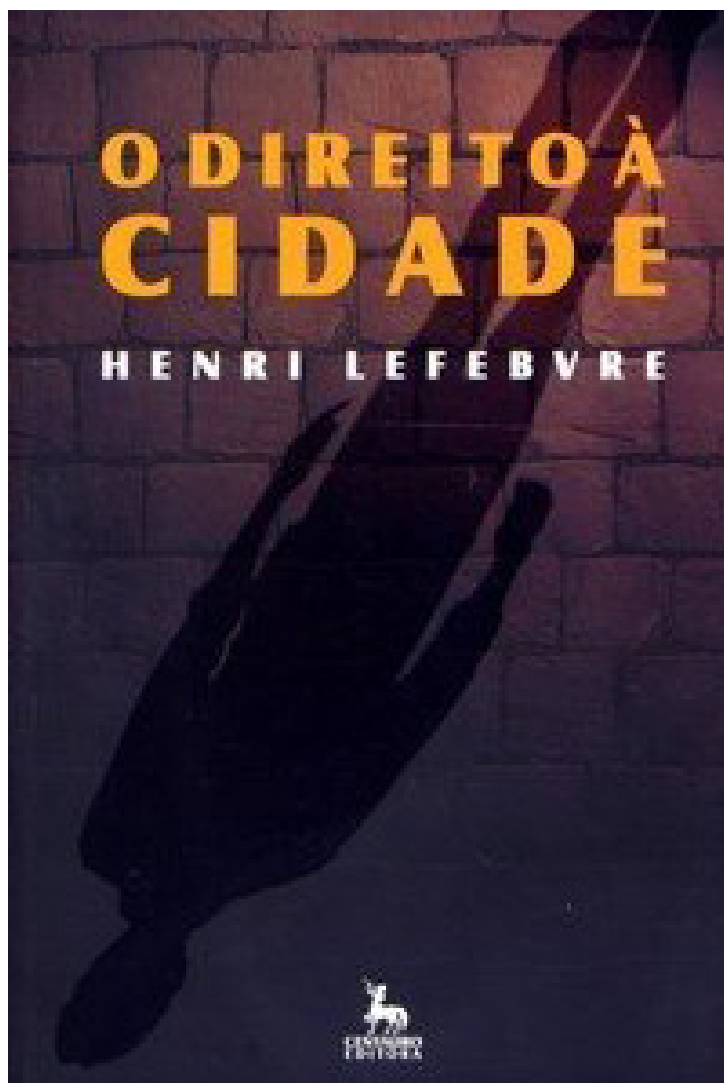


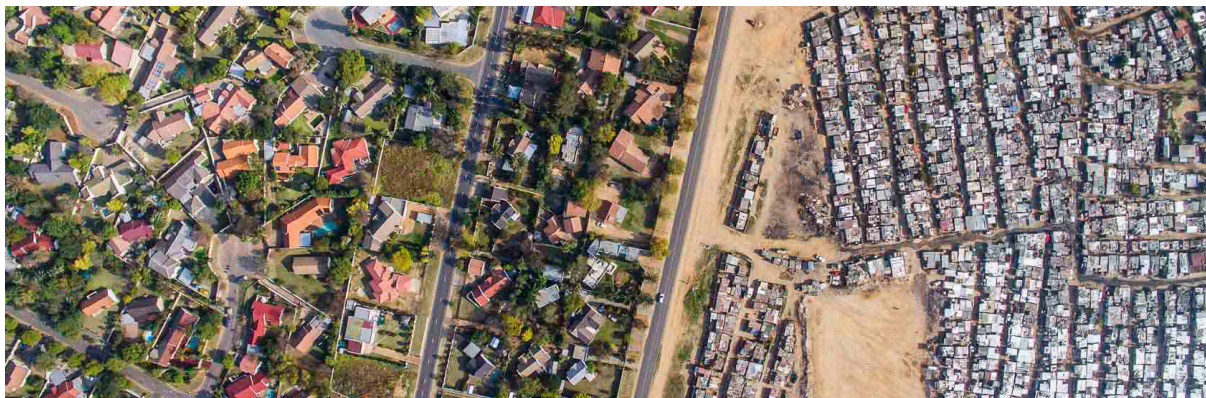


Figura 10. Ilustração sobre a Revolução Industrial (fonte: Crescimento populacional)

se encontrava nos subúrbios trabalhava, na sua maioria, nas grandes fábricas que sofrem uma deslocação para fora da cidade.

A sociedade operária, por ter um estatuto social diferente da população que trabalhava na cidade era posta de parte. Um operário não teria a mesma capacidade financeira que um banqueiro ou um dono de uma empresa tinham. Estes limites financeiros também faziam com que o posicionamento de uma habitação não fosse o mesmo. Por exemplo, para a classe operária encontrávamos os bairros operários onde não havia relação direta com a cidade.

Há uma grande estigmatização de um determinado local, devido à etnia que vive num determinado local, ou ainda a um nome que uma determinada zona adquiriu. Contudo existem afirmações onde a sociedade é a grande causadora da segregação de uma população, o zoning, vem efetuar a criação de diversas zonas, através de uma divisão cuidada para a organização de uma cidade, fazendo a distribuição de áreas laborais, ou residências. Esta separação pode ser um ponto positivo ou também um ponto negativo. Um ponto positivo, pois a cidade ganha um tecido organizado, uma divisão que foi pensada para o bem da população, procurando o bem-estar de uma pessoa, mas pode ser um ponto negativo devido à divisão da cidade (figura 11).



52 **Figura 11.** Segregação e divisão de uma população (fonte: KYA SANDS / BLOUBOSRAND)

Esta divisão, ao correr mal, faz com que uma parte da população se sinta excluída, pois não têm a mesma oferta e a mesma qualidade de vida como por exemplo de uma família que se encontra a habitar dentro de uma cidade.

Hoje em dia, a sociedade e as diversas cidades sofrem muito com a segregação e com separação de diversas zonas de modo a dividir uma população que, por diversas razões, quando vistas num local são mal interpretadas. O estigma que foi sendo criado ao longo dos tempos, tende a ser contrariado no presente, muitas vezes integrando minorias, demonstrando em diversos eventos as suas culturas, costumes e vivências. Deste modo, há uma relação e uma troca de experiências entre pessoas, adquirindo diversos gostos. A segregação, tem de ser contrariada, temos de conseguir ultrapassar os estigmas que a população impõe numa cidade. A igualdade é o principal.

Segundo Lefebvre, as pessoas têm direito a viver a cidade de igual forma, têm o direito de comunicar, têm o direito de trocar experiência sensoriais²⁹. A população tem o direito de habitar na cidade. As trocas sensoriais e as relações interpessoais são os grandes alicerces de uma cidade e todas as pessoas têm o direito de sentir, viver e experienciar a cidade sem se sentirem segregadas.

²⁹ LEFEBVRE, Henry – *O Direito à Cidade*, p.139





Cidade : Aldo Rossi

2.1.2

“A cidade, objeto deste livro, é aqui entendida como uma arquitetura. Ao falarmos de arquitetura não entendo referir-me apenas à imagem visual da cidade e ao conjunto das suas arquiteturas, mas, de preferência, à arquitetura como construção. Refiro-me à construção da cidade no tempo.”³⁰

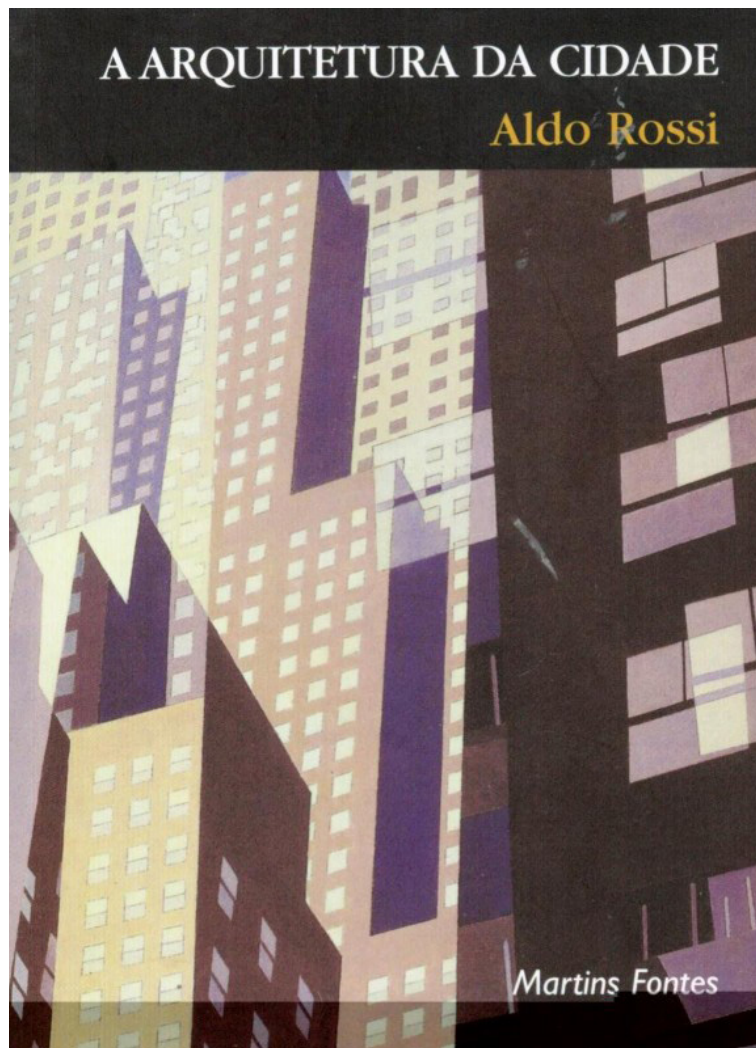
A cidade como componente histórica e cultural são as primeiras palavras que vêm à cabeça quando falamos de Aldo Rossi e do seu livro, “*L’Architettura della Città*” (1966) (figura 12).

Nesta obra, são referenciados vários autores, onde compara, e descreve diversos pensamentos sobre o espaço urbano. Ao longo da construção e da edificação da cidade, são vários os elementos e as volumetrias que marcam determinados locais, há sempre uma nítida relação dos diversos séculos que passam pela mesma, o passado e o futuro. Para esta relação é necessária uma aceitação das várias relações que o espaço pode acolher.

Em diversas cidades, as novas edificações não são bem aceites por pessoas de diversas faixas etárias, muitas vezes por não se reverem na obra de arquitetura, e também por acharem que um edifício não se insere num determinado local. Por vezes, a população prefere as edificações antigas que pertencem a um passado longínquo, mas a cidade não é produzida nem por edificações que apenas pertencem ao passado, nem por volumetrias que pertencem ao futuro, a cidade é fruto de uma junção de diversos elementos, construindo um local com variedade e com muita escolha, quanto à habitação, comércio, entre outros.

Contudo, não há consenso entre o passado e o futuro por parte da população, ou seja, a cidade muitas vezes está dividida entre o núcleo histórico, o centro, e as zonas mais novas denominadas “modernas”. Certos locais, esquecem-se que a zona histórica é a parte mais cativante e poética da cidade, mas com a formação de novos núcleos, e de habitação com uma construção mais recente juntamente com uma oferta de serviços, a área patrimonial começa a ser negligenciada. A harmonia entre estas duas esferas tem de ser entendida como um ponto de atratividade sendo assim procurada, tanto como para viver, tal como para visitar (figura 13).

Para Aldo Rossi, o espaço urbano não é apenas uma junção de edificações, mas sim uma junção de diversas escalas, desde a escala de uma rua, a uma escala de bairro e por fim uma escala de cidade, que o espaço urbano é caracterizado.



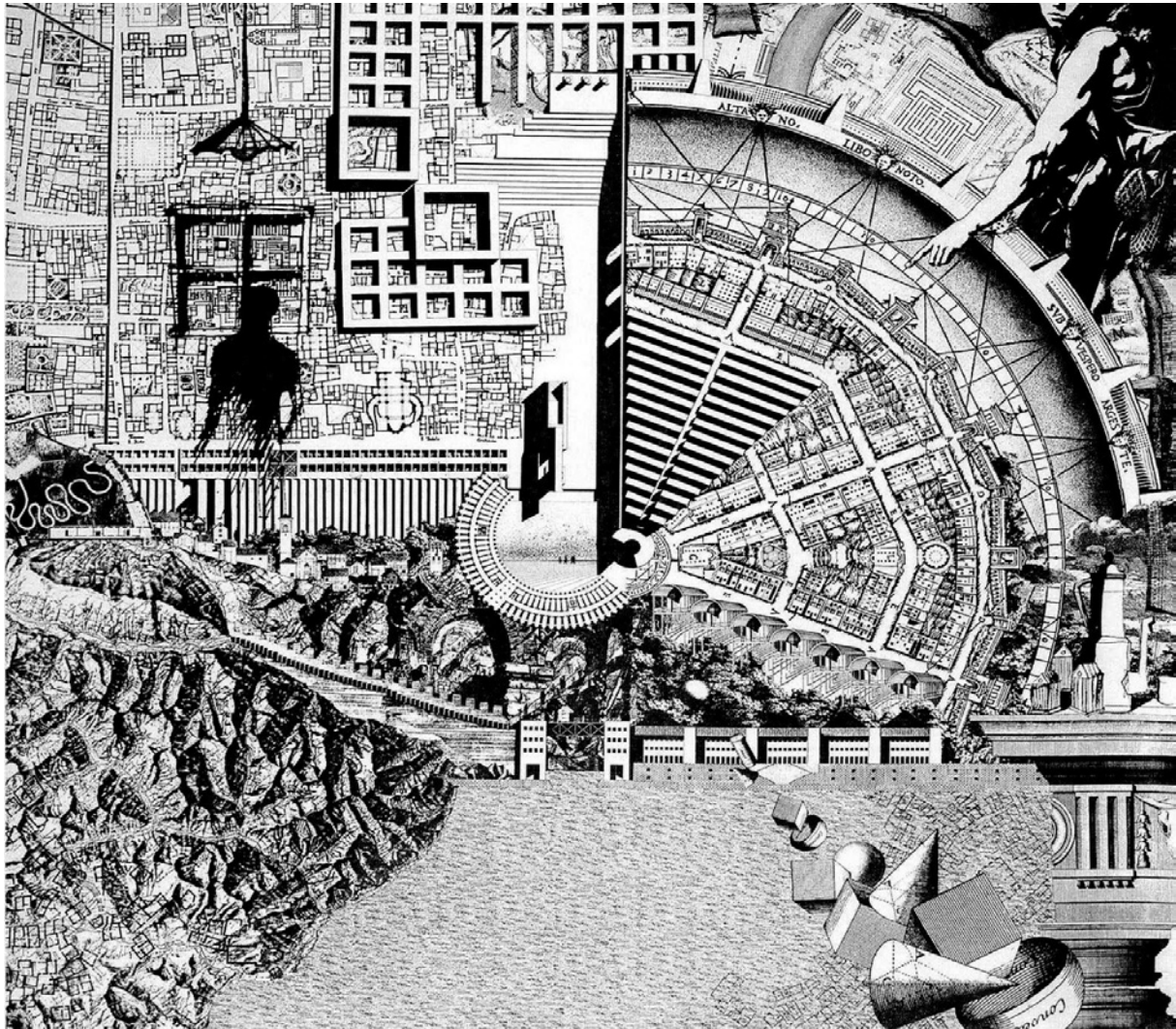


Figura 13. Città Analoga 1977 (fonte: ANTI-VITRUV & SUPER-BRUNELLESCHI)

Ao pensar qual é o significado de uma cidade e quais são os fatores que a conseguem representar, chegamos à conclusão que a cidade é uma consolidação de vários espaços e de escalas, como por exemplo, uma junção de diversos remendos que no seu todo formam um tecido, que por vezes podem ser organizados, ou então podem dispor um padrão desorganizado, mas que no seu todo têm um sentido que, só após um estudo ou uma melhor percepção fazem sentido. Estas junções de diversas áreas são visíveis nos diversos mapas que temos de diversos séculos e anos, representando a história que determinados locais têm (figura 14).



No seguimento deste pensamento sobre o tecido que consolida a cidade, o processo de transformação da mesma acontece devido a diversos fatores, questões tal como a representação de diversos monumentos em pinturas e fotografias sobre que hoje em dia já não existem, ou determinadas ruas que desaparecem, ou ainda zonas pontuais importantes para a história de uma cidade, como por exemplo um chafariz que em tempos disponibilizou água a uma série de pessoas não existir mais, ou ainda determinadas zonas onde um aqueduto desaparece, sendo este uma marca icónica da cidade, acontece devido a modificações causadas por necessidades humanas, ou por catástrofes naturais e ainda por guerras.

Hoje em dia, temos muitos exemplos de cidades que eram descritas como as mais belas do mundo, ou ainda com edificações icónicas que traçavam uma cultura, que por motivos de guerra, sofreram uma alteração, encontrando uma tábula rasa, que num futuro próximo quando o conflito acabar, estes espaços podem ganhar uma nova conotação.

Como já foi referido em capítulos anteriores, a transformação da cidade não se concretiza apenas pelas guerras e outros fatores mas também pela indústria, desde a separação de funções, à revolução industrial, reforçando tanto o significado de cidade e ainda a separação de uma área laboral, para uma área habitacional, passando pelo desenvolvimento dos transportes. As zonas de habitabilidade passam a ter uma função secundária, as deslocações passam a ser mais fáceis, porém temas como a segregação já referidas no capítulo anterior podem surgir, pois com esta facilidade quanto às deslocações, as habitações encontram-se fora da cidade, e que a sua procura acontece, geralmente, nos subúrbios, devido à preços mais acessíveis. Ou seja, a relação entre preço e qualidade, ganham coerência.

Cada cidade tem características diferentes. Enquanto umas possuem características e elementos geográficos, outra cidade poderá ter a história como grande referenciador de um local, são características que fazem aquele lugar único. Outro dos atributos que o espaço urbano oferece é a grande capacidade de acolher pessoas e equipamentos públicos, tal como a experiência que retiramos

da mesma seja diferente. Podemos afirmar que a cidade, ao contrário de um espaço rural, oferece mais condições, mas temos de considerar o tecido como um todo e não como pequenas partículas.

Segundo Aldo Rossi, a cidade é um conjunto de situações que dão carácter a uma cidade, transformando-a e tornando-a numa peça de arte, onde as relações temporais devem ser respeitadas.





Cidade : Jen Gehl

2.1.3

“For decades the human dimension has been an overlooked and haphazardly addressed urban planning topic, while many other issues, such as accommodating the rocketing rise in car traffic, have come more strongly into focus. In addition, dominant planning ideologies – modernism in particular – have specifically put a low priority on public space, pedestrianism and the role of city space as a meeting place for urban dwellers.”³¹

66 ³¹ GEHL, Jan – *Cities for People*, p. 3

“Cidade para Pessoas”(2010) (figura 15) é outra forma de olhar para a cidade. Um livro onde se procura perceber uma escala que é direcionada para as pessoas e o objetivo é melhorar o espaço público.

Jan Gehl defende que a cidade, quando é planeada, tem de ser pensada para o bem-estar das pessoas, e na forma como estas se vão sentir quando estão a passear ou a experienciar várias sensações que o espaço público lhes fornece. As relações entre o passado e o futuro são muito importantes para este tipo de questões. Quando invocamos o passado, com surgir dos transportes, o espaço urbano começa a ser planeado para os comboios e para os automóveis, esquecendo-se do mais importante, o espaço vivido pelo ser humano. Com o passar dos anos, houve um progresso na sociedade e as pessoas começaram a procurar diversos espaços dentro da cidade para conviver e negociar, dinamizando várias zonas. Para que isto seja possível, o planeamento da cidade começa a evoluir e a dar importância à preocupação com a segurança dos peões. A criação de ciclovias ajuda a que parte da população em alguns países troque o carro pela bicicleta. Assim, a cidade começa a ser planeada tendo em atenção vias alternativas de circulação em oposição aos automóveis.

A segurança é mais um fator, e o mais importante, quando abordamos o tema da cidade. Quando procuramos um local para visitar, passear ou observar, a segurança é a nossa primeira preocupação. A decisão é tomada para que se possa passear, andar na rua, socializar, evitando lugares perigosos.

Jan Gehl destaca a visão, a audição e a gesticulação, como sendo os três sentidos imprescindíveis no nosso dia-a-dia, é através destes que conseguimos compreender a cidade, vivê-la e aproveitá-la, captando o máximo de sensações que esta nos transmite³². Para usufruir do espaço público devemos perceber o impacto do tráfego, dos transportes públicos e da iluminação. Os transportes, são um grande problema para a segurança das cidades, o pedestre quando é submetido a diversos meios de transporte numa rua, tem tendência a sentir-se vulnerável, porque os passeios costumam ser reduzidos e ficam expostos a acidentes. Os nossos sentidos neste tipo de situações são muito importantes.

³² GEHL, Jan – *Cities for People*, p. 119

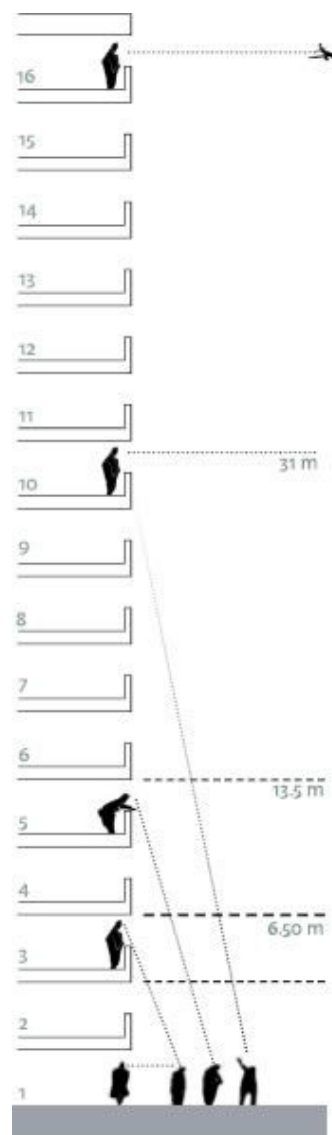
Jan Gehl **Cidades
Para Pessoas**



A iluminação num espaço público é também muito importante, será esta que em parte, vai diminuir a criminalidade e proporcionar um maior bem-estar às pessoas. Neste campo da segurança, os nossos sentidos são muito importantes, para nos defendermos ou então conseguirmos ajudar alguém que precise.

Outro ponto salientado pelo autor é a escala³³ (figura 16). A escala de um local é muito importante quando pensamos em espaços. Uma grande escala ou uma escala mais pequena, são ambas encontradas em diversas cidades, mas cada uma tem uma influência diferente sobre uma pessoa. A grande escala torna uma cidade arrebatadora para quem a visita, mas se por um lado é uma escala onde o indivíduo se sente deslumbrado, por outro lado é onde temos um carácter muito impessoal. A escala mais pequena, é uma escala mais humana, onde a pessoa se sente mais confortável e mais segura.

Gehl reflete sobre a cidade como um teatro.³⁴ A cidade é um espaço com vários cenários. Cada rua, cidade ou bairro possui os seus atores, que são pessoas que vivem e experienciam o local, desenvolvendo movimentos e trocas de experiências.



³³ GEHL, Jan – *Cities for People*, p. 33

³⁴ GEHL, Jan – *Cities for People*, p. 63

Figura 16. Campo visual numa escala impessoal (fonte: Cidade para Pessoas, 2014)

O que reparamos quando estamos muito tempo num local, como por exemplo numa grande rua de comércio, é que a rua e as suas lojas são sempre as mesmas mas os atores a cada segundo, minuto ou hora vão trocando, passando o papel principal ou secundário a outro indivíduo. Geralmente estes cenários estão cheios de atores quando as qualidades dos espaços públicos oferecem boas qualidades e bons equipamentos para uma pessoa se sentir bem. Uma grande praça sem nenhum banco, sem nenhuma árvore, ou algo que capte a atenção de uma pessoa para lá passar algum tempo, não se torna um espaço apelativo, tornando-se apenas um espaço de passagem e não de permanência.

Quando um espaço se torna apelativo, as trocas de impressões e sensações entre as pessoas tornam-se maiores, os espaços começam a ser planeados para albergar mais população, e a qualidade de vida também aumenta significativamente. As peças de arte, ou elementos escultóricos são muito importantes para a dinamização de um determinado cenário. Por exemplo, uma peça de um determinado artista reconhecido a nível internacional, fará com que aquele espaço seja procurado pela população em geral.

Segundo Gehl, as cidades cada vez mais têm sido pensadas de modo a oferecer às pessoas uma qualidade de vida melhor, nomeadamente, e entre outros, através da criação de novas praças, de novos quiosques, da plantação de mais árvores, e a criação de mais equipamentos³⁵(figura 17). A redução das vias rodoviárias e a criação das ciclovias, são formas de presentear uma população, atraindo diversas atividades e eventos que tornam os cenários todos diferentes, mas todos com o mesmo objetivo, oferecer um local onde a permanência tem o lugar principal. (figura 18)



Figura 17. Escala de rua (fonte: HUMAN-SCALE STREETS)



Figura 18. Relações interpessoais (fonte: A MARCA HUMANA)





Cidade : Parasita

2.2

“The parasite is a microbe, an insidious infection that takes without giving and weakens without killing. The parasite is also a guest, who exchanges his talk, praise, and flattery for food. The parasite is noise as well, the static in a system or the interference in a channel.”³⁶

³⁶ SERRES, Michele- **parasite**, pág. 10

pa·ra·si·ta (grego *parásitos*, -os, -on, que come à mesa de outro). (1). Que ou quem come ou vive à custa de outro ou de outros. = PARASITO ; (2). [Biologia] Diz-se de ou ser vivo que vive em ou se alimenta de outro ser vivo, podendo causar-lhe dano. = PARASITO; (3). Diz-se de ou ruído que perturba, em especial nas transmissões radioelétricas; (4). [Figurado] Inútil, supérfluo.³⁷

O crescimento demográfico e a sua concentração nas cidades são temas que têm vindo a preocupar vários autores nos últimos anos. Segundo alguns estudos, a população mundial irá atingir os 7,7 mil milhões em 2050.³⁸ A falta de espaços livres que viabilizem novas volumetrias e que consigam responder à necessidade de habitação mundial, deve ser um tema de reflexão também para os arquitetos (figura 19) .



Figura 19. Sobrepopulação de uma cidade (fonte: proprietycasualty360)

³⁷ Parasita[em linha] . [Consult 24 de novembro 2017]

Disponível em

WWW:<URL:https://www:<URL: https://www.priberam.pt/dlpo/parasita>

³⁸ VIEIRA, Rogério- **Crescimento Populacional e Desenvolvimento Sustentável Emigração** [em linha] . [Consult 24 de novembro 2017]

Disponível em

WWW:<URL:https://www.webartigos.com/artigos/crescimento-populacional-e-desenvolvimento-sustentavel/33266/>

Neste cenário, surge o conceito de cidade parasita como solução. Este foca-se na intervenção numa volumetria pré-existente de forma a valorizar e dar uma nova conotação a esse edifício. Como já foi referido anteriormente, o tecido urbano tem vindo a ficar muito consolidado, a herança que a cidade nos dá juntamente com novas edificações fazem com que o solo não tenha grande capacidade de acolher mais edificações. A cidade é vista como uma cidade nómada, com edificações fixas, onde o pensamento e a reflexão que é feita para esta não é demonstrada.³⁹ A cidade parasita, neste caso pode ser uma formas de solucionar o problema. O parasita é considerado um hóspede, ou seja, é aquele que usufrui de algo para tirar proveito do hospedeiro. Este tem a capacidade de atravessar várias áreas, tornando-as diferentes. Colocando assim a terminologia do parasita, preparada para um possível debate do contemporâneo.⁴⁰

Neste capítulo, a cidade é estudada através de diversas práticas. Os autores estudados são: (1) Luis Felipe Vera (1984) com uma visão pratica sobre a Cidade Efémera , com o seu livro - Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City (2015) (figura20) ; (2) Stephane Malka , através de uma visão que aborda a Cidade Fléxivel e Cidade Emergente , com o seu livro Le Petit Paris (2014) (figura 21); e (3) por fim a cidade Convertível de Stefan Eberstadt (1961) com Rucksack House, projetado em 2004 (figura 22). Os três autores, ao logo das suas obras, embora em esferas diferentes, apresentam um pensamento sobre novas formas de habitar a cidade, contornando os problemas que são impostos por esta, através de materiais flexíveis que possibilitam o seu transporte e fácil adaptação consoante às necessidades do local.

³⁹ MARINI, Sara- *Architettura Parasita: Strategie Di Riciclaggio Per La Città*, p. 44

76 ⁴⁰ MARINI, Sara- *Architettura Parasita: Strategie Di Riciclaggio Per La Città*, p. 28



Figura 20. Luis Felipe Vera (fonte: Wikipédia)

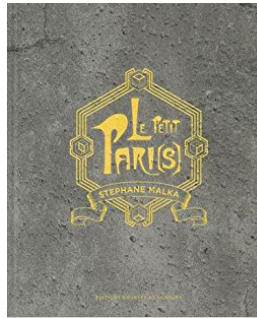


Figura 21. Stephane Malka (fonte: Wikipédia)



Figura 22. Stefan Eberstadt (fonte: Wikipédia)

O parasitismo é associado à esfera animal, no entanto, dentro de uma cidade, o termo pode ser relacionado com diferentes realidades, o ruído, o caos e a apropriação de diferentes organismos. O parasita, como já foi referido, é um hóspede que tira sempre proveito de algo, ou seja, consegue reavivar corpos arquitetónicos e fá-lo com um cinismo puro, onde locais que foram abandonados ganham uma nova forma de espacialidade⁴¹ (figura23).



Figura 23. O parasita e a sua apropriação (fonte: Wikipédia)

Quando associado a uma cidade, não tem como intuito retirar tudo o que a cidade em tempos construiu, mas absorver a herança que nos foi deixada. O que o parasita pretende adicionar é uma nova dinamização dos espaços, e novas soluções de carácter temporário, para problemas que surgem numa determinada situação.

O vírus parasita, a arquitetura parasita e a cidade parasita geram uma cidade distinta, oferecendo uma nova dinâmica, transformando espaços devolutos numa nova vida para a metrópole.⁴² O objetivo é potenciar o que a cidade tem com memória e como herança. A grande revolução que este tipo de estrutura traz é a capacidade de multiplicação e mutação que proporciona à cidade e às pré-existências.⁴³

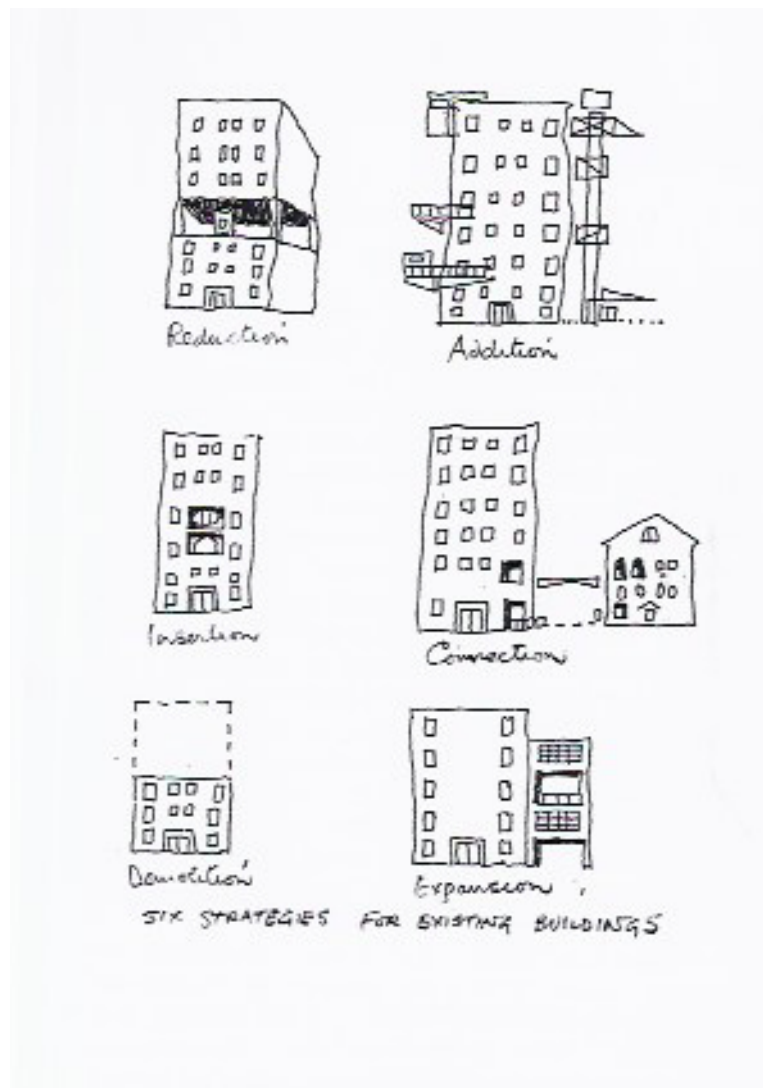
Sara Marini descreve a cidade parasita como estratificação, sobreposição e adição. Estes princípios representam a relação entre a arquitetura e o funcionalismo, com o objetivo de obter diversos códigos, transpondo-os para operações conceituais nos edifícios.⁴⁴ A adição, representa uma ação sem fornecer informação sobre a natureza do objeto. Este apresenta-se entre possíveis variações, aquela que é dotada a propriedades cumulativas. A adição não faz explicitamente a sobrevalorização da nova construção, mas sim a ênfase de uma ordem temporal. A estratificação é uma dinâmica cristalizada num determinado tempo. Um pano que é colocado sobre o solo, tendo sempre uma continuidade é outro pensamento associado à estratificação. Este termo pode ser usado ou não em conformidade entre o hospede e o hospedeiro. Por fim, a sobreposição, tal como a adição, não dá mais detalhes sobre a natureza de um objeto, ou seja, há uma ausência de qualquer relação e diálogo entre a ação e a camada subjacente⁴⁵ (figura 24).

⁴² SIMÕES, Ana Rita- **A arquitetura viral com o método de reabilitação da cidade**, p. 34

⁴³ SIMÕES, Ana Rita- **A arquitetura viral com o método de reabilitação da cidade**, p. 61

⁴⁴ MARINI, Sara- **Architettura Parasita: Strategie Di Riciclaggio Per La Città**, p. 170

⁴⁵ MARINI, Sara- **Architettura Parasita: Strategie Di Riciclaggio Per La Città**, p. 172



A arquitetura parasita e a cidade parasita têm a facilidade de criar vários espaços sem ocupar solos urbanos. As cidades, hoje em dia, expandem-se para os subúrbios, e com este novo conceito de cidade conseguimos ter mais aglomerações no seu centro, sem que haja um distanciamento tão grande da mesma. As construções parasitas podem valorizar muito um território e também um edifício.⁴⁶

É na cidade que nos vamos habituar a diversos fatores, entre eles, ruídos. O ser humano tende a adaptar-se a variadas condições que lhe são impostas, e uma grande cidade sem barulho não é, por regra, normal.⁴⁷ Podemos comparar as novas construções a um barulho ensurdecedor e muito incomodativo. Primeiramente estas novas soluções poderão não ser aceites por toda a população, mas, após um entendimento da eficácia destes recursos, a população aceitará e irá habituar-se, tal como ao ruído existente ao longo das ruas da cidade.

O parasitismo tem como principal característica a dualidade que este nos oferece, ou seja, iremos ter sempre dois ou mais corpos, onde o primeiro será sempre a pré-existência e por fim as células que se irão agarrar a este. Será correto afirmar que o edifício se torna mais apelativo sem perder a função primária e, por vezes quando o edifício se encontra devoluto, estas soluções podem procurar uma espacialidade diferente, relativamente à original.⁴⁸

Yona Friedman (figura 25) é um dos arquitetos de vanguarda que começa a pensar numa arquitetura móvel, uma construção flexível que tem como princípio a desocupação do solo. Uma edificação que surge em cima da cidade, móvel, tendo preocupação com a destruição de diversos espaços patrimoniais e ainda com a sua expansão. Era necessária a compactação da cidade e não a sua expansão. Friedman desenvolve o projeto *Ville Spatiale* (1958) onde propõe uma arquitetura móvel, que explora zonas flexíveis, constituídas por materiais fáceis de encontrar, de forma a edificar a esta nova expansão da cidade o mais rápido possível. A escala neste novo espaço urbano é maior, encontrando vários locais suspensos onde as células habitacionais não têm um local certo. A sua edificação é conseguida

⁴⁶ MARINI, Sara- *Architettura Parasita: Strategie Di Riciclaggio Per La Città*, p. 311

⁴⁷ SERRES, Michele- *parasite*, p. 14

⁴⁸ MARINI, Sara- *Architettura Parasita: Strategie Di Riciclaggio Per La Città*, p. 224

através de colunas altas, e com o mínimo de impacto possível, idealizando de que forma a relação entre o espaço superior e o espaço inferior poderia ser feita ⁴⁹ (figura 26 e 27).



Figura 25. Yona Friedman (fonte: Communic'art)

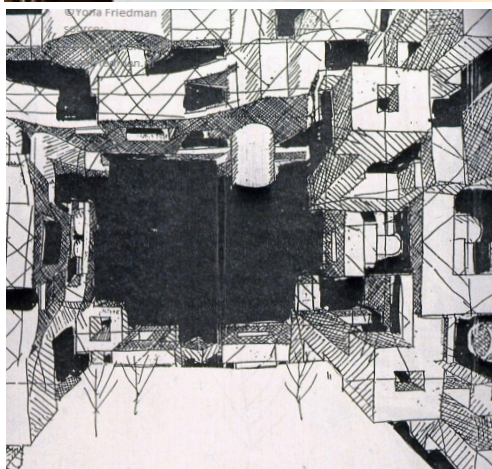


Figura 26. Vila espacial (fonte: Ville Spatiale, scale of the concept)

⁴⁹ **Mobile Architecture** [em linha]. [Consult. 20 de Fevereiro 2017]

Disponível em

WWW:<URL:<https://www.yonafriedman.nl/?page_id=225>

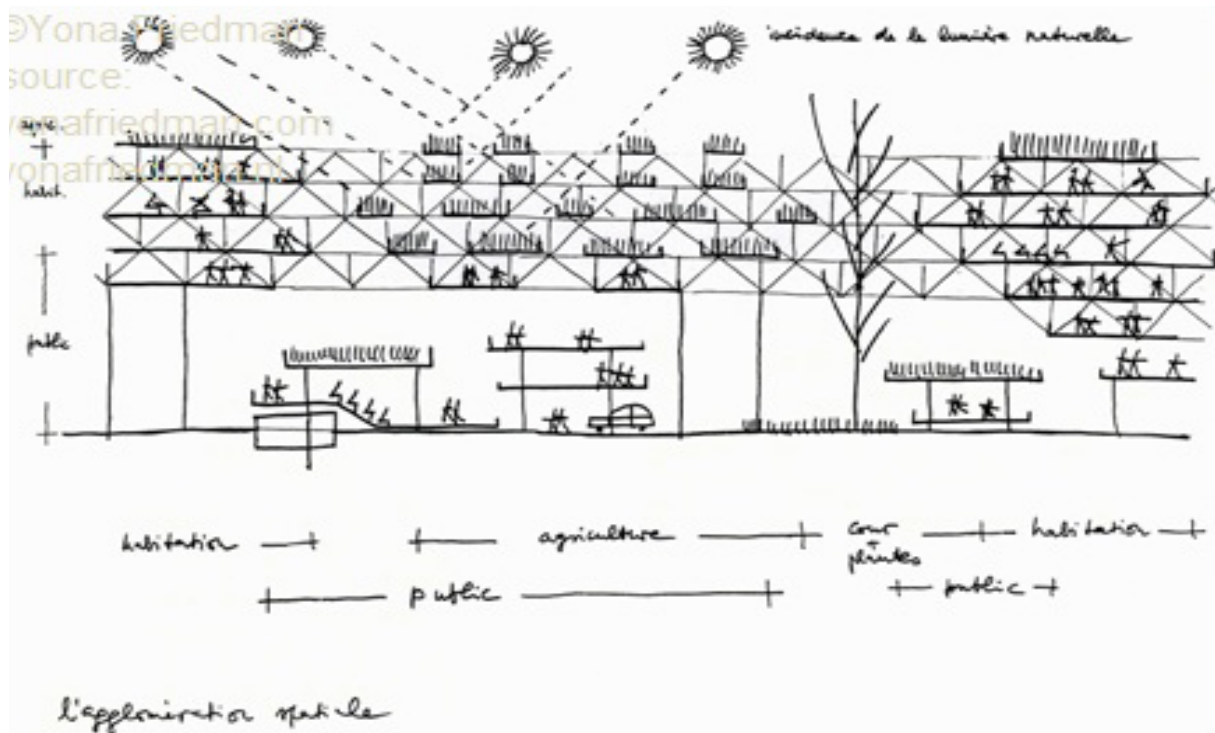


Figura 27. Vila espacial (fonte: Ville Spatiale, scale of the concept)

Novas visões para a cidade trazem soluções que por vezes se revelam surpreendentes. Uma arquitetura que se espalha pela cidade, que tem uma denominação de “parasita”, poderá ser uma opção de futuro para a cidade?

O fator de permanência é importante quando se aborda o parasitismo. Podemos encontrar vários projetos com dois tipos: o carácter temporário e o carácter permanente. Os projetos que encontramos na maioria têm um carácter temporário, devido à facilidade de desmontar uma estrutura. É interessante perceber como os problemas da cidade e as novas soluções do parasitismo se interligam. Uma solução futurista poderá solucionar determinados problemas: o crescimento da população e a falta de espaços no solo. A cidade parasita é uma solução simples que fará a cidade ganhar mais espaço.

Outro dos problemas é o abandono das grandes e pequenas infraestruturas que repetidamente se encontram devolutas, encontrando-as especialmente nos centros históricos. A cidade parasita preocupa-se em recuperar estes espaços e torná-los em algo especial, sem destruir um edifício ou um espaço que já foi importante para determinado local. O problema da criminalidade, também pode ser resolvido com este tipo de soluções construtivas. Muitos dos espaços que sofrem com vários problemas sociais como a toxicodependência, entre outros, podem ser controlados com vários tipos de soluções que a cidade parasita aborda.

A hipótese de expandir um espaço também é possível com este tipo de construção. A ampliação tanto poderá ser de uma sala, como de um novo quarto ou ainda com a criação de uma fachada verde em cidades que o pouco espaço verde que existe não é procurado. Estas representam-se como soluções que resolvem problemas de uma forma rápida e eficaz através de uma maior flexibilidade.

A cidade também pode ser aproveitada em vários pontos, como estações de metro e de comboios, onde primeiramente teríamos um lugar sem nenhuma intensidade, e ao tirar proveito destas infraestruturas, passamos a conseguir a revitalização de um local.

As soluções para estes problemas acima referidos serão estudadas nos casos de estudo. O primeiro caso é sobre uma cidade “móvel”, “efémera” que acolhe um festival religioso que apenas se

realiza de 12 em 12 anos, em que é preciso garantir abrigo para toda a população que quer participar nesta festa. O segundo, apresenta diversos projetos desenvolvidos por um arquiteto francês. Os projetos localizam-se todos em Paris e arredores, e apresentam várias soluções para uma cidade emergente e uma cidade flexível. O último, refere-se à cidade convertível. Estuda a adição de uma forma à fachada de um edifício pré-existente, aumentando o espaço e mantendo a privacidade do utilizador.





Cidade :Efémera
Kumbhmela

2.2.1

Efêmero, em grego, efêmeros. Como adjetivo é aquele que dura só um dia, de curta duração, tendo como sinónimos, breve, passageiro, temporário, transitório.⁵⁰

A cidade Efêmera é descrita por Luis Felipe Vera, urbanista chileno, que está envolvido em diversos programas de desenvolvimento urbano, de modo a ajudar e contribuir para a implementação de projetos sobre as cidades emergentes e sustentáveis. Vera é autor de diversas obras sobre o que é permanente e o que é efêmero, sendo o livro “Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City” (2015) (figura 28), o abordado neste capítulo.⁵¹

Kumbh Mela é um festival hindu que ocorre de 12 em 12 anos, na cidade de Allahabad, onde temos presente o Rio Ganga e o Rio Yamuna. O festival é uma junção de diferentes esferas. As pessoas, a saúde pública, a peregrinação, a religião, o planeamento, o design, a engenharia e a tecnologia, são todas as esferas que convergem neste festival. Percebendo a dinâmica deste festival, e de como é que as coisas se vão desenvolvendo e ocorrendo, conseguimos perceber que este caso de estudo pode ser aplicado a outro tipo de sistemas, em diversas cidades, como por exemplo campos de refugiados, guerras, ou desastres naturais⁵² (figura 29).

O festival cria uma cidade temporária que pode ser construída e desconstruída em semanas. O urbanismo contemporâneo traz para este local questões como o *zoning*, eletricidade, comidas, hospitais, espaços de reunião entre pessoas. A cidade temporária, tem duas zonas, a primeira a zona residencial que é dividida hierarquicamente, e a segunda zona, as infraestruturas, onde encontramos espaços de reunião, os refeitórios, os hospitais, as pontes entre outros.⁵³

⁵⁰ “**efêmera**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], [Consult. 6 de Julho 2017]
Disponível em
WWW:<URL:https://www.priberam.pt/dlpo/ef%C3%A9mera>

⁵¹ **Felipe Vera, Harvard University Graduate School of Design** [em linha], [Consult. 6 de Julho 2017].
Disponível em
WWW:<URL:https://www.gsd.harvard.edu/person/felipe-vera/>

⁵² FELIPE VERA, Luís- **Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City**, p. 1

⁵³ FELIPE VERA, Luís- **Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City**, p. 4

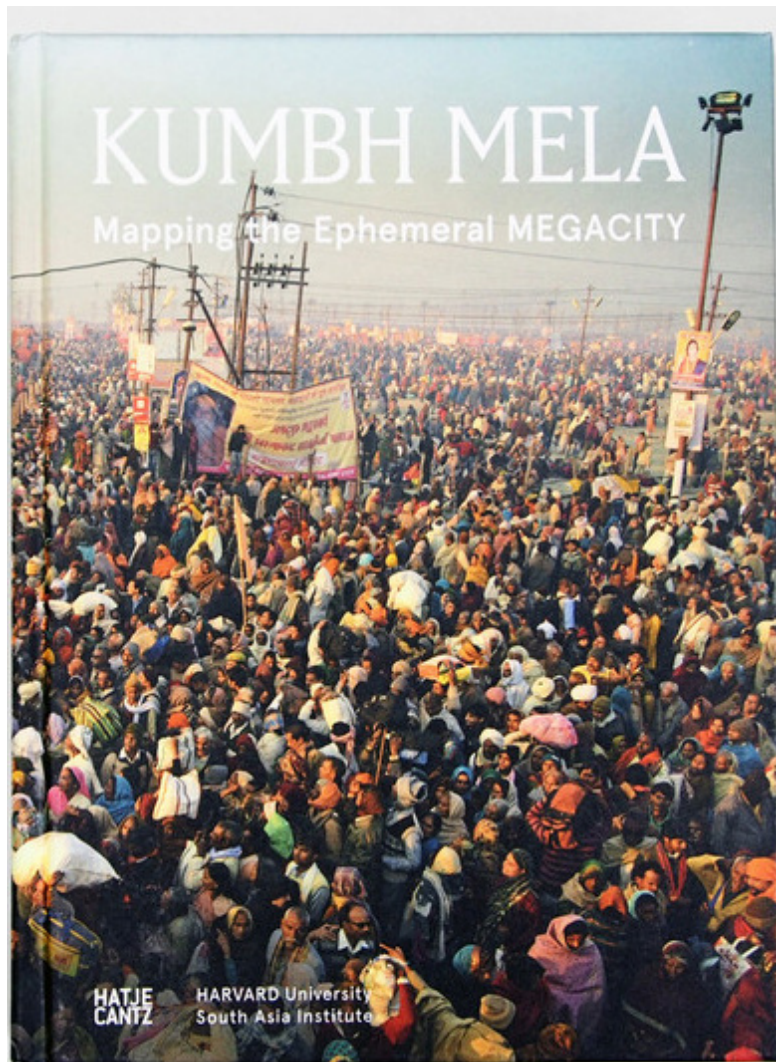


Figura 28. Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City(fonte: Archdaily)



Figura 29. Dinâmica local (fonte: Everfest)

As cidades efémeras ocorrem apenas quando existe um festival, por exemplo o festival Maha Kumbh, tem um ciclo de 144 anos, tendo sido o último em 2001. O The purna Kumbh, ou Kumbh Mela, ocorre de 12 em 12 anos, e o Ardh Kumbh, de 6 em 6 anos e por fim O kumbh que é de 3 em 3 anos.⁵⁴ As quatro cidades, são estruturadas por corpos de rio. Allahabad, está situado geograficamente num ponto onde o rio Ganga e Yamuna se unem. Para cruzarem estes rios, são usadas pontes, tanto pedonais como de veículos. Se observarmos o layout da cidade, apercebemo-nos de vários terrenos baldios, situados próximos do rio, estes terrenos são muito importantes. Primeiramente, quando não existem festivais, estes são usados para agricultura e produção, devido à fertilidade que estes terrenos possuem. Quando existem festivais, são estes que vão albergar os peregrinos que vêm de todo o lado, evitando assim a confusão dentro da cidade ⁵⁵ (figura 30).

Tendas para comer, dormir, rezar, para entretenimento, reuniões, são as características básicas do festival Kumbh Mela (figura 31). Estes abrigos estão dispostos e organizados por uma grelha, que determina onde se vai localizar cada habitação e definir os diversos caminhos pedonais. A planta está definida por grelhas, como já foi referido, separando as zonas de descanso das zonas de Lazer, ou seja, de um lado temos as zonas habitacionais, e de outro lado, a zona publica, que é onde encontramos todas as áreas relativas ao convívio, saúde e alimentação. ⁵⁶

Os locais e as cidades onde estes festivais se inserem, transformam as diversas paisagens. Dependendo do festival ou da época, a ocupação que é feita espacialmente está sempre dividida mas a sua orientação é dada apenas com os ciclos lunares. Allahabad, Haridwar, Ujjain e Nashik, estão localizados na Índia, estes destinos estão inteiramente conectados com festivais religiosos e espirituais. A água e a terra são os dois elementos mais importantes e com mais impacto nestes locais. ⁵⁷

⁵⁴ FELIPE VERA, Luís- *Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City*, p. 15

⁵⁵ FELIPE VERA, Luís- *Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City*, p. 19

⁵⁶ FELIPE VERA, Luís- *Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City*, p. 27

⁵⁷ FELIPE VERA, Luís- *Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City*, p. 33

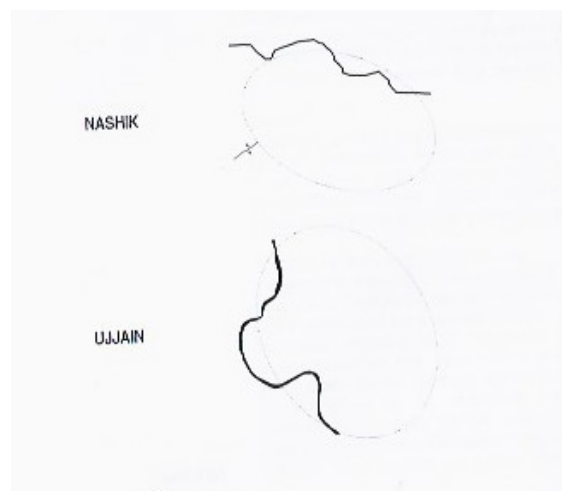
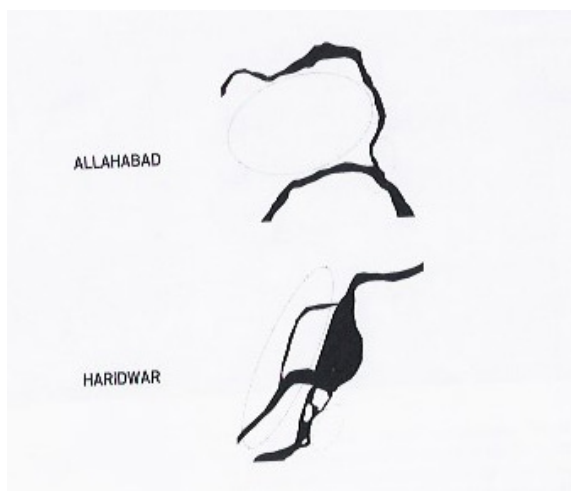


Figura 30. Cidades efémeras (fonte: Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City)



Figura 31. Zona de dormitório (fonte: International Planning History Society Proceedings)

Após uma breve descrição sobre o festival, é importante perceber o impacto e potencial que este tipo de cidade poderão ter num futuro próximo.

A concretização de uma cidade em caso de emergência ou de um festival, como é o caso, em meras semanas, demonstra como com algum conhecimento, um espaço bem organizado e minimamente confortável pode ser erguido havendo sempre um respeito mútuo entre o espaço urbano e o ser humano. Estes festivais muitas vezes podem acolher milhões de pessoas, peregrinos de várias partes do país, que fazem o seu percurso a pé, para tal a existência de pontes pedonais que atravessam os diferentes rios, é uma exigência (figura 32).

O planeamento que encontramos antes e após o festival é diferente, se inicialmente uma ou duas pontes são suficientes para fazer uma travessia pedonal entre as duas margens, durante o festival, duas são poucas. Não são apenas as tendas que possuem um carácter efémero, as pontes em si também têm o mesmo carácter. Através de cápsulas metálicas, produzidas pelos próprios participantes do festival, e a sua nivelção composta por uma estrutura metálica revestida por ripas de madeira, estas pontes podem ser retidas ou repostas consoante a afluência que o festival tem (figura 33).

Concluindo, estas cidades com carácter temporário, através de um esforço comunitário, conseguem atingir objetivos reais, apesar de haver muitos pontos onde melhorar, tal como questões de higiene, entre outros. Estas cidades podem ser as grandes cidades do futuro.



Figura 32. Pontes edificadas (fonte: Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City)



Figura 33. Construções das pontes (fonte: Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City)



**Cidade :Fléxivel I
Emergente**

Le Petit Paris

2.2.2

Flexível, o que se dobra ou se verga facilmente sem se quebrar, o que se acomoda, que se presta.⁵⁸

Emergente, aquele que emerge, que resulta ou procede, que sai de um meio que atravessou.⁵⁹

Conceitos como flexibilidade e emergência, são retratados na obra, “*Le Petit Paris*” (2014) (figura 34). O livro expõe várias possibilidades arquitetônicas para desenhar a cidade e arquitectura parasita. O autor do livro é Stephane Malka, um arquitecto francês, que começou a sua carreira com a arte do graffiti, explorando a cidade e o seu potencial de forma muito variada. Malka abre o seu estúdio, com o objetivo partilhar as suas visões para a cidade do futuro. Nos seus projetos, a tecnologia e o meio ambiente vivem em conformidade.⁶⁰

“*Le Petit Paris*”, expõe diversos projetos divididos em quatro grupos: (1) os projetos desenvolvidos em cima dos edifícios pré-existentes; (2) os que estão por baixo dos edifícios; (3) aqueles que são pensados para o interior; e por fim (4) os que são projetados para as fachadas das preexistências.

Alguns dos projetos são apenas pensamentos e esquemas onde Malka reflete sobre problemas encontrados na cidade e arredores de Paris.

Segundo Malka, a cidade flexível e a cidade emergente são dois conceitos que se completam, e que por vezes não se conseguem separar para desenhar a cidade em conformidade. A flexibilidade, advém de uma necessidade de dar resposta a pequenos problemas que nos são impostos devido a diversos fatores, e é conseguida através de materiais leves e baratos, de fácil construção.

⁵⁸ “**flexível**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], [consult. 7 de Agosto 2017].

Disponível em
WWW:<URL:https://www.priberam.pt/dlpo/flex%C3%ADvel>

⁵⁹ “**Emergente**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], [Consult. 8 de Agosto 2017].

Disponível em
WWW:<URL:https://www.priberam.pt/dlpo/emergente>

⁶⁰ **Stephane Malka** [em linha], [Consult. 2 de Fevereiro 2017].

Disponível em
WWW:<URL:https://www.archilovers.com/stephane-malka/>

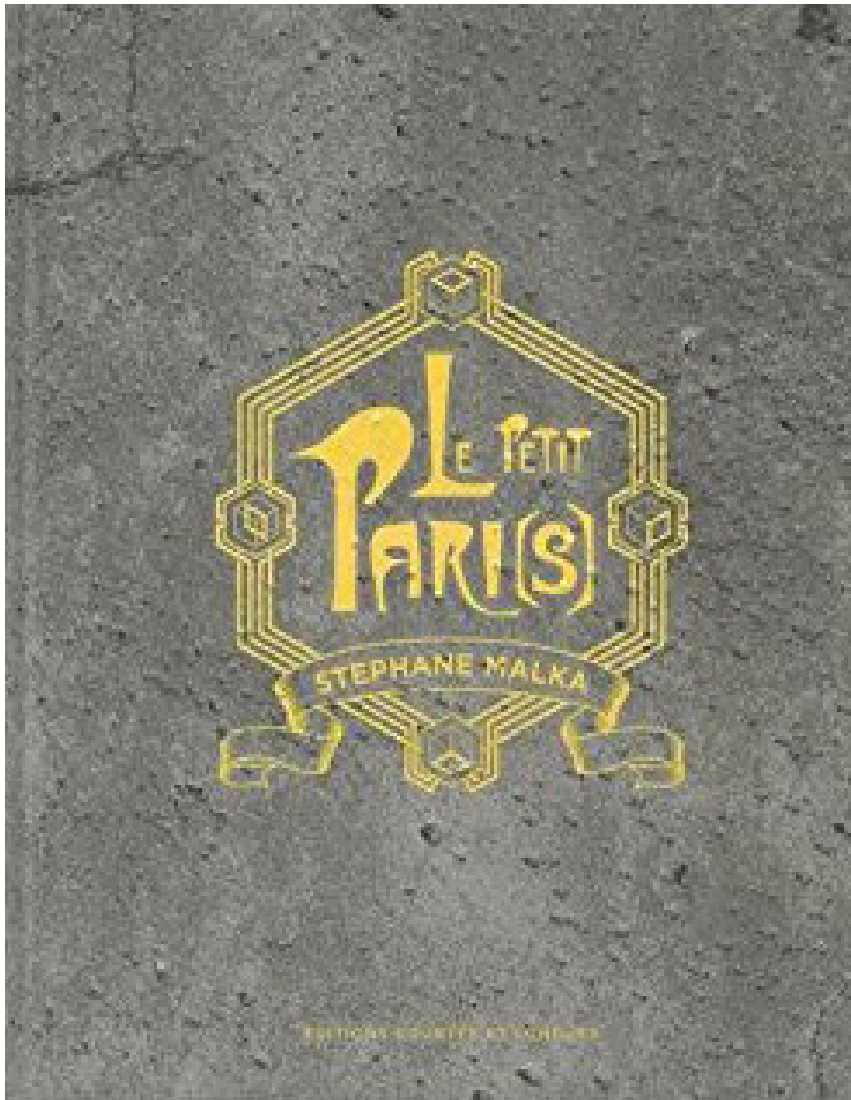


Figura 34. Le Petit Paris (fonte: Batiactu)

É com estes que conseguimos transformar fachadas de edifícios ou mesmo o seu interior, conferindo novos espaços para determinados locais da cidade. Como já foi referido em capítulos anteriores, quão menor for a capacidade do solo para edificar novas volumetrias, mais o valor dos imóveis alcança custos ncomportáveis.

Stephane Malka no projeto “Buro- Actif”⁶¹ (figura 35), propõe um aproveitamento de um edifício devoluto para a criação de diversos espaços através da utilização de um material barato e de construção rápida que transforme o edifício num espaço renovado. As ripas de madeira são o material escolhido para esta regeneração. As diversas ripas criam um padrão e ao mesmo tempo preenchem espaços vazios entre edificado já existente. Através de uma luz direta mas que é controlada com a madeira, o ambiente que é criado no seu interior é destinado a espaços para freelancers, que os podem arrendar semanalmente. ⁶² Esta proposta é um exemplo de como a cidade flexível, pode aparecer de uma forma simples através de uma adição entre dois edifícios sem comprometer os vãos do edificado (figura 36).

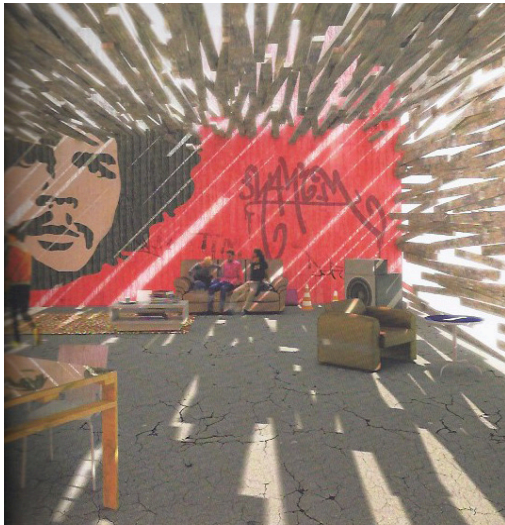


Figura 35. Ambiente interior (fonte: Le petit Paris)

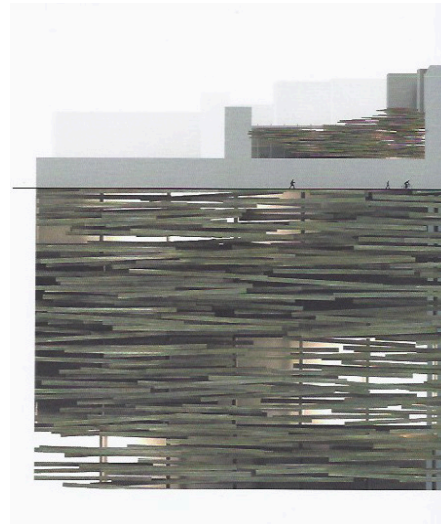


Figura 36. Utilização das ripas de madeira (fonte: Le petit Paris)

⁶¹ MALKA, Stephane - Le petit Paris, pag.37 -48

100 ⁶² Idem, pág. 51

“Galerie Bunker”⁶³, reflete o princípio do parasitismo. Trata-se de uma proposta de galeria de arte localizada por baixo da Estação de metro Barbès, em Paris. O propósito desta intervenção é a diversificação cultural através de diversas obras de arte que aquele local poderá receber. A galeria está localizada num percurso onde o fluxo de habitantes e turistas é numeroso, entre um mercado e a entrada do metro, e tem como infraestrutura base a ponte do metro já existente. Para a edificação do mesmo, o arquiteto propõe a construção com recurso a blocos de betão pré-fabricado, que criam uma uniformidade entre a ponte e a galeria. O espaço é dividido entre diversos cubos, em que cada um procura uma função específica. Uns para a exposição de esculturas e outros para ateliers expostos para a rua, procurando uma relação quase pessoal entre o artista e o espectador e também entre a obra e o público⁶⁴ (figura 37).

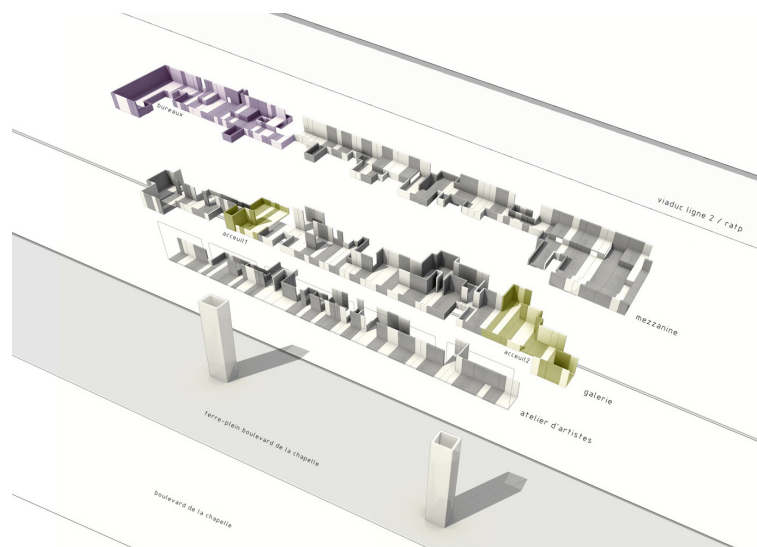


Figura 37 . Divisão programática do espaço (fonte: Le petit Paris)

⁶³ Idem, pág. 51-67

⁶⁴ MALKA ,Stephane- **Le petit Paris**, pág. 83

A flexibilidade deste projeto é conseguida consoante a necessidade de novos espaços e a fácil aquisição dos mesmos. Embora o betão possua características rígidas, e não flexíveis, este consegue proporcionar uma estrutura fixa e uma uniformização da intervenção, tendo apenas as diversas células que são os espaços de exposição, a capacidade de transformar os espaços. Os tons de vermelho, fornecem assim à cidade um ar mais irreverente e mais energético (figura 38 e 39).

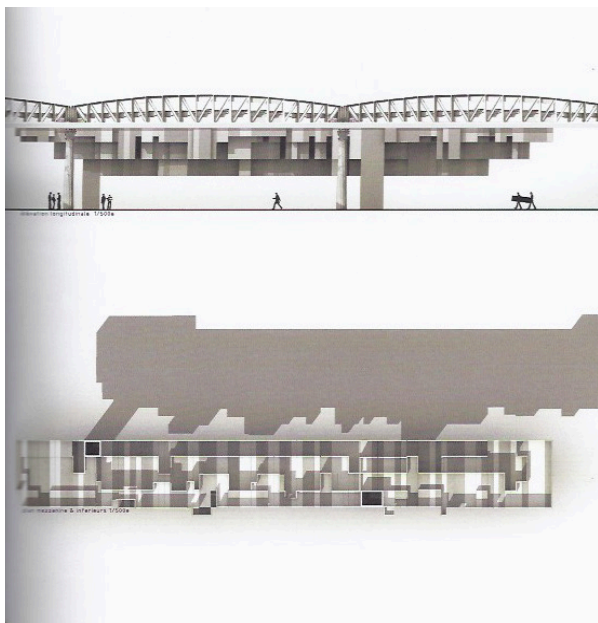


Figura 38. Desenho do espaço (fonte: Le petit Paris)



Figura 39. Galerie Bunker (fonte: Le petit Paris)

Outro dos projetos que reflete o princípio de flexibilidade é o “Ame-lot”⁶⁵ (figura 40), trata-se de uma nova habitação para estudantes com uma configuração peculiar, pois surge dentro da espessura de grandes paredes de uma fachada cega. Para revestir e dar acesso a diversos pontos de luz, é proposto, para o esguio edifício, a utilização de diversas estruturas em paletes. Com estas, é obtida a privacidade dos diversos quartos. A nível ecológico torna-se uma referência, uma vez que reutiliza um material que serve para dar apoio a diversos objetos para o revestimento de uma fachada, proporcionando um combate à fabricação e ao gasto de energia para a realização de outros materiais.⁶⁶

A ecologia e a flexibilidade complementam-se neste projeto, os elementos ecológicos e recuperados criam elementos muito flexíveis. A capacidade de mutação e de modificação que as paletes conferem ao edifício é especialmente relevante. Cada peça é aglomerada com outra, fazendo alusão a um desdobrável. Esta casca proporciona uma forma uniforme ao edifício, que, se consegue manter completamente fechada, transportando uma luz ténue que é captada pelas quebras das paletes, ou então pode conter várias aberturas, através do seu cariz desdobrável, conseguindo assim uma luz direta (figura 41).



Figura 40. Modelo 3D Ame-lot (fonte: Le petit Paris)

⁶⁵ Idem, p. 83-98

⁶⁶ Idem, p. 117



104 Figura 41. Flexibilidade do material (fonte: Le petit Paris)

“ART FOUR”⁶⁷ (figura 42), é um projeto situado em Rue du four, e tem como princípio a preocupação ecológica e a reutilização de materiais. O projeto transforma um vazio urbano de pequenas dimensões, num edifício com uma fachada composta por uma junção de janelas que são recuperadas e montadas aleatoriamente, a nível espacial. Stephane Malka, divide a volumetria em dois espaços, o primeiro para exposições e o segundo para ateliers. A intenção do arquiteto é criar um espaço onde esculturas pudessem atingir alturas XXL. A grande impermeabilidade que as janelas recuperadas proporcionam ao edifício fazem com que este exprima vários cenários para o expectador que se encontra na via pública, ou seja, um grande palco para a cidade de Paris.⁶⁸



Figura 42. Reutilização dos Materiais (fonte: Le petit Paris)

⁶⁷ Idem, p. 117 -132

⁶⁸ MALKA ,Stephane- Le petit Paris, p. 165

O projeto, por ser um local de diversas exposições a ainda atuações, é composto por vãos, como já foi acima referido, de diversas cores e feitios. Esta junção de diferentes formas e formatos, consegue transportar o pensamento do espectador, que se encontra na via pública, para o interior do edifício. Neste caso, a permeabilidade é muito importante, o cenário que dentro do edifício é criado tem de ser explícito para o seu público alvo (figura 43 e 44).

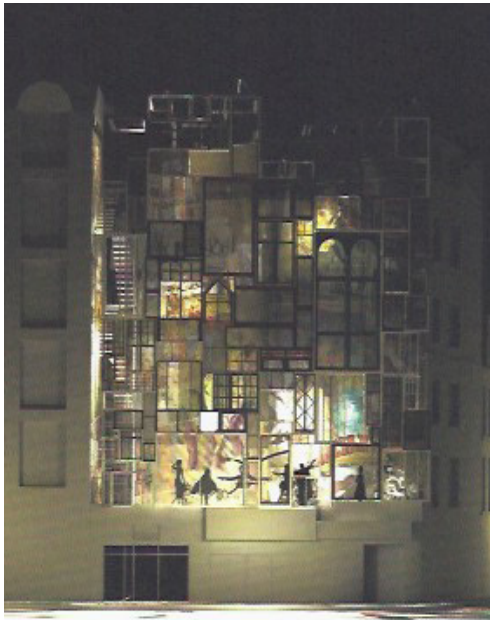


Figura 43. Iluminação do espaço (fonte: Le petit Paris)



Figura 44. Diversificação dos Materiais (fonte: Le petit Paris)

Na Rue Petit, em Paris, localiza-se “Toits Théâtres”⁶⁹ (figura 45) que reflete a capacidade de construção rápida e a cultura dos terraços parisienses. Malka afirma que a malha urbana é definida por chaminés, paredes e telhados, criando diferentes identidades numa cidade. Este projeto é desenvolvido em três edifícios onde a oscilação de alturas está presente, dando vida a criação de dois teatros e distribuição de cadeiras consoante a morfologia do local. Estes lugares sentados são colocados nos telhados revestidos a zinco de forma a aproveitar a sua fisionomia. O material base utilizado para estes edifícios, é o metal, uma estrutura que após montada é forrada com blocos de madeira de diferentes dimensões, representando a grande densidade que a cidade apresenta.⁷⁰ Mais uma vez a questão da arquitetura pensada para a pessoa é aqui retratada. Há uma procura de espaços com várias qualidades. A relação de vizinhança e de experiências sensoriais, fazem parte da sociedade e da vida quotidiana de um ser, e, com esta reflexão de existir três edifícios, que procuram relações visuais, quer entre eles, quer com a rua, demonstra que a cidade não vive apenas de ruas e edifícios.

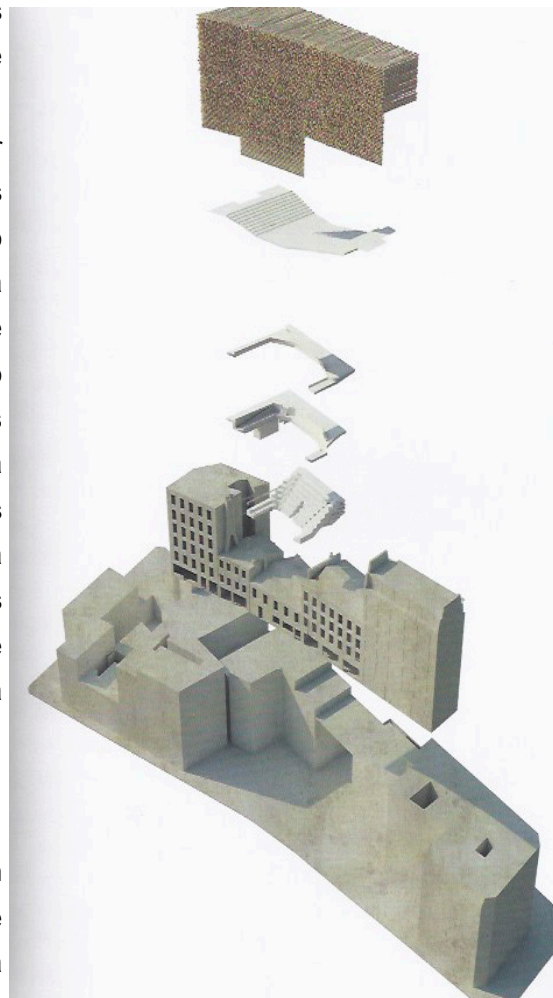


Figura 45. Os diversos palcos (fonte: Le petit Paris)

⁶⁹ Idem, p. 165-182

⁷⁰ MALKA ,Stephane- *Le petit Paris*, p. 145

No seguimento da relação com a ecologia, o “Beo-Box”⁷¹ (figura 46) surge como uma solução à falta de espaços verdes. Assim, o seu carácter ecológico, é também um fator muito importante. Composta por uma estrutura de alumínio, estes projetos vêm reproduzir uma extensão de um local, neste caso, um jardim suspenso. A estrutura de alumínio é fixa a uma parede, criando um jardim de baixa manutenção.⁷² Os espaços verdes suspensos, são soluções muito fiáveis para uma cidade que hoje em dia não consegue acolher jardins, flores e as mais importantes árvores. Associada às diversas volumetrias e alturas que a cidade possui, o arquiteto imagina, uma solução em que as várias ruas e eixos principais que se transformam em galerias verdes. Um jardim que é suspenso, uma cidade que se torna verde.



Figura 46. Jardins Suspensos (fonte: Le petit Paris)

⁷¹ Idem, p. 145-152

108 ⁷² MALKA, Stéphane- *Le petit Paris*, p. 184

Quanto à cidade emergente, encontramos neste livro dois projetos, o Neossmann⁷³ e o “Auto-Défense. Poche de résistance active”⁷⁴

O conceito de emergente como já foi referido anteriormente, surge na sequência de alguma coisa. A consolidação do solo urbano, foi o pensamento que originou o “Neossmann”. Este é um projeto elevado do solo, que tem como objetivo evitar a diluição urbana, resolvendo assim o grande problema de habitação, que ocorre em Paris.⁷⁵

Com a grande procura que há sobre imóveis habitacionais, e a falta destes, os valores pedidos pelas rendas, começam a ganhar valores impensáveis, e o “Neossmann”, tem como objetivo devolver as rendas acessíveis que em tempos Paris oferecia aos seus habitantes. Este projeto integra-se nas paredes mestras das volumetrias existentes, reforçando-as. As suas fachadas são compostas por finas camadas de isolamento metálico, coberta por uma tela laminada, para uma fachada em vidro. Toda a sua construção recorre a elementos pré-fabricados⁷⁶ (figura 47 e 48).

Através de uma réplica do edifício já existente e da sua elevação, a ideia de uma nova cidade suspensa é lançada. Com o dobro dos pisos e com a facilidade de construção, a oferta de habitação consegue ser duplicada. O projeto, recorda o projeto *Ville Spatiale* de Yona Friedman, e a procura da cidade suspensa, de modo a resolver a consolidação do solo e suas habitações.

“Auto-Défense-Poche de Résistance Active”, reflete sobre sobre aqueles que são rejeitados pela população. O edifício encontra-se na rua de Boulevard Circulaire, e é um edifício que hoje em dia não tem a utilidade que era pretendida. Setphane Malka , propõe a criação de habitações de diversas dimensões, de forma a unir as pessoas que não conseguem pagar por um lugar onde dormir. Assim, esta afigura-se como uma verdadeira habitação de emergência.⁷⁷

⁷³ Idem, p. 183-198

⁷⁴ Idem, p. 15-35

⁷⁵ Idem

⁷⁶ MALKA ,Stephane- **Le petit Paris**, p. 20

⁷⁷ MALKA ,Stephane- **Le petit Paris**, p. 72



Figura 47. Neossmann(fonte: Le petit Paris)



Figura 48. Sobreposição de Volumes(fonte: Le petit Paris)

O edifício da Auto-Défese, em Paris, foi um edifício erguido com inspiração no arco do triunfo, e este está localizado numa das zonas mais nobres e mais ricas de Paris (figura 49).

O projeto assenta numa crítica à cidade, ou seja, um conceito que é idealizado para pessoas e indivíduos, com capacidade financeira reduzida, numa zona que podemos denominar de rica. Para tal é proposta a criação de diferentes módulos, com diferentes cores, que fazem uma diferenciação da tipologia a nível interior. A sua circulação é feita verticalmente, através das laterais. A população alvo para este projeto, como já foi referido, são os que sofrem de rejeição por parte da sociedade, os refugiados e todos aqueles que mais precisam (figura 50 e 51).

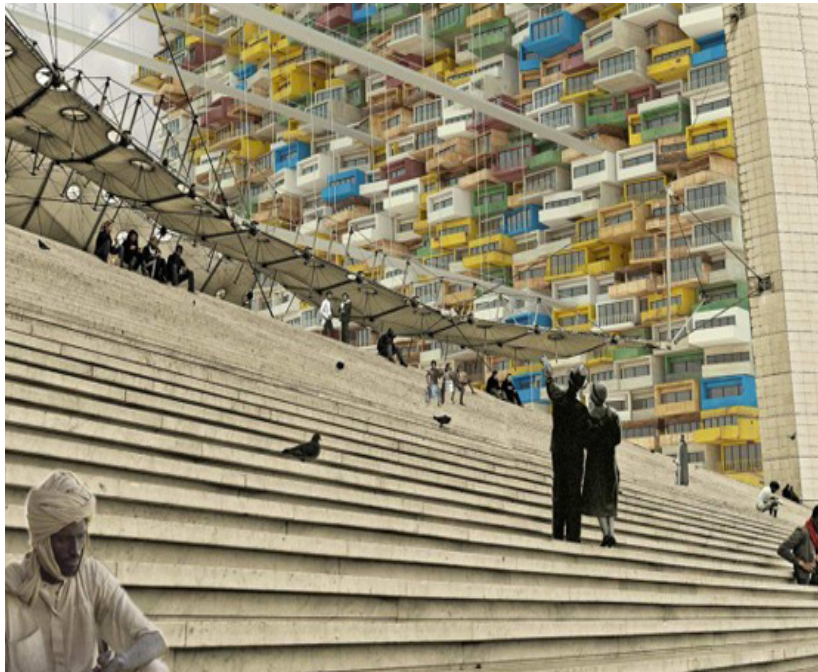


Figura 49. Auto- Défense(fonte: Le petit Paris)



112 Figura 50. Auto- Défese(fonte: Le petit Paris)



Figura 51. Módulos habitacionais (fonte: Le petit Paris)

A cidade flexível e a cidade emergente vivem, muitas vezes, em harmonia, e o “Abris Furtifs”⁷⁸ (figura 52), é um exemplo onde ambas podem coexistir. Este é o único que já foi implementado. Trata-se de um projeto composto por tendas, que são suportadas por uma estrutura metálica, inserida numa fachada cega, e tem como objetivo criar habitação para albergar diferentes pessoas, sem representar qualquer tipo de custos. Estas tendas não servem apenas para habitação. A iluminação, é também um dos conceitos integrantes deste projeto. Este foi erguido pela primeira vez numa fachada cega na estação ferroviária de Marselha. Em apenas 12 horas, esta espécie de cúpula foi montada, assemelhando-se a um grupo de ovos camuflados. Dentro do espaço encontramos cobertores térmicos e espaço de armazenamento. Trata-se de um abrigo muito simples que consegue acolher, por tenda, cerca de duas pessoas.⁷⁹



Figura 52. Abris Furtifs (fonte: Designboom)

⁷⁸ Idem, p.200

114 ⁷⁹ MALKA, Stéphane- *Le petit Paris*, pág. 200

Esta construção e edificação só foi possível em 12 horas, devido ao seu carácter flexível. As tendas, juntamente com andaimes, conseguem criar diversos espaços. Mais uma vez o pensamento que originou o Abris Furtifs, foi a necessidade de acolher aqueles que não têm capacidade de pagar uma habitação, com um espaço confortável, e protegido de diversos perigos.(figura 53 e 54)



Figura 53. Iluminação noturna (fonte: Le petit Paris)



Figura 54. Sistema agregado à fachada (fonte: Le petit Paris)

Por fim, e ainda sobre o tema de habitação, releva-se o “Pont 9”⁸⁰(figura 55). Este novo projeto, é suportado por uma ponte já existente, e aborda o conceito flexível e emergente, através de uma construção que é pensada para uma classe social de baixo rendimento. As pontes pedonais ganham uma nova vida, a sua estrutura consiste num sistema modular, cujo esqueleto de construção é metálico. O conceito permite que estas sejam desmontáveis e levadas para outro determinado local, considerando as necessidades temporais da cidade e o número de participantes.⁸¹ A estrutura metálica que é pensada para este tipo de construção é curiosa, pois, quando observadas, estas parecem simples linhas que ocupam o menor espaço possível no solo. A sua comunicação é feita por corredores que ligam os diferentes módulos, esta é impercetível por aqueles que passam pela rua, devido a um tecido que cobre este esqueleto. Os módulos vão surgindo consoante a necessidade de habitação, criando uma paisagem mutável ao longo do tempo (figura 56).

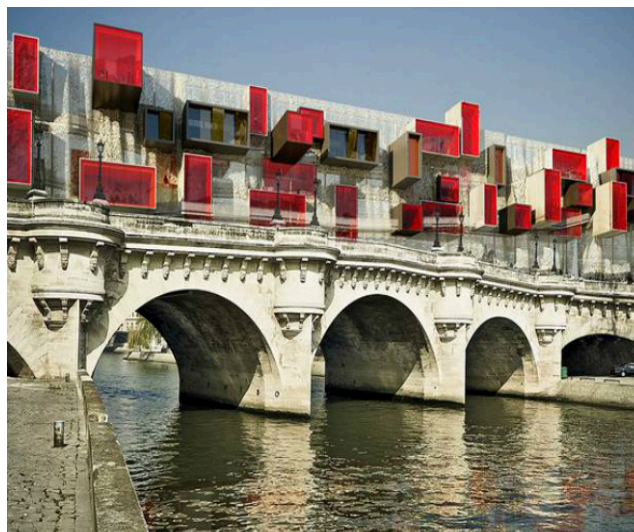


Figura 55. Pont 9 (fonte: Le petit Paris)

⁸⁰ Idem, p. 170-188

116 ⁸¹ Idem, p. 170-188



Figura 56. Modelação flexível (fonte: Le petit Paris)

Para Malka, a cidade é vista como uma grande potenciadora quanto à habitação. Tal como para os vários autores acima referidos, habitar numa cidade é um dos direitos dos cidadãos. Este Arquiteto olha para a cidade e transforma-a de forma a esmiuçar todas as potencialidades que esta tem. Este tipo de construção flexível e emergente, poderá ser uma solução para o futuro, nomeadamente, para lidar com problemas relacionados com a sobre população de um determinado local, ou mesmo para solucionar casos em que é necessária habitação emergente.



Cidade :Convertível

2.2.3

Convertível, (latim *convertibilis*, -e, mutável), significa aquele que pode ser convertido. Também pode ter outro tipo de conotação, tal como conversível, transmutável.⁸² Este conceito é abordado pelo arquiteto, *Stefan Eberstadt*, que visualizou um novo sistema de construção para um determinado problema.

Stefan Eberstadt, é um artista e designer alemão, que procura relacionar o mundo da arte com o da arquitetura. A escultura é uma das esferas que Eberstadt tem vindo a desenvolver e demonstrar mais interesse. O seu foco são as relações entre as questões sociais e arquitetónicas. A flexibilidade e a mobilidade são as palavras chave para a descrição das suas obras. Trabalha com diversos materiais económicos, tais como aglomerados de madeira, e é capaz de criar espaços que proporcionam uma melhoria na qualidade de vida de um indivíduo.⁸³

A cidade convertível - *Convertible City* (2004) - é um conceito que nasce com uma exposição onde são apresentados diversos trabalhos associados a um pensamento para diversas problemáticas sobre a cidade. A cidade vive em constante evolução e mutação, e é com esta rápida transformação que é necessário desenvolver várias soluções que visam melhorar a qualidade do ser humano. A cidade convertível está inserida em três grupos: (1), “re-late” - termo que designa a adição de um elemento à arquitetura existente; (2) “re-play” - grupo que procura um conhecimento sobre o espaço urbano; e (3) “re-charge” - que representa a procura de diversas soluções para os edifícios existentes.⁸⁴

⁸² “**convertível**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], [consult. 5 de Agosto 2017].
Disponível em
WWW:<URL:https://.priberam.pt/dlpo/convert%C3%ADvel>

⁸³ **Stefan Eberstadt** [em linha], [consult. 7 de Maio 2017].
Disponível em
WWW:<URL:https:// architectuul.com/architect/stefan-eberstadt>

⁸⁴ **Convertible City** [em linha], [consult. 1 de setembro 2017].
Disponível em
WWW:<URL:https://www.convertiblecity.de/projekte_projekt02_en.html>

A adição de elementos à fachada é um dos casos que reflete o que é um parasita, ou seja, um hóspede que tira proveito do hospedeiro. Um dos projectos expostos no grupo do “re-late” é o projecto “*Rucksack House Ort*”, onde se apresenta uma perspetiva parasita.⁸⁵

Este projeto, realizado em 2004, é descrito como uma escultura. O autor deste projeto, como já foi referido, pretendia fazer uma fusão de duas áreas, a das artes e da arquitetura. O preço dos imóveis está cada vez mais sobrevalorizado e consoante o número de espaços procurados, estes valores vão adquirindo valores absurdos. A “*Rucksack House Ort*”, tem como objetivo a expansão de uma habitação, e esta solução para conseguir um espaço extra vem resolver determinados casos de pequenas habitações, através da criação de novas zonas, oferecendo ao cliente uma ampliação, não sendo necessária a demolição, nem da fachada, nem do seu interior (figura 57).

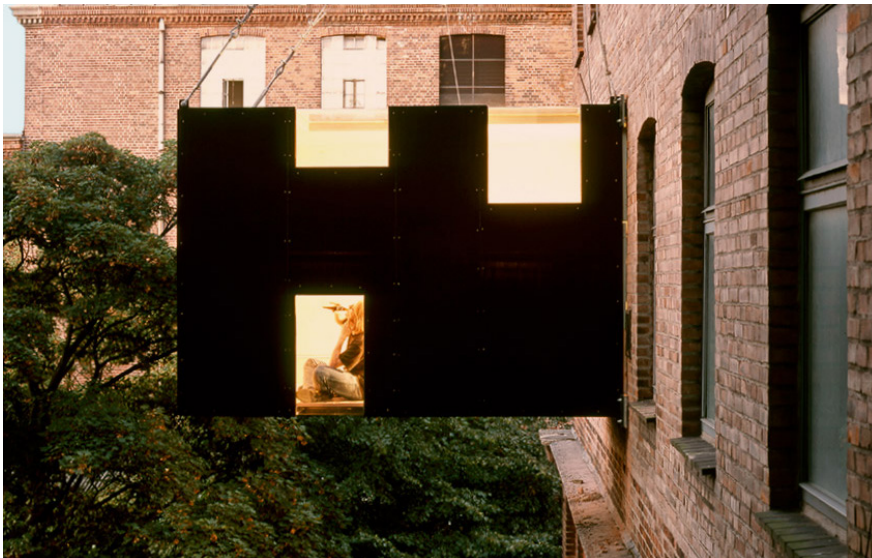


Figura 57. Rucksack House Ort (fonte: STEFAN EBERSTADT)

⁸⁵ Idem

O projeto traz também resposta ao grande problema que é a densificação do solo, ou seja, Eberstadt, surge com uma estrutura leve metálica forrada por contraplacado, tanto a nível exterior como a nível interior, que é suspenso à cobertura de um edifício residencial. A sua suspensão é conseguida através de cabos de aço que unem esta micro habitação com a cobertura do edifício existente ⁸⁶(figura 58).

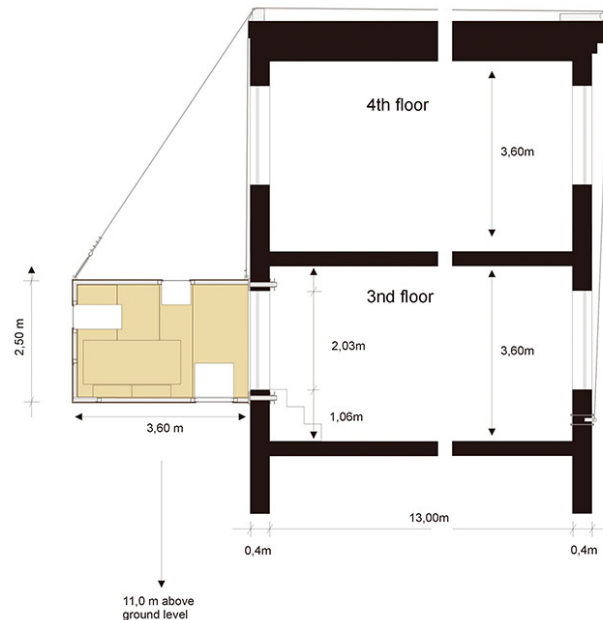


Figura 58. Desenho técnico do Rucksack House Ort (fonte: STEFAN EBERSTADT)

Rucksack, que traduzido para português significa mochila, tem na sua génese um artista que começa a desenvolver este projeto, com a visão principal de obter algo que se conseguisse transportar facilmente de um lado para outro, conseguindo assim obter um forte componente de mobilidade. A flexibilidade surge neste projeto com a capacidade de uma construção fácil, como já foi referido anteriormente. A adição à fachada, vista através do espaço público, parece uma grande massa em forma de cubo, sofrendo várias escavações. Estas vão proporcionar grandes aberturas de vãos, captando o máximo de luz natural possível. Embora seja uma área que está exposta aos olhares dos diversos habitantes e visitantes da cidade, este espaço mantém sempre o seu carácter privado, durante horas diurnas e noturnas (figura 59).

De forma a conseguir uma utilização plena deste novo espaço, as paredes interiores funcionam como prateleiras e mobiliário, desde secretárias, a uma cama, que são desdobráveis através de uma ligação de ímanes e encaixes (figura 60).

Concluindo, a *Rucksack House Ort*, tem como objetivo principal, a criação de um novo espaço numa volumetria já existente, com um alusão às casas de árvore, mas que num momento presente é testada e posta à prova.

Este arquiteto, ao explorar a escultura, descobre de que forma a expansão de um espaço poderá ser feita, sem que haja a necessidade de desconstruir ou demolir um edifício. Como foi referido anteriormente, através da capacidade de uma construção flexível, surgem novos olhares sobre a cidade, que demonstram a forma que esta poderá adotar num futuro próximo.



Figura 59. Vista interior (fonte: STEFAN EBERSTADT)



Figura 60. Vista interior (fonte: STEFAN EBERSTADT)





**Fábrica de Lanifícios
da Chemina:** Espaços
Multifuncionais

3

A Fábrica de Lanifícios da Chemina,(figura 61) é um edifício que se encontra na vila de Alenquer. A Chemina, nome pelo qual é conhecida na vila, foi projetada pelo arquiteto José Juvêncio da Silva, em 1889. A fábrica foi erguida nos terrenos da antiga Quinta do Casal da Chemina, sendo inaugurada em 1890. Construída para albergar máquinas a vapor. A vila, rasgada por um rio, deu essa capacidade de se edificar fábricas com capacidades hidráulicas. Após a sua falência, a Chemina, passou por várias mãos, mantendo quase sempre as suas funções de tecelagem, tendo tido apenas uma vez, a função de produção de barros. Por fim, a fábrica de lanifícios do Tejo, foi o último nome, e função de produção de tecidos que esta teve.⁸⁷



Figura 61.Fábrica após o Incêndio (fonte: autora)

⁸⁷ Câmara municipal de Alenquer, [em linha], [consult. 14 de Agosto 2017].

Disponível em

WWW:<URL: <https://www.cm-alenquer.pt/Catalogs/listentities.aspx?category=24&page=11>>

Após um incêndio, a fábrica ficou completamente degradada. As grandes asnas e pisos de madeira deixaram de existir, havendo apenas fotos antigas que demonstram a grande marca que a Chemina deixou na vila de Alenquer.

A escolha deste local, como zona de intervenção, deu-se devido às capacidades de mutação que este apresentava. O edifício apresenta apenas uma casca, com algumas pré-existências. Apenas o piso térreo e o edifício onde os tecidos eram acabados, foram as únicas partes desta volumetria que não foram consumidas pelo fogo.



Figura 62.Fábrica em 1960 (fonte: Câmara Municipal de Alenquer)

A ruína e a memória que este edifício apresenta na vila de Alenquer, tem um forte impacto nos dias de hoje. Por se localizar no centro da vila, esta representa um longo passado de história e um futuro cheio de incerteza. A Fábrica de Lanifícios da Chemina traz recordações de ternura e mágoa àqueles que a contemplam, sentimentos justificados pelo incêndio de grandes proporções que consumiu o edifício e o transformou em ruína.

As recordações que a população de Alenquer tem da Chemina, são ainda marcadas pelo imenso caudal de água que por ali passava, e que proporcionava energia às máquinas hidráulicas, para que se produzissem variadíssimos tipos de tecido. Hoje em dia, o que resta são apenas memórias do passado. A capacidade de transformação que a fábrica transmite, com a sua longa fachada, e os diversos vãos todos simétricos, fez com que esta fosse olhada e refletida, de forma a devolver um edifício que em tempos foi e ainda é (embora por motivos diferentes), uma zona de referência da vila de Alenquer.

Este projeto surge como uma interpretação e aplicação do conceito de cidade parasita na requalificação do edifício onde outrora funcionou a fábrica de lanifícios da Chemina.

Ao recorrer à utilização de materiais flexíveis para a construção de módulos removíveis, que se adaptam às necessidades momentâneas da vila em que se insere o projeto, torna-se notória a inspiração obtida nos projetos “Abris Frutis”, através das suas tendas capazes de servir de abrigo, “Poche de Résistance Active”, notório pela utilização de módulos pré-fabricados, que representam um novo conceito de habitação, “Galerie bunker”, que aproveita uma estrutura existente, para num espaço vazio de uma estação de transportes, projetar uma galeria de arte, com recurso a uma construção modular, e finalmente, “pont 9”, que com recurso à mesma filosofia modular, projeta um aproveitamento parasita de uma ponte. Todos estes projetos são da autoria de um dos principais impulsionadores da arquitetura parasita, Stéphane Malka.

O projeto proposto é um natural exemplo da filosofia dos projetos aqui mencionados, uma vez que assenta no aproveitamento de um espaço e de uma estrutura já existentes, notoriamente subaproveitados, e

132 que se destinavam originariamente a desempenhar uma função totalmente diferente: a atividade fabril

de lanifícios.

As necessidades da população de hoje (e do futuro), não são as mesmas das que se verificavam na época em que a fábrica de lanifícios da chemina começou a operar.

Assim ao reconhecer esta evolução natural e social, o projeto apresenta soluções para servir uma cidade e população, quer hoje, quer amanhã, demonstrando uma capacidade de lidar com problemas culturais e sociais, ou naturais do futuro. Assim, defende-se que este projeto segue a filosofia de Luís Felipe Vera, em Cidade Efémera, uma vez que demonstra a capacidade de tornar o tipo de projetos variáveis, consoante a necessidade de uma população.

A cidade parasita, como já foi referido, tem uma grande capacidade de transformar um local, modificando-o de forma a que este de se transforme e ganhe muitas vezes outras características. Conceitos como a flexibilidade, o carácter efémero e convertível, foram as palavras chave para o desenvolvimento da vertente prática do projeto final de arquitetura.

Os casos de estudo que foram abordados anteriormente, são exemplos de como objetos simples conseguem transformar e ocupar um edifício pré-existente.

A construção flexível, com um carácter efémero, são os termos que explicam a intervenção que é feita, dentro da Fábrica de Lanifícios da Chemina. Procura-se uma ocupação parasita, uma nova forma de olhar para o espaço vazio, mas com memória e herança patrimonial, habitando-o e explorando-o, em diversos espaços, onde a função principal, é a criação de espaços multifuncionais.

Como proposta, é feita uma reabilitação, demonstrando os diversos sistemas e estruturas que esta fábrica tinha, e a sua ocupação parasita interior composta por módulos. A reabilitação proposta é feita de forma a enfatizar a memória, a história e a importância deste local para os habitantes.

A ocupação parasita surge então como forma de dinamizar um espaço atraindo diversas gerações, onde procura um espaço programático diferente ao original. Os parasitas desta intervenção são módulos, pré-fabricados em madeira, que podem ser construídos, consoante as diversas necessidades da população. Uma construção que é rápida, e pode adotar dois tipos de tamanhos, aproveitando o máximo de espaço possível, ao longo dos diversos pisos.

A ocupação parasita tem como finalidade, a criação de três espaços diferentes, espaços de start-ups, habitação de emergência e ainda para hospedar eventos. O grande fator nesta ocupação, é o seu caráter efêmero. Tal como na cidade efêmera, e num local onde um festival pode ou não ser erguido em poucas semanas, esta ocupação modular e parasita, tem esse mesmo pensamento, ou seja, se o edifício quiser ter outro tipo de função ou até dar continuidade à produção de tecido, esta intervenção, pode ser desmontada e transferida para outro determinado local.





Reflexão Crítica

4

A cidade, ao longo do tempo, tem sido consolidada e formada de modo a oferecer o máximo de experiências, quer aos seus habitantes, quer aos visitantes. Na elaboração deste trabalho foi possível constatar que houve diversas visões sobre um espaço urbano e a sua evolução.

Primeiramente reflete um olhar sobre a cidade, por via de uma herança que nos é deixada ao longo dos séculos. Este espólio é composto por diversas volumetrias e marcos históricos, que foram marcando a história e a memória de um local nas pessoas.

Embora esta memória esteja muito presente em determinadas obras de arte, não nos podemos esquecer de que a cidade não é feita apenas por quarteirões ou vias, a cidade, é sim uma união de diversos fatores que a desenvolvem.

Ao associarmos a palavra ruína a um determinado local ou marco da cidade, criamos uma ligação intrínseca com este, imaginamos e reproduzimos no nosso subconsciente que histórias ou estórias já enriqueceram aquele local, memórias essas que ao longo do tempo têm vindo a ser esquecidas. As pessoas são as grandes responsáveis para que a simbologia de uma ruína, edifício, rua ou monumento não passe a ser apenas um elemento físico. Pinturas, fotografias, gravuras e documentos, são elementos importantes que nos conseguem explicar e demonstrar a história de uma cidade ao longo dos séculos.

A revolução industrial foi a grande impulsionadora do desenvolvimento das cidades através do êxodo rural. A rápida evolução da cidade, faz com que as pessoas que a habitam sejam colocadas em segundo plano. O planeamento e o pensamento sobre a cidade como elemento agregador de relações sociais, desvanece.

Após este grande crescimento da cidade, são cada vez mais diversos os grupos de atores que procuram estes variados tipos de cenários para viver, visitar e conviver. Cenários estes que, num futuro próximo, não irão conseguir albergar mais população, devido à consolidação do solo urbano, restando como única solução, a que antigamente existia, a deslocação da população para as suburbanizações.

Como toda à população tem direito à cidade, é preciso começar a pensar em novas estratégias onde cada indivíduo possa viver plenamente todas as possibilidades facultadas e oferecidas por este

grande espaço, a cidade. Problemas como o da consolidação do solo urbano, da existência de diversos espaços devolutos, ruínas e volumetrias cuja capacidade não é explorada, têm de ser contrariados, procurando novas formas de dinamizar e acompanhar a evolução da cidade, respeitando a memória e a herança que esta nos deixou.

O pensamento de uma nova cidade, que proporcione oportunidades a mais pessoas que procuram este espaço para habitar, tem vindo a despertar cada vez mais interesse em novas utopias.

A cidade como um parasita, aproveita os pontos negativos da cidade e desenvolve-a, por vezes de forma mais vanguardista, mas oferece uma nova visão sobre uma cidade que vive em constante transformação e mutação. A ruína, ou um espaço devoluto, embora tenham uma conotação muito importante na hierarquia da cidade, podem ser transformados em novas oportunidades, que fortalecem o seu desenvolvimento, tal como a respetiva dinamização. Há uma apropriação de um espaço que juntará (e proporcionará) um novo significado à memória já existente. É interessante apreender que a cidade, durante diversos anos, foi passando por alguns problemas, e que a cidade parasita pode ser considerada como uma das soluções para estes, através da transformação, como já foi referido, de edifícios devolutos, ruínas, ou até mesmo na criação de novos tipos de habitação. A capacidade de utilização de um material flexível, que à primeira vista parece inadequado, rapidamente se transforma numa solução rápida e eficaz.

Dentro da esfera do parasitismo, conceitos como efémero, flexível, emergente e convertível, são palavras chave para que uma cidade mutável e em constante evolução não coloque em segundo plano o direito que cada individuo tem de experienciar a cidade, seja por umas breves horas, dias, anos ou mesmo com uma estadia vitalícia.

Todas estas terminologias demonstram que cada elemento, por mais singular que seja, tem um valor, como a apropriação de uma ponte ou de um edifício através de uma estrutura metálica e de diversos blocos modulares, soluções como a adição de novos espaços de habitação e de novos espaços de trabalho, podem ser criadas, tendo sempre em conta que um esqueleto metálico pode ser deslocado consoante as necessidades de locais.

A capacidade que o ser humano tem para construir e desconstruir uma cidade em tão pouco tempo, demonstra, a habilidade de adaptação que uma sociedade e comunidade têm caso haja uma necessidade de emergência, ou num caso mais simples, um festival. Uma cidade efémera para casos efémeros.

Todas estas soluções são fiáveis, e tendem a desenvolver um pensamento que procura perceber e dar resposta a uma cidade que, no presente, já apresenta dificuldades a contrapor problemáticas quanto à habitação. Num futuro próximo, será necessário apresentar soluções, quer rápidas, quer eficazes. Será a Cidade Parasita a solução para os problemas futuros?





Índice de Figuras

- Figura 1. Cidade 1900 a 2050** 18
[Ricky Burdett and Deyan Sudjic, «From The Stacks: The Endless City » <URL:<http://spacing.ca/vancouver/wp-content/uploads/sites/6/2013/02/EndlessCity.jpg>>, cons. 2017-08-10]
- Figura 2. Henry Lefebvre** 35
[Henry Lefebvre <URL:https://pt.wikipedia.org/wiki/Henri_Lefebvre#/media/File:Henri_Lefebvre_1971.jpg>, cons. 2017-07-02]
- Figura 3. Aldo Rossi** 35
[Aldo Rossi <URL: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/1/1e/Aldo_Rossi_1986-87.jpg>, cons. 2017-07-09]
- Figura 4. Jan Gehl** 35
[Jan Gehl <URL: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jan_Gehl#/media/File:Jan_Gehl_2006.jpg>, cons. 2017-07-09]
- Figura 5. Collage City** 37
[«Goodreads» <URL:https://i.gr-assets.com/images/S/compressed.photo.goodreads.com/books/1347339005i/886962._UY400_SS400_.jpg>, cons. 2017-08-10]
- Figura 6. Paisagem Natural** 41
[«Fine Art America - Buy Art Online » <URL:<https://images.fineartamerica.com/images-medium-large/rural-skyline-sunset-david-kleinsasser.jpg>>, cons. 2017-08-10]
- Figura 7. Paisagem transformada pelo homem** 41
[«54 detroit skyline wallpaper » <URL:<https://www.guibingzhuche.com/data/out/144/1283904.jpg>>, cons. 2017-08-10]
- Figura 8. Cidade e as suas camadas** 44-45
[«54 detroit skyline wallpaper » <URL:<https://www.guibingzhuche.com/data/out/144/1283904.jpg>>, 144 cons. 2017-08-10]

- Figura 9. Direito à cidade** 50
[«Estante virtual » <URL:https://d1pkzhm5uq4mnt.cloudfront.net/imagens/capas/_57cd3a9f9e5e6baed820075e7c6bcdacc2ebe43b.jpg>, cons. 2017-08-10]
- Figura 10. Ilustração sobre a Revolução Industrial** 51
[«CRESCIMENTO POPULACIONAL» <URL: https://mauricioromao.blog.br/crescimento-populacional-e-o-numero-de-deputados-federais/ >, cons. 2017-08-20]
- Figura 11. Segregação e divisão de uma população** 52
[«KYA SANDS / BLOUBOSRAND » <URL: http://unequalscenes.com/kya-sandsboubosrand >, cons. 2017-07-09]
- Figura 12. Arquitetura da cidade** 58
[«KYA SANDS / BLOUBOSRAND » <URL:https://reader001.docslide.net/reader001/html5/20170829/55cf9da3550346d033ae7f65/bg1.png >, cons. 2017-07-09]
- Figura 13. Città Analoga 1977** 59
[«ANTI-VITRUV & SUPER-BRUNELLESCH » <URL: https://relationalthought.wordpress.com/2012/01/24/330/ >, cons. 2017-08-20]
- Figura 14. Tecidos urbanos de diversas cidades** 60
[«MapCarte 339/365: Abstract maps by Jazzberry Blue, 2013» <URL: http://mapdesign.icaci.org/2014/12/mapcarte-339365-abstract-maps-by-jazzberry-blue-2013/>, cons. 2017-08-20]
- Figura 15. Cidade para pessoas** 68
[«Jen Gehl» <URL:https://www.revistadigital.com.br/wp-content/uploads/2012/09/Cities-for-People-Gehl-Jan-9781597265737.jpg> , cons. 2017-08-03]

Figura 16. Campo visual numa escala impessoal 69

[Jen Gehl «Cidade para pessoas », cons. 2017-08-03]

Figura 17. Escala de rua 71

[«HUMAN-SCALE STREETS» <URL:https://www.andrewalexanderprice.com/blog20130131.php#.WZRRz61Opok >, cons. 2017-08-20]

Figura 18. Relações interpessoais 71

[«A MARCA HUMANA OU CIDADES PARA PESSOAS» <URL: http://www.revistadigital.com.br/2013/08/a-marca-humana-ou-cidades-para-pessoas/>, cons. 2017-08-20]

Figura 19. sobre população de uma cidade 75

[Property <URL:https://media.propertycasualty360.com/propertycasualty360/article/2014/10/27/shutterstock86973980---pedestrians-crop-600x338.jpg>, cons. 2017-08-20]

Figura 20. Luis Felipe Vera 77

[Luis Felipe Vera <URL: https://radio.uchile.cl/wp-content/uploads/2016/07/Felipe-Verab-1.jpg>, cons. 2017-08-20]

Figura 21. Stephane Malka 77

[Stephane Malka <URL: https://schronmagazine.com/wp-content/uploads/2014/04/30082013-DSC_5942.jpg>, cons. 2017-08-20]

Figura 22. Stefan Eberstadt 77

[Stefan Eberstadt <URL:https://s3.transloadit.com.s3.amazonaws.com/4b30ae61b7c84e42b6be045272ec3211/35/53aaa3fc18fbd785ddba16885cc80a/stefan.jpg>, cons. 2017-08-10]

- Figura 23. Parasita e a sua apropriação** 78
[Bolha de sabão <URL: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bolha_de_sabão#/media/File:Reflection_in_a_soap_bubble_edit.jpg>, cons. 2017-08-20]
- Figura 24. Várias formas da Cidade Parasita** 80
[«Architettura Parassita: Strategie Di Riciclaggio Per la Città», cons. 2017-08-20]
- Figura 25. Yona Friedman** 82
[Communic'art «Ville Spatiale, scale of the concept
» <URL: https://www.communicart.fr/sites/default/files/styles/actualite_detail/public/gicornette.jpg?itok=BeYAgN-7>, cons. 2017-07-09]
- Figura 26. Vila espacial** 82
[Yona Friedman «Ville Spatiale, scale of the concept
» <URL: https://www.yonafriedman.nl/?page_id=634&wppa-album=134&wppa-occur=1&wppa-photo=1309>, cons. 2017-07-09]
- Figura 27. Vila espacial** 83
[Yona Friedman «Ville Spatiale, scale of the concept
» <URL: https://www.yonafriedman.nl/?page_id=634&wppa-album=134&wppa-occur=1&wppa-photo=1309>, cons. 2017-07-09]
- Figura 28. Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City** 89
[Yona Friedman «Ville Spatiale, scale of the concept
» <URL: <https://images.adsttc.com/media/images/5539/53cc/e58e/ce73/5700/018a/newsletter/01.jpg?1429820353> >, cons. 2017-07-09]

| | |
|---|-----|
| Figura 29. Dinâmica local | 90 |
| [«Kumbh Mela» <URL:https://www.everfest.com/system/images/W1siZiLsljIwMTQvMDYvMTEvMTgvMjkwMDUvODAwLTIbWJoX01lOGFfMjAxM19Qb3J0 -AuanBnIld/Kumbh_Mela_2013_Porter_yates_the%20Camp.jpg>, cons. 2017-07-09] | |
| Figura 30. Cidades efémeras | 92 |
| [«International Planning History Society Proceedings» 2017-08-20] | |
| Figura 31. Zona de dormitório | 93 |
| [«International Planning History Society Proceedings» 2017-08-20] | |
| Figura 32. Pontes edificadas | 95 |
| [«Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City)», cons. 2017-08-20] | |
| Figura 33. Construção das pontes | 95 |
| [«Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City)», cons. 2017-08-20] | |
| Figura 34. Le petit Paris | 99 |
| [«Le Petit Paris», <URL: https://www.batiactu.com/images/auto/620-465-c/20140925_174617_tof7.jpg>, cons. 2017-07-09] | |
| Figura 35. Ambiente interior | 100 |
| [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | |
| Figura 36. Utilização das ripas de Madeira | 100 |
| [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | |

| | |
|--|-----|
| Figura 37. Divisão programática do espaço | 101 |
| [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | |
| Figura 38. Desenho do espaço | 102 |
| [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | |
| Figura 39. Galerie Bunker | 102 |
| [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | |
| Figura 40. Modelo 3D AME-LOT | 103 |
| [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | |
| Figura 41. Fléxibilidade do Material | 104 |
| [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | |
| Figura 42. Reutilização do Material | 105 |
| [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | |
| Figura 43. Iluminação do espaço | 106 |
| [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | |
| Figura 44. Diversificação dos Materiais | 106 |
| [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | |

| | |
|---|-----|
| Figura 45. Os diversos palcos [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | 107 |
| Figura 46. Jardins Suspensos [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | 108 |
| Figura 47. Neosman [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | 110 |
| Figura 48. Sobreposição de Volumes [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | 110 |
| Figura 49. Auto-Défese [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | 111 |
| Figura 50. Auto-Défese [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | 112 |
| Figura 51. Módulos Habitacionais [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | 113 |
| Figura 52. Abris Furtis [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | 114 |
| Figura 53. Iluminação noturna [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | 115 |

| | |
|---|-----|
| Figura 54. Sistema agregado à fachada | 115 |
| [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | |
| Figura 55. Pont 9 | 116 |
| [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | |
| Figura 56. Modelação Fléxivel | 117 |
| [«Le Petit Paris», cons. 2017-07-09] | |
| Figura 57. Desenho da Rucksack House Ort | 123 |
| [Stefan Eberstadt « rucksack house, ab 2004» <URL: https://www.stefaneberstadt.de/rucksack.html >, cons. 2017-08-20] | |
| Figura 58. Desenho técnixp da Rucksack House Ort | 124 |
| [Stefan Eberstadt « rucksack house, ab 2004» <URL: https://www.stefaneberstadt.de/rucksack.html >, cons. 2017-08-20] | |
| Figura 59. Vista interior | 126 |
| [Stefan Eberstadt « rucksack house, ab 2004» <URL: https://www.stefaneberstadt.de/rucksack.html >, cons. 2017-08-20] | |
| Figura 60. Vista interior | 127 |
| [Stefan Eberstadt « rucksack house, ab 2004» <URL: https://www.stefaneberstadt.de/rucksack.html >, cons. 2017-08-20] | |
| Figura 61. Fábrica após o icêndio | 130 |
| [«Câmara Municipal de Alenquer», <URL: https://www.cm-alenquer.pt/Catalogs/listentities.aspx?category=24&page=11 >cons. 2017-07-09] | |
| Figura 62. Fábrica em 1896 | 131 |
| [«Câmara Municipal de Alenquer», <URL: https://www.cm-alenquer.pt/Catalogs/listentities.aspx?category=24&page=11 >cons. 2017-07-09] | |





Bibliografia

AZEVEDO DE SOUSA, Cláudia- *Do cheio para o vazio*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2010.

BALL , Philip – *Critical Mass : How one thing leads to another*. New york : Farrar, Straus and Giroux, 2004. ISBN 0-374-53041-6

CACCIARI, Massimo- *A Cidade*. 2010. ISBN 9788477745280

DAVIDSON, Mark; **LEES**, Loretta - *New- build Gentrification : Its histories, trajectories and critical geographies. Population space and place* [em linha].Vol. 16 (2010), p. 395 – 411, . [Consult. 28 Set. 2016]. Disponível em WWW:<URL: www.interscience.wiley.com .ISSN 1544-8452

DREYFUSS, **Guillaume**; **MIFSUD**, **Maria**; **MALDEREN**, **Tom** – *The Architectura Practice of Regeneration, Sustainability* [em linha]. [Consult. 26 Out. 2016]. Disponível em WWW: <URL: [http: www.mdi.cpm/journal/sustainability](http://www.mdi.cpm/journal/sustainability)

ESTEVÃO BRANDÃO, Ana -*Cidade um Drama no tempo. Uma reflexão organizada, sobre factores temporais no desenho da cidade*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2012.

Gibson, M; Thomson, H; Kearns, A ; Petticrew, M- *Understanding the Psychosocial Impacts of housing type: Qualitative Evidende from a housing and regeneration intervention*. *Housing Studies* . Glasgow . ISSN 0267-3037. Vol. 26 (2013) p. 555 – 573

VAN CRIE KINGEN, M, *Moving in – Moving out of Brussels*. Brussels , 2009, ISBN: 978-1-906150-14-3

GEHL, Jen – *Cidade para pessoas*. São Paulo, 2013. ISBN 978-95-273- 0980-6

GEHL, Jan – *Life between buildings: Using public spaces*. 6ª ed. Island Press, 2011. ISBN 978-1597268271

FELIPE VERA, Luís- *Kumbh Mela: Mapping The Ephemeral Mega City*. ISBN:978-3775739900

FERREIRA CARNIDE, Sara Joana - *Arquitecturas Expositivas Efémeras*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2012.

HARVEY, David- *The right to the city*, 2014. ISBN: 9788580631616

LEFEBVRE, Henri – *The urban Revolution*. 1ª ed. London: University of Minnesota press, 2003. ISBN 978-0816641604

LEFEBVRE, Henri – *O direito à cidade*. São Paulo, 2010. ISBN 978-85-88208-97-1

MALKA,Stephane- *Le petit Paris*. França, 2014. ISBN: 978-2352901198

MARINI, Sara- *Architettura Parassita: Strategie Di Riciclaggio Per la Città*. Itália, 2008, ISBN: 978-88-7462-729-5

MUMFORD, Lewis- *A cidade na História*, 1998. ISBN: 9788533608474

RODRIGUES, Walter – *Globalização e Gentrificação: Teoria e empiria*. p. 11. [Consult. 29 out. 2016]. Disponível na internet:< <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/11/122.pdf>>.

ROSSLER, Stefanie - *Green space development in shrinking cities: opportunities and constraints*. *Urbani Izziv*. Eslovénia. ISSN 0353-6483 ,Vol. 19 (2008), p. 147 – 152

ROSSI, Aldo- *L'Architettura della Città*. Itália, 2011. ISBN 978-8874624096

RYAN, Brent – *Rightsizing shrinking cities: the urban design dimension in the city after abandonment*. 1ª ed. Philadelphia : University of Pennsylvania press, 2012. ISBN 978-0-8122-4446-5

SERRES, Michele- *The Parasite*. Estados Unidos da América, 1972. ISBN: 0-8018-2456-7

STOUT, Federic; LEGATES, Richard- *The City Reader*. Routledge; 5th edition , 2011, ISBN: 978-0415556651

SIMÕES, Ana Rita- *A arquitectura viral com o método de reabilitação da cidade*. Matosinhos: Esad arte + design, 2014.

BARATTO, Romullo - *Luis Felipe Vera: Urbanismo Efêmero*. [em linha]. [Consult. 25 de Outubro 2016]
Disponível em:

WWW:<URL: <http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/778501/luis-felipe-vera-urbanismo-efimero>

BROWNSTONE, Sydney- *These semi-legal shelters clinging to city walls are a housing crisis wake-up call* [em linha] . [Consult. 25 de Outubro 2016]

Disponível em WWW:<URL: <http://edition.cnn.com/2013/12/12/tech/innovation/these-semi-legal-shelters-housing/>

CIAM [em linha]. [Consult. 15 março 2017] Disponível em: <https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/07/28/ciam-o-movimento-moderno-na-academia/>

CIDADE [em linha]. [Consult. 13 outubro 2017] Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/cidade>

CONVERTIBLE CITY[em linha] . [Consult. 26 de Outubro 2016]

Disponível em:

WWW:<URL: https://www.convertiblecity.de/projekte_projekt02_en.html

WWW:<URL: <https://www.convertiblecity.de/>

Conceito de cidade [em linha]. [Consult. 27 novembro 2016]

Disponível em:

WWW:<URL: <https://conceito.de/cidade>

Conceito parasita [em linha]. [Consult. 27 março 2017] Disponível em: <https://conceito.de/parasita>

“Efémera”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], [consultado em 08-08-2017].
Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.priberam.pt/dlpo/ef%C3%A9mera>

“Emergente”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], [consultado em 08-08-2017].
Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.priberam.pt/dlpo/emergente>

FELIPE VERA, Harvard University Graduate School of Design [em linha], [consultado em 09-06-2017]
Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.gsd.harvard.edu/person/felipe-vera/>

“Flexível”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], [consultado em 08-08-2017].
Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.priberam.pt/dlpo/flex%C3%ADvel>

Friedländer, Michael- *The World in 2050* [em linha] . [Consult 24 de novembro 2017]
Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.eatglobe.pt/news/world-trade/2537-the-world-in-2050.html>

HAUSSMANN e a REFORMA DE PARIS [em linha]. [Consult. 27 março 2017] Disponível em: <https://arquitetandoblog.wordpress.com/2009/04/08/hausmann-e-a-reforma-de-paris/>

HERANÇA [em linha]. [Consult. 30 março 2017] Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/heran%C3%A7a>

MALKA, Stephane - *BOW-HOUSE IN PASAJES ARQUITECTURA FEBUARY 2015* [em linha] .
[Consult. 26 de Outubro 2016]

Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.stephanemalka.com/en/2015/03/bow-house-dans-pasajes-architecture-fevrier-2015-espagne/#more-5865>

Margarida- *A Explosão Populacional, a Expansão Urbana, Migrações Internas e Emigração* [em linha] . [Consult. 25 de Outubro 2016]

Disponível em:

WWW:<URL: <https://historian.blogs.sapo.pt/13048.html>

Mobile Architecture [em linha]. [Consult. 20 de Fevereiro 2017]

Disponível em:

WWW:<URL: https://www.yonafriedman.nl/?page_id=225

ONU projeta que população mundial chegue aos 8,5 mil milhões em 2030 [em linha] . [Consult 24 de novembro 2017]

Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.unric.org/pt/actualidade/31919-onu-projeta-que-populacao-mundial-chegue-aos-85-mil-milhoes-em-2030>

PAZ, Daniel - *Arquitetura efêmera ou transitória* [em linha] . [Consult. 26 de Outubro 2016]

Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.102/97>

População mundial chegará aos 10 bilhões em 2050, segundo estudo Emigração [em linha].
[Consult. 27 novembro 2016]

Disponível em:

WWW:<URL:<https://tudonumclick.com/noticias/mundo/48736/populacao-mundial-chegara-aos-10-bilhoes-em-2050-segundo-estudo>

VIEIRA, Rogério- *Crescimento Populacional e Desenvolvimento Sustentável* Emigração [em linha] .
[Consult 24 de novembro 2017]

Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.webartigos.com/artigos/crescimento-populacional-e-desenvolvimento-sustentavel/33266/>

EBERSTADT, Stefan [em linha], [consultado em 07-05-2017].

Disponível em:

WWW:<URL: <https://architectuul.com/architect/stefan-eberstadt>

Stephane Malka [em linha], [consultado em 10-02-2017].

Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.archilovers.com/stephane-malka/>

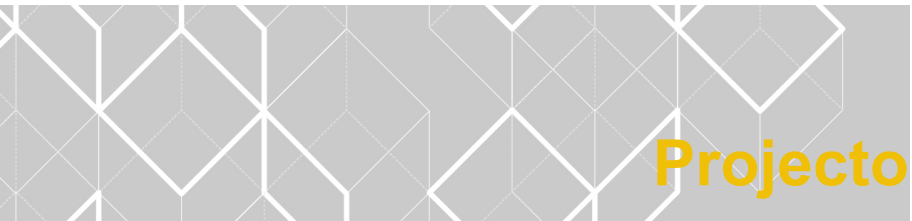
WHATYOUMEAN- [ARCHI] AUTO DÉFENSE [em linha] . [Consult. 26 de Outubro 2016]

Disponível em:

WWW:<URL: <https://decidementlynx.wordpress.com/2010/08/19/auto-defense/>

Vertente Prática





5

5.1. Vertente Projetual

5.2. Projeto individual

Alenquer

Instrumentos de desenvolvimento do território





1994

Aprovação do PDM na Assembleia Municipal, Outubro

1995

Publicação do PDM em Diário da República, Janeiro

2000

PDM é revisto- Localização do novo Aeroporto de Lisboa

2008

Definir a nova estratégia de desenvolvimento para o território com a mudança do NAL para o Campo de Tiro de Alcochete

2010

Alteração para a adaptação do PDM ao PROTVOT- Plano Regional de Ornamento do Território de Oeste e vale do Tejo, Março.

2014

Plano estratégico de Desenvolvimento Territorial (PEDT).

2015

Proposta de Alteração do PDM, Fevereiro
Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano
(PAMUS, PARU, PAI-CD)

2016

Revisão do novo PDM

2014

Plano estratégico de Desenvolvimento Territorial -PEDT

Objetivos

Aproveitamento de oportunidades políticas, económicas e territoriais para o desenvolvimento sustentável e integrado do território;

Definir uma estratégia territorial e operacional para estimular a melhoria das condições socioeconómicas, urbanas e ambientais, revitalizando o território de modo a contribuir para uma maior afirmação de Alenquer a nível regional, nacional e internacional;

Estratégia para a melhoria e proteção da natureza e a sua qualidade ambiental no território de intervenção;

Estratégia de localização, instalação e desenvolvimento das atividades económicas;
Definição de um modelo de cooperação e as condições de articulação e de mobilização dos agentes públicos e privados;

2015

Plano de Ação e Regeneração Urbana- PARU

Objetivos

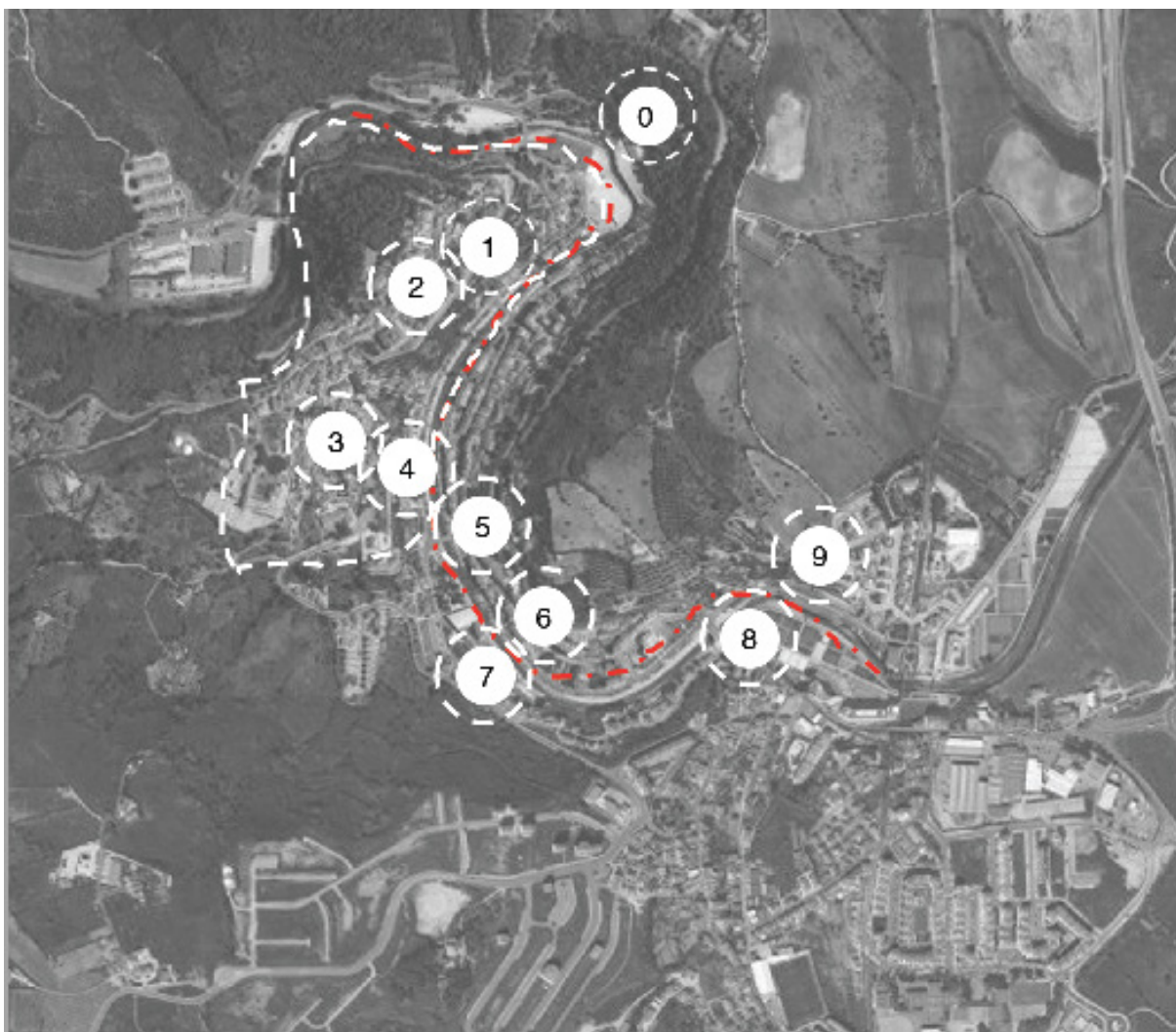
Requalificar/ revitalizar/ regenerar centros históricos, zonas urbanas, zonas ribeirinhas, zonas industriais abandonadas, abrangidas por, áreas de reabilitação urbana (aru).

Propósitos:

Delimitar uma área urbana específica objeto de intervenção física;

Definição de benefícios fiscais associados aos impostos municipais sobre o património, a conceder aos proprietários e detentores de direitos sobre o património, a conceder aos proprietários e detentores de direitos sobre o património edificado;

Revitalizar / regenerar o espaço urbano, em todas as suas dimensões (económica, social e cultural);



0- Requalificação e dinamização da mata do Areal e do Parque das Tílias; 3- Reabilitação Escola Conde Ferreira; 1- Requalificação do bairro Angra do Heroísmo; 2- Reabilitação do Convento da Nossa Senhora da Conceição; 3- Reabilitação do Auditório Damião Goia; 4- Requalificação do Largo Palmira Bastos; 5- Reabilitação, requalificação e revitalização económica do Mercado de Alenquer; 6- Reabilitação da antiga fábrica da Chemina e requalificação do espaço envolvente; 7- Reabilitação dos Claustros do Convento de Santa Maria; 8- Reabilitação do espaço público da envolvente à vila operária da Antiga Romeira;

2015

Plano de Acção Mobilidade Urbana Sustentável- PAMUS

Objetivos

Aumento da quota do transporte público;

Aumento da utilização de transportes de modos suaves (pedonal e bicicleta), nas deslocações urbanas

Propósitos:

Promoção da mobilidade urbana multimodal sustentável;

Redução das emissões de gases com efeito de estufa;

Diminuição de intensidade energética (consumos energéticos e ruído)



1- Adequação interface de transportes públicos de Alenquer

2015

Plano de Acção Integrando Comunidades Desfavorecidas-PAI-CD

Objetivos

Pressupostos:

Intervenções de natureza social;

Combate ao insucesso e abandono escolar;

Formação profissional do jovens NEET;

Ocupação de Tempos Livres;

Formatação e inclusão de desempregados de longa duração;

Ações para a integração de imigrantes e comunidades ciganas.

Intervenções de Carácter físico:

Intervenções de reabilitação em edifícios de habitação social;

Intervenções de reabilitação previstas em equipamentos de utilização coletiva.

Intervenções de dinamização económica;

SWOT

Análise

S

- Proximidade com Lisboa
- Proximidade da lezíria do Tejo
- Proximidade com o rio de Alenquer
- Acessibilidade regional e nacional
- Qualidade a nível dos valores naturais e riqueza paisagística
- Qualidade a nível agrícola
- Valores patrimoniais, históricos e culturais
- Local favorável para edificar novas empresas locais
- Concelho preparado para receber população jovem

W

- Descaracterização do Rio de Alenquer
- Desvalorização do espaço público e pedonal
- Desorganização do espaço urbano consolidado
- Desorganização e subcarga de novos loteamentos
- Desorganização e escassez a nível de estacionamento do centro histórico
- Descaracterização do comércio tradicional
- Desorganização e acessibilidade reduzida a nível dos transportes públicos
- Difícil acesso entre a cota baixa e alta da cidade
- População envelhecida
- Escassez da oferta cultural

O

- Requalificação do centro histórico
- Requalificação da frente ribeirinha
- Requalificação de espaços públicos
- Requalificação e restauro do património arquitetónico do concelho
- Requalificação do eixo Alenquer-Carregado
- Empreendimento de micro-empresas como foco de atração populacional
- Reabertura de antigos retalhos, trazendo o espírito do antigo concelho
- Dinamizar o concelho a nível turístico e cultural
- Espaço rural e potencialidade agrícola

T

- Crítica situação económica
- Desertificação do território
- Diminuição do tecido territorial
- Desvalorização e/ou abandono de atividade agrícola
- Degradação e desvalorização do centro histórico
- População envelhecida
- Concorrência dos concelhos vizinhos





Proposta de Grupo

5.1

A proposta de grupo tem como ponto de partida o entendimento e interpretação de como o espaço pode ser reorganizado e reestruturado, a partir de elementos de importância estrutural - As pontes.

O crescimento urbano originou a consolidação de dois espaços distintos: A zona alta e a zona baixa, que se comunicam a partir de vias que rompem o declive.

Paralelamente ao crescimento económico, novos edifícios que foram sendo construídos dentro do limite natural, como é o caso das três fábricas que se situam na margem do rio e que hoje em dia se encontram desativadas, e que pontuam a paisagem urbana.

Com a necessidade de controlar o caudal do rio devido às recorrentes cheias, foram realizadas obras para este efeito, que ficaram concluídas em 1955 com o Plano Urbanístico para Alenquer, alterando o curso de água para a construção de novos quarteirões em ambas as margens.

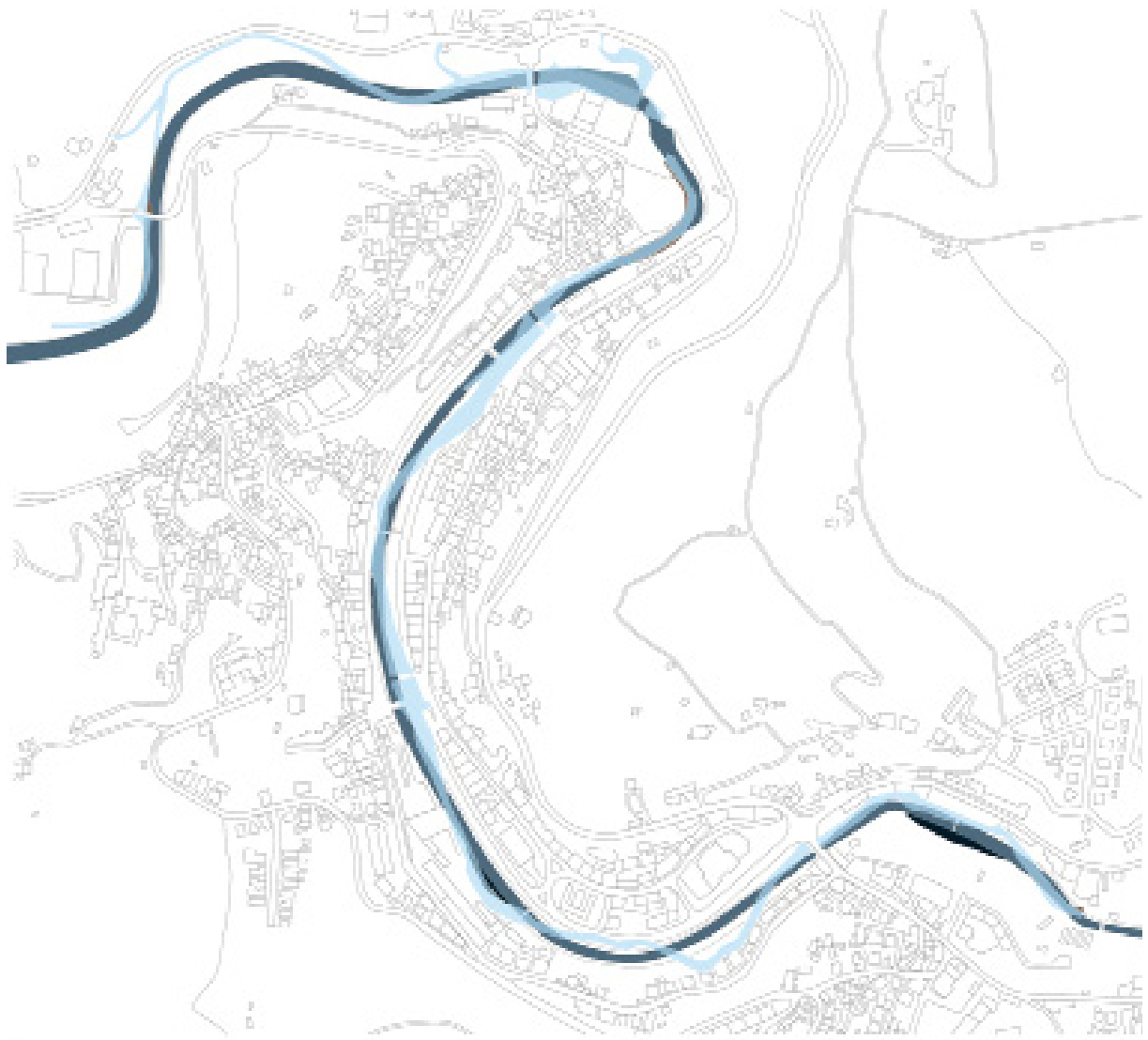
O rio Alenquer é atravessado por pontes de médio e pequeno porte, ora pedonais ora para circulação automóvel.

Estas pontes têm uma relação direta com os largos que, por sua vez, se abrem às principais vias de comunicação e que afirmam a proximidade de edifícios públicos pouco qualificados, e edifícios com valor patrimonial.

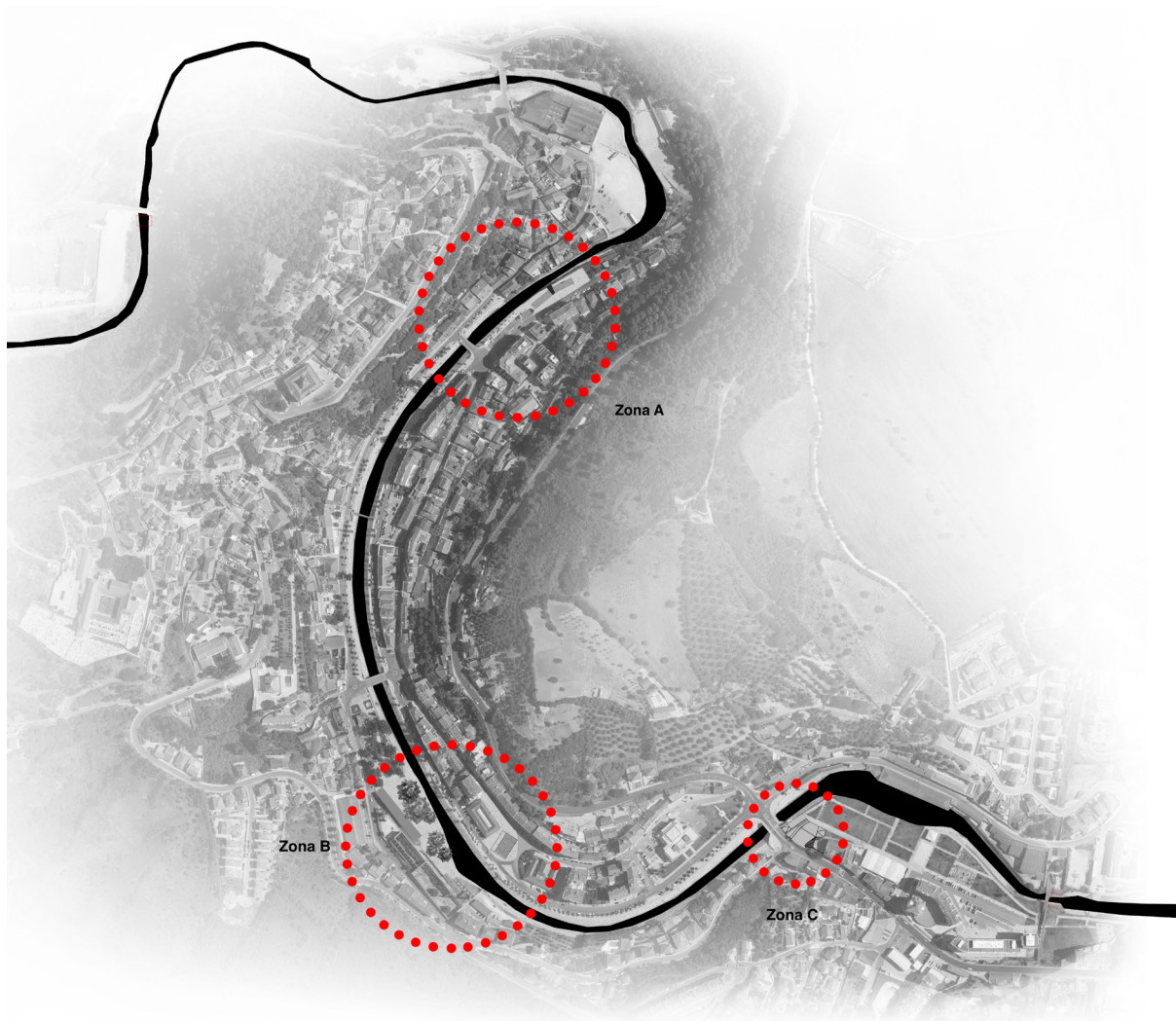
Após a fase de investigação realizada, percebeu-se que existe a necessidade de reorganizar a parte da malha urbana próxima do rio, a partir das pontes que irão redefinir a ligação entre as duas margens de Alenquer - de forma a definir espaços urbanos qualificados e que promovam a qualidade de vida de quem habita Alenquer.

Assim, a proposta foca-se na definição de uma centralidade para Alenquer em que o rio é o principal elemento. As pontes irão possuir um novo carácter, serão consideradas espaços de permanência e de prolongamento do espaço público e que serão interligados por um corredor verde que ligará os principais espaços verdes que se situam em extremidades opostas no centro da vila.

Esta redefinição do desenho urbano levará à resolução de problemas de carácter urbano como a escolha de um novo terminal de autocarros, a construção de edifícios públicos mais qualificados, definição de novos espaços verdes de permanência, a definição de novos sentidos de circulação viárias e, sobretudo, na qualificação das margens do Rio Alenquer



Mudança do Rio ao longo dos anos

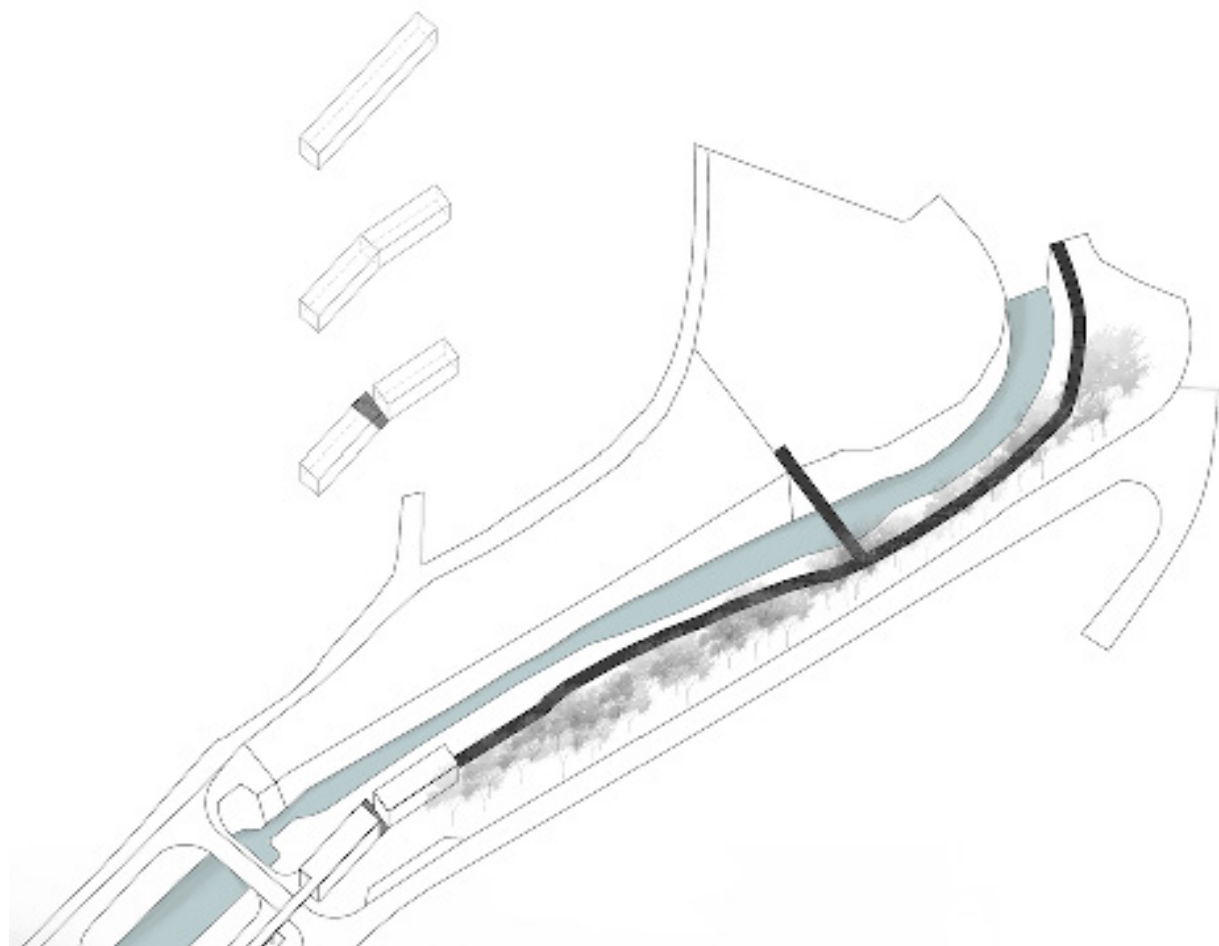


182 As três zonas de intervenção

Propõe-se uma reestruturação do sistema de espaços públicos e equipamentos da vila de Alenquer em torno da hipótese de reestruturação do seu rio. A premissa é a de que as intervenções hidráulicas anteriores artificializaram traçado e margens do Alenquer, retirando qualidades ambientais, urbanas e paisagísticas. As propostas apresentadas exemplificam hipóteses e incidem em três locais considerados significativos.

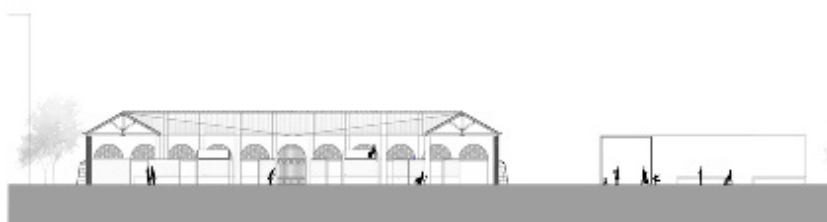
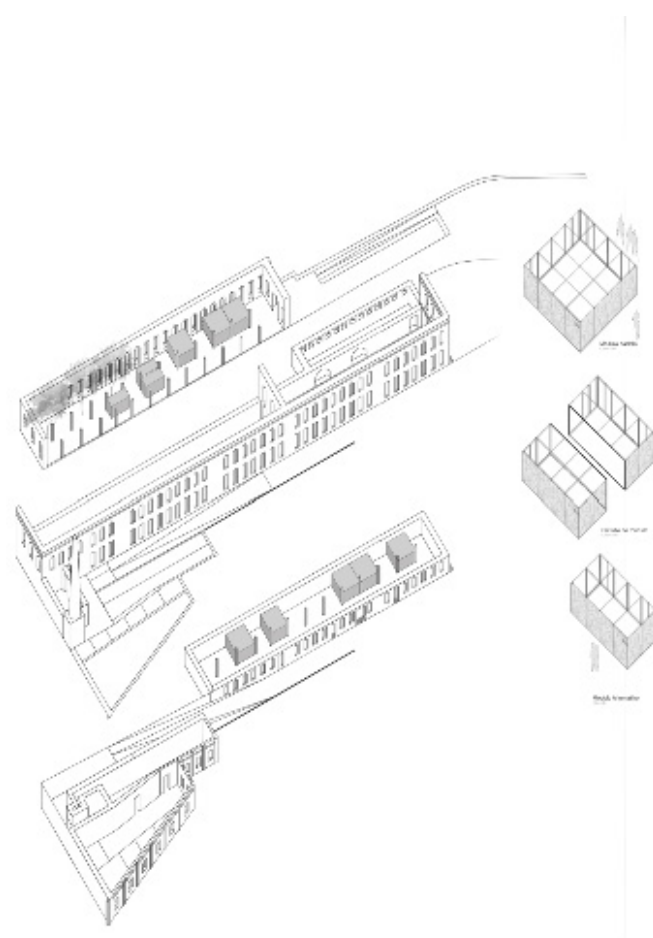
Local A: Do Areal ao Largo Rainha Santa Isabel

Propõem-se o alargamento do Largo R^a Santa Isabel e o seu prolongamento, enquanto sistema de espaço público ribeirinho, até à zona do Areal. Para tal é proposta a saída (com realojamento noutra local) do S.C.A.. Esta reconfiguração permite recuperar a relação ribeirinha da Avenida Jaime Ferreira e aumentar o espaço para o alojamento de camionetas e táxis. Com o reperfilar das margens fluviais construíam-se um novo sistema de percursos e passagens para o Areal.



Local B: Da Fábrica de Lanifícios da Chemina ao Mercado Municipal

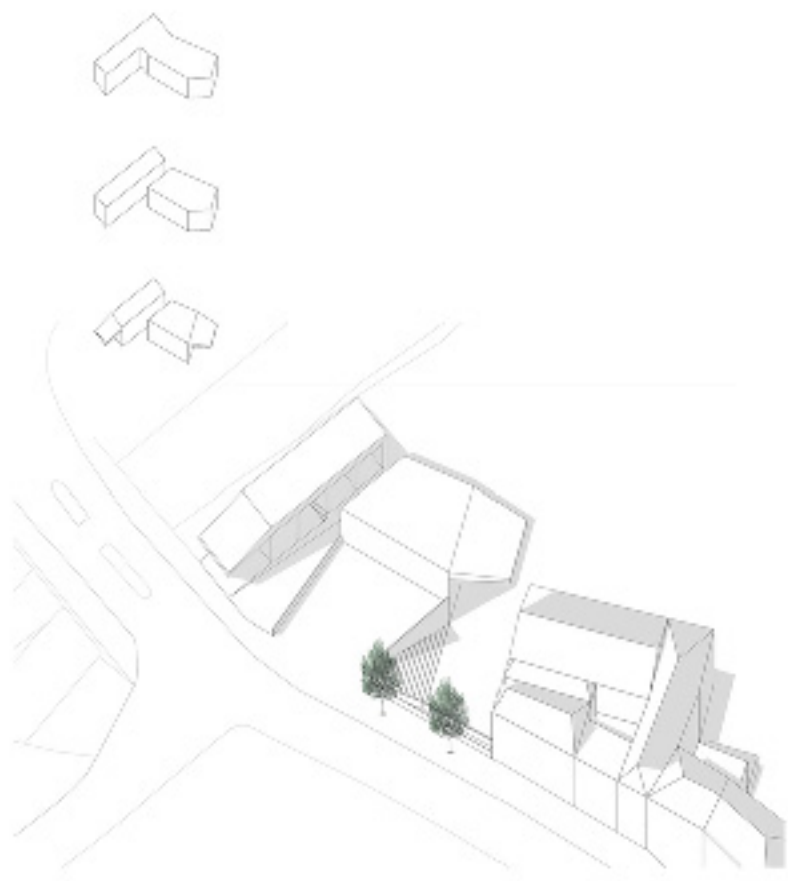
A reabilitação da Fábrica atribuíra-lhe uma valência multifuncional e ajustável. O espaço público em redor seria reconfigurado, com a saída (com realojamento eventual na própria Chemina) da S.U.M.A.. Com a construção de um estacionamento ao longo do muro da Rua das Guerras, a rectificação das margens e uma nova ponte sobre o Alenquer, alarga-se o Jardim Vaz Monteiro e cria-se uma unidade funcional com a Praça do Mercado. Com a reabilitação Mercado Municipal considera-se uma alteração no sistema rodoviária de forma a alargar a plataforma pedonal de implantação, criando um nova Praça e um novo edifício de apoio com espaços comerciais e de restauração. Chemina e Mercado seriam espaços programáticamente complementares.



Local C: Ponte de Santa Catarina e Parque da Romeira

Este local é a última porta de Alenquer para quem acede à vila desde a N1. Propõe-se a reformulação de edifício do Largo Gago Coutinho, realojando os programas em funcionamento, e a reconfiguração do Largo. Pretende-se ampliar o adro da Igreja Matriz, abrir o sistema urbano para o Parque da Romeira e criar condições para o prolongamento dos percursos pedonais e cicláveis entre o Parque e o centro da vila.

Com este objectivo é ensaiado o alargamento do vão de passagem da ponte de Santa Catarina, insuficiente para outras actividades para além da passagem fluvial funcional.







Proposta Individual
Espaços Multifuncionais
Ocupação Parasita
Zona B

5.2

Como aproveitar o magnífico edifício onde outrora funcionou a Fábrica de Lanifícios da Chemina?

Propomos recuperar grande parte da materialidade e espacialidade originais do edifício, atualizando-o infraestruturalmente e tecnologicamente, para que possa ter um carácter de “fábrica” multifuncional e ocupação parasita.

A fábrica de Lanifícios do Tejo, foi projetada em 1896, por José Juvêncio da Silva. Esta fábrica passou por diversas fases. A primeira, tinha como funcionalidade a produção de tecidos, sendo conhecida como a fábrica de Lanifícios da Chemina.

Após a sua ampliação em 1904, este espaço entrou em falência, tendo sido vendida. Assim, este espaço passou a ser denominado por Fábrica de Barros.

Devido ao seu insucesso na vila de Alenquer, a fábrica permaneceu fechada. No entanto, quando uma nova empresa de produção têxtil a adquire, esta reequipa-a.

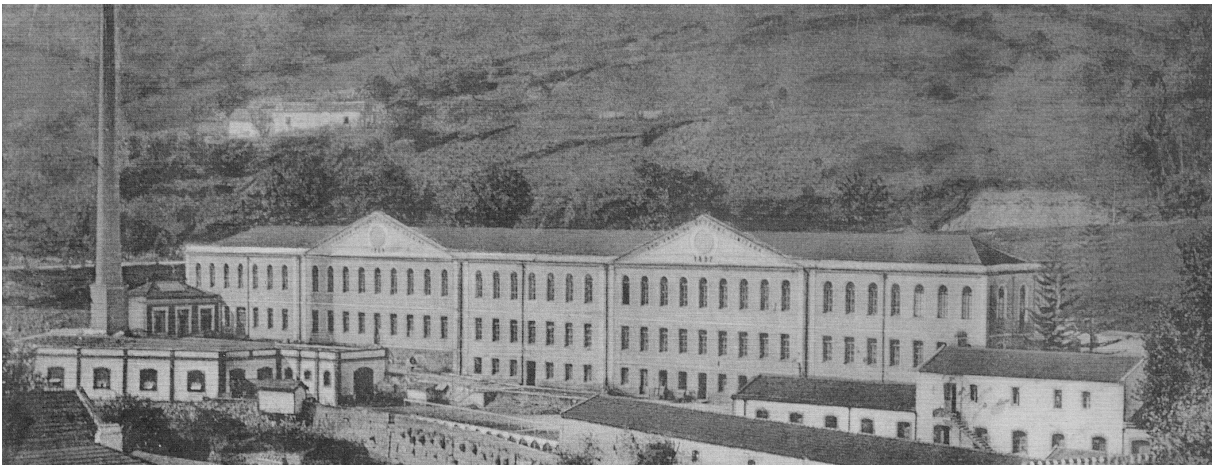
Este espaço multi funcional, e a ocupação parasita é assegurada pela espacialidade das naves originais, por uma sucessão de infraestruturas e de módulos ligeiros que a equipam, permitindo compartimentações e ocupações flexíveis e diversas, conforme programações sociais ou económicas diferentes.

Pensamos em mesclas de funções que variam desde módulos de habitação temporária ou de emergência, à capacidade de albergar empresas ou eventos. Miscenizando promoção local pública e privada, incubação social, cultural e tecnológica.

É igualmente proposta a recuperação da margem rio Alenquer, regressando à curva natural do curso de água e promovendo uma maior permeabilidade de circulação, através do edificado, e entre os sistemas de espaços públicos circundantes.

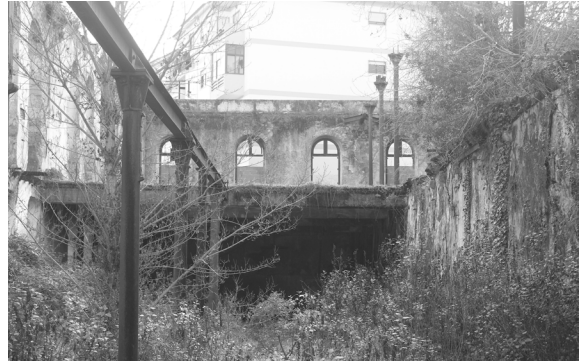
Esta recuperação orgânica do rio é conseguida devido à realocação da SUMA, uma vez que no local que esta ocupa atualmente, será projetado um espaço verde, que possibilitará uma plena ligação entre a fábrica reabilitada e o rio de Alenquer.

Oferece-se uma visão da Chemina como catalizador do espaço urbano de Alenquer, conciliando património e tecnologia, história e futuro, investimento público e valorização urbana, social e económica.















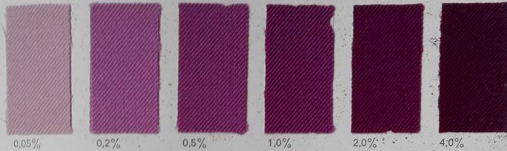


Catálogo de Tecidos encontrado na fábrica da Chemina

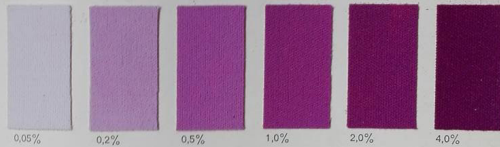
Palatinechtviolett 5RN
Palatin Fast Violet 5RN
Violet Palatin solide 5RN

Violeta Palatin sólido 5RN
Violeta Palatin sólido 5RN
Violetto solido Palatin 5RN

Wolle · Wool · Laine · Lana · Lã · Lana



Nylon 6



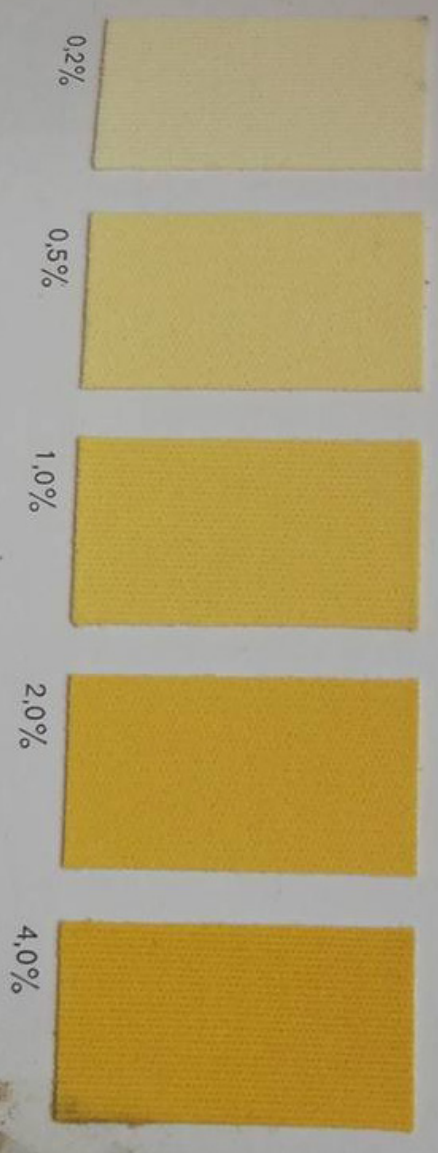
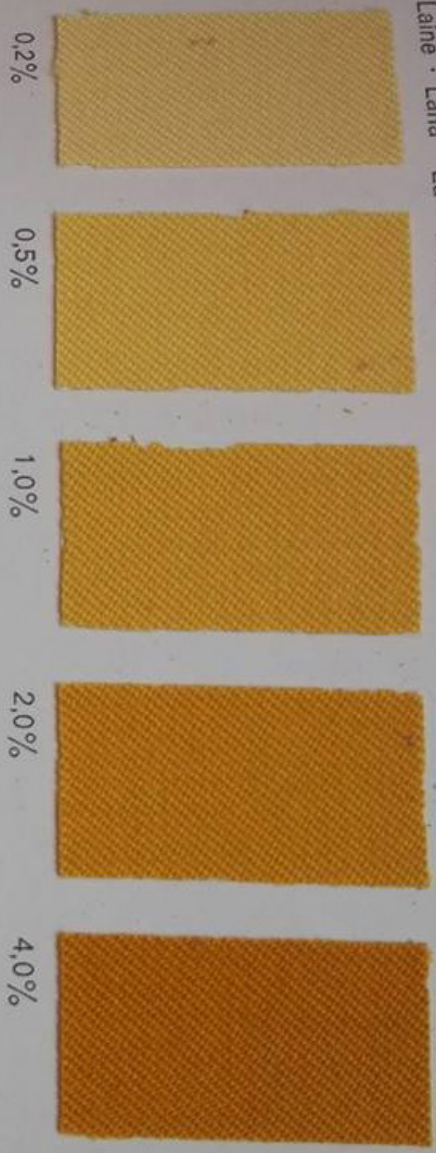
| | |
|---------------|--|
| Bemerkungen | Sehr gut egaliserender, lichter Farbstoff, als Selbstfarbstoff sowie in Kombinationen universell anwendbar. |
| Remarks | Versatile, light-fast dye with very good levelling for use alone and in combinations. |
| Remarques | Colorant d'un très bon pouvoir d'unisson et solide à la lumière; emploi universel soit seul soit en combinaison. |
| Observaciones | Colorante que tñe con muy buena uniformidad y que posee buena solidez a la luz. Se puede emplear solo o en toda clase de combinaciones. |
| Observações | Corante sólido à luz com muito bom poder de igualação, que se pode empregar como corante individual e também como corante de combinação. |
| Osservazioni | Colorante di ottima ugualizzazione, solido alla luce, di impiego generale sia da solo sia in combinazioni. |



st Yellow ELN
atin solide ELN

Giallo solido Palatin ELN

• Laine • Lana • Lã • Lana



Programa da Intervenção desenvolvido

-Módulos :

Espaços de CO-Working

Espaços de habitação de Emergência

Espaços de Estar

-Cantina comunitária

-Arquivo

-Sala de exposições

-Pátio ajardinado

-Recepção

-Parque de estacionamento

-Instalações Sanitárias



Entrada

Piso 2

Módulos

Espaços de estar

Instalações Sanitárias

Pátio
ajardinado

Recepção

Módulos

Instalações Sanitárias

Recepção

Entrada

Espaços de estar

Piso 1

Módulos

Instalações Sanitárias

Recepção

Entrada

Piso 0

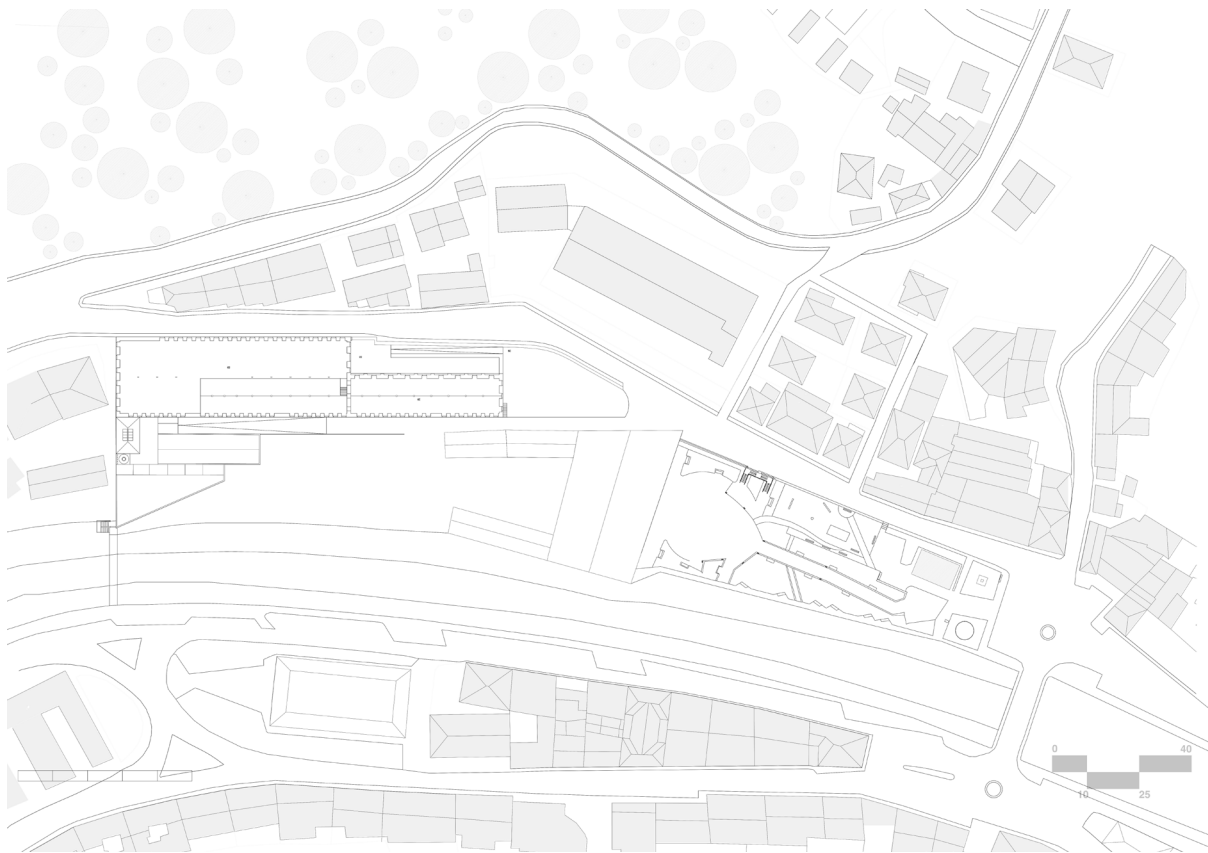
Processo

Este projeto foi pensado segundo algumas premissas:

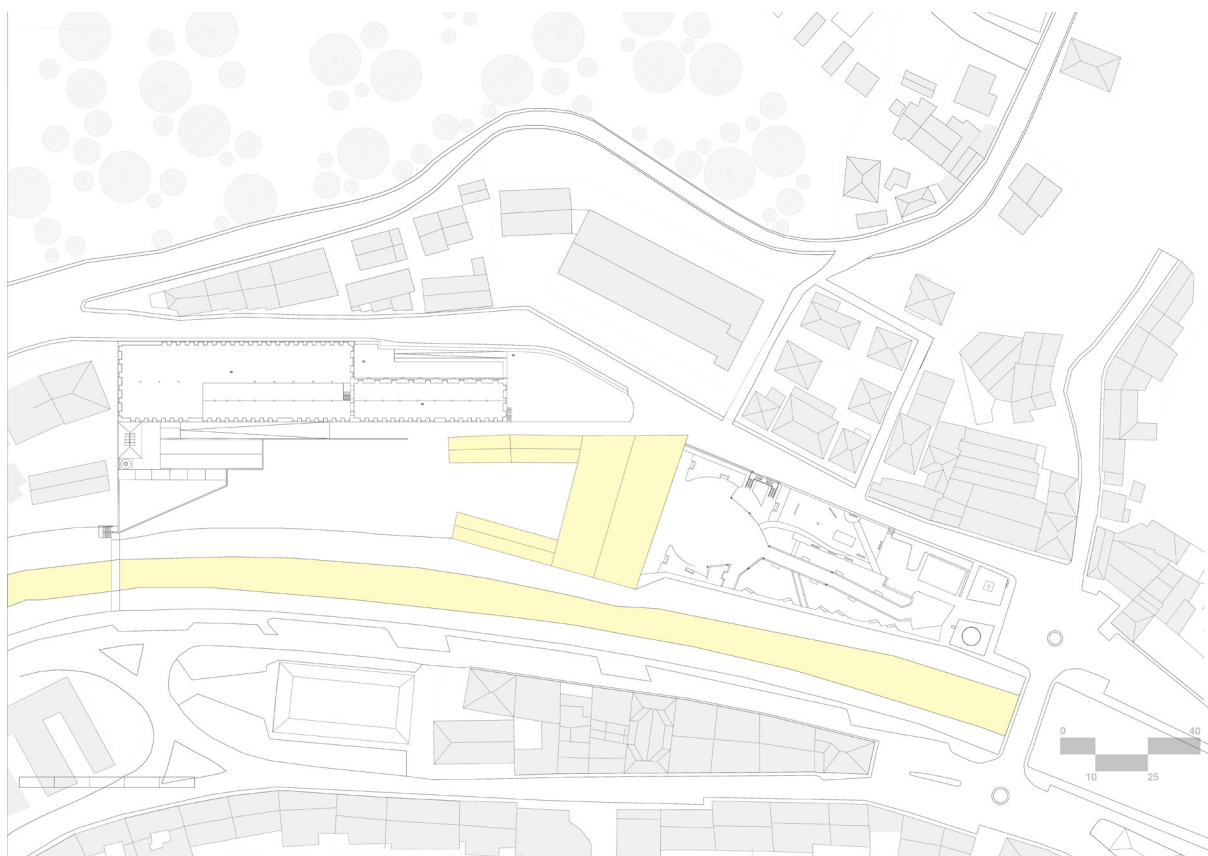
Fléxibilidade, Convertibilidade, Emergente e Efémera

O espaço público que ladeia a fábrica da chemina, é hoje em dia um parque de estacionamento, juntamente com o edifício que se encontra em leito de cheia, a SUMA. Estes dois espaços rompem o grande espaço verde que é proporcionado pelo Jardim Vaz Monteiro.

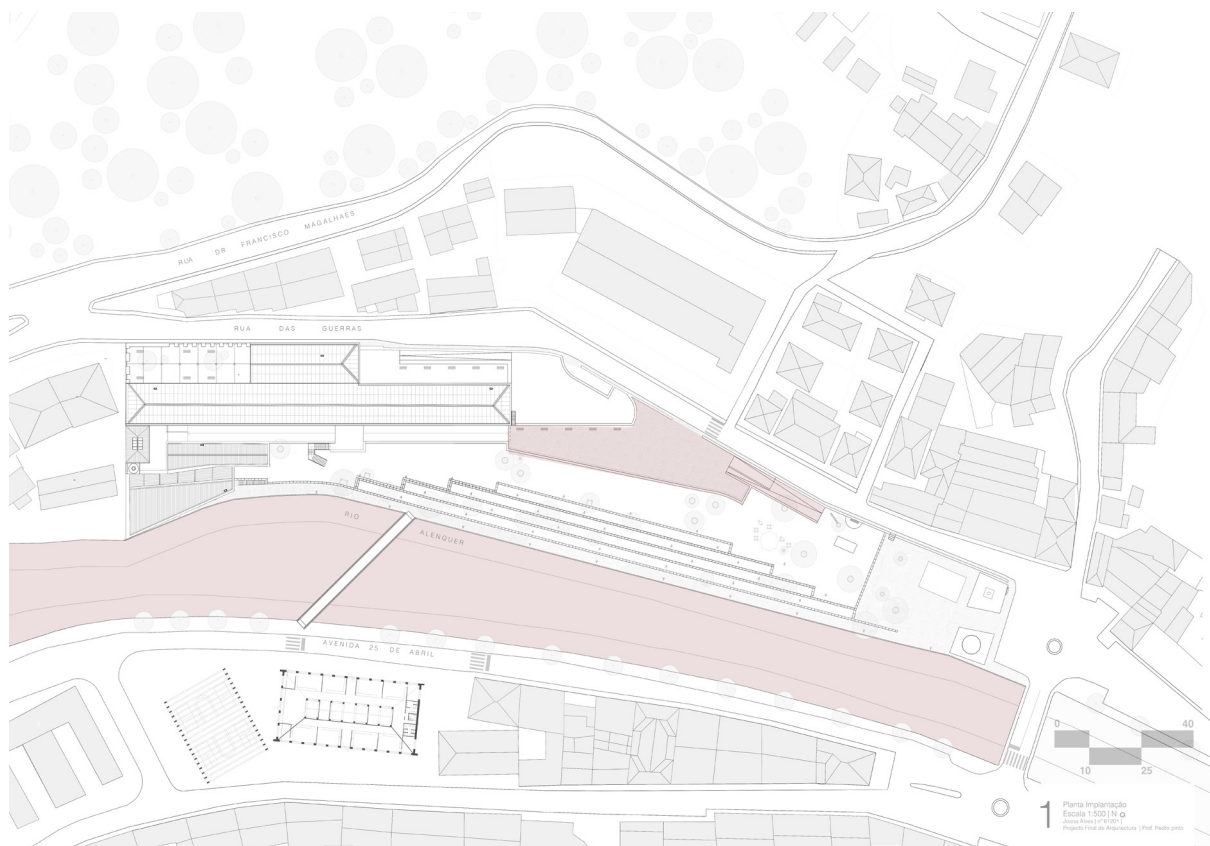
Após esta análise, é proposta uma demolição e realocação do edifício da SUMA (Sociedade União Musical de Alenquerense), proporcionando assim, um novo espaço de lazer para a população de Alenquer. Este novo espaço, oferece uma nova área verde, que se apropria do antigo parque de estacionamento. O referido parque de estacionamento, será recolocado a montante da chemina, facultando deste modo uma permeabilização entre a fábrica e o novo parque verde desta vila.



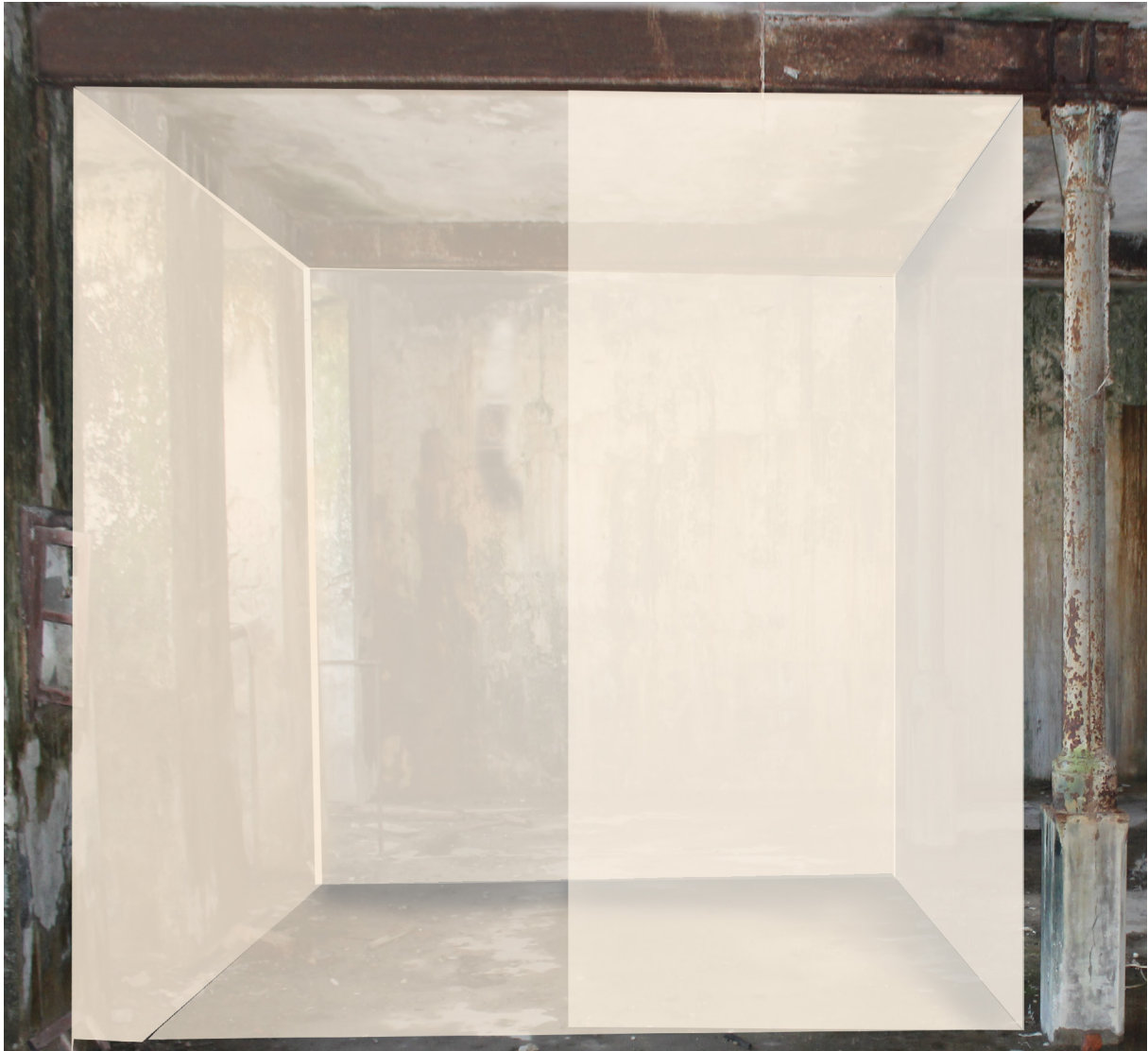
Existente



É proposta a demolição do edifício da Sociedade União Musical de Alenquerense, e a realocação da ponte

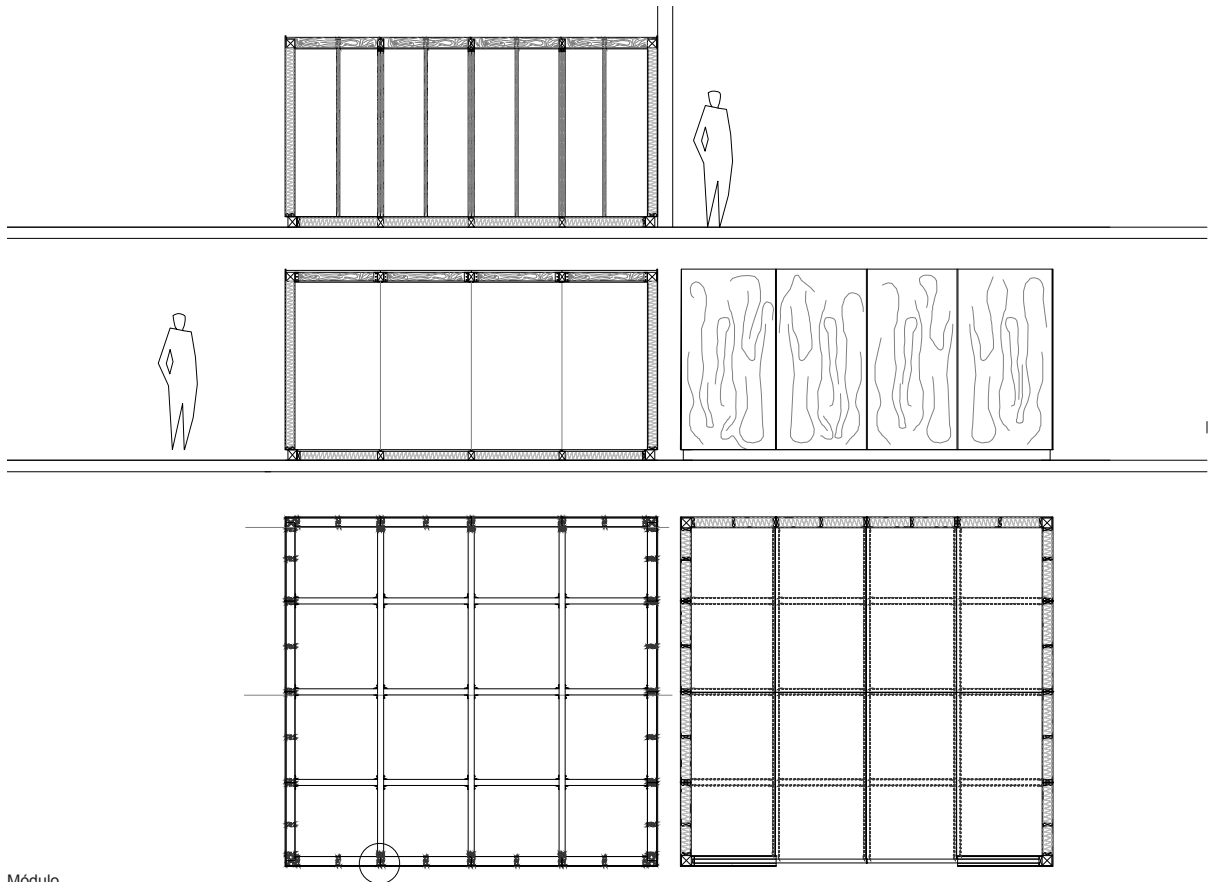


É proposta a reabilitação e requalificação da Fábrica da Chemina, a edificação de um novo parque de estacionamento, que serve uma longa plataforma, oferecendo às pessoas que ocupam este espaço, um novo ponto de observação para a cidade.

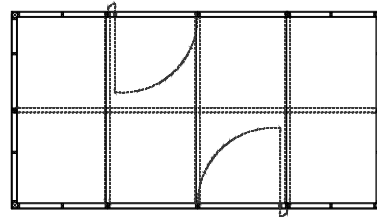
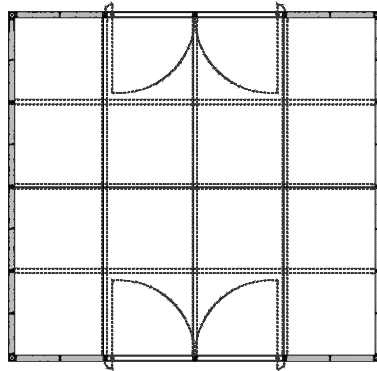
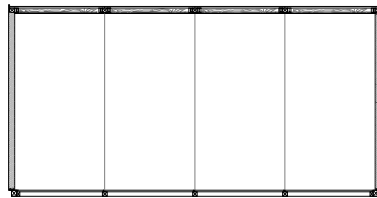


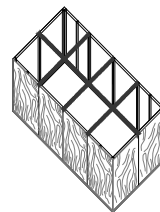
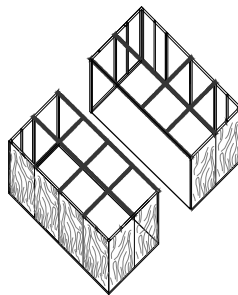
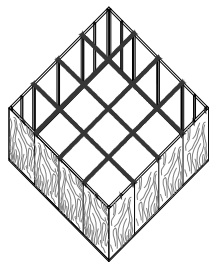
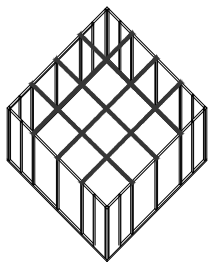
Módulo

A ocupação parasita funciona a partir de um módulo ajustável, que se pode modelar em dois tamanhos diferentes, ajustando o espaço às necessidades da população, tais como, por exemplo, habitação de emergência, espaço de incubadora para start-ups, e ainda espaço multiusos. Estes módulos são de fácil transporte devido à sua pré-fabricação de madeira e às suas paredes isoladas com uma espessura mínima de 8 cm.

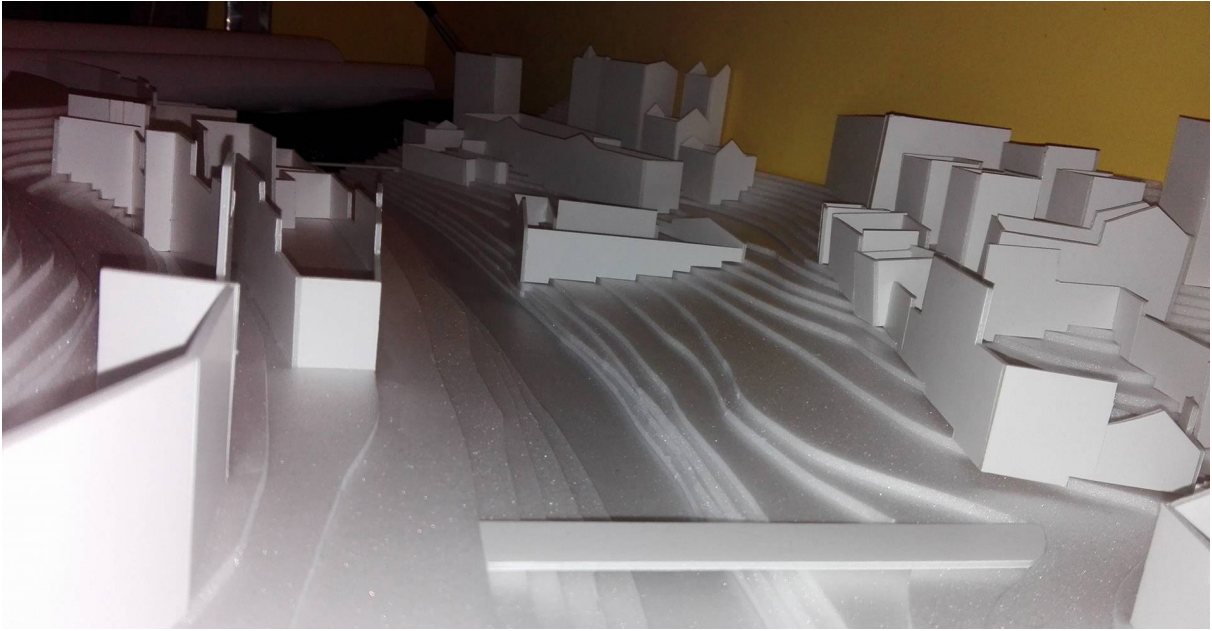


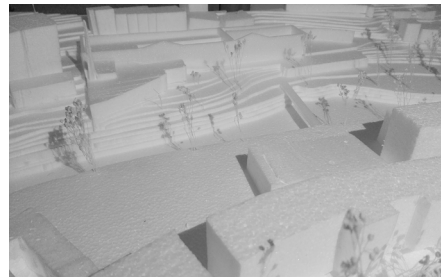
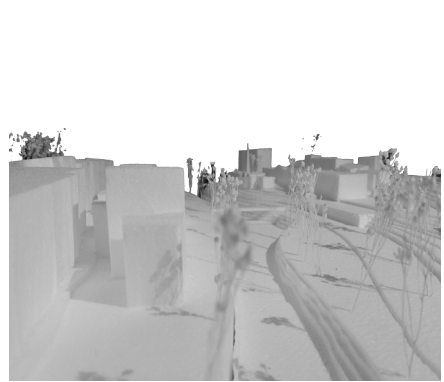
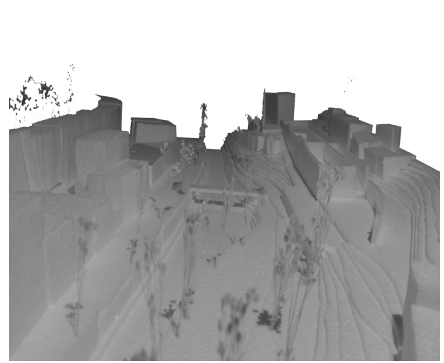
Módulo
Escala 1:100

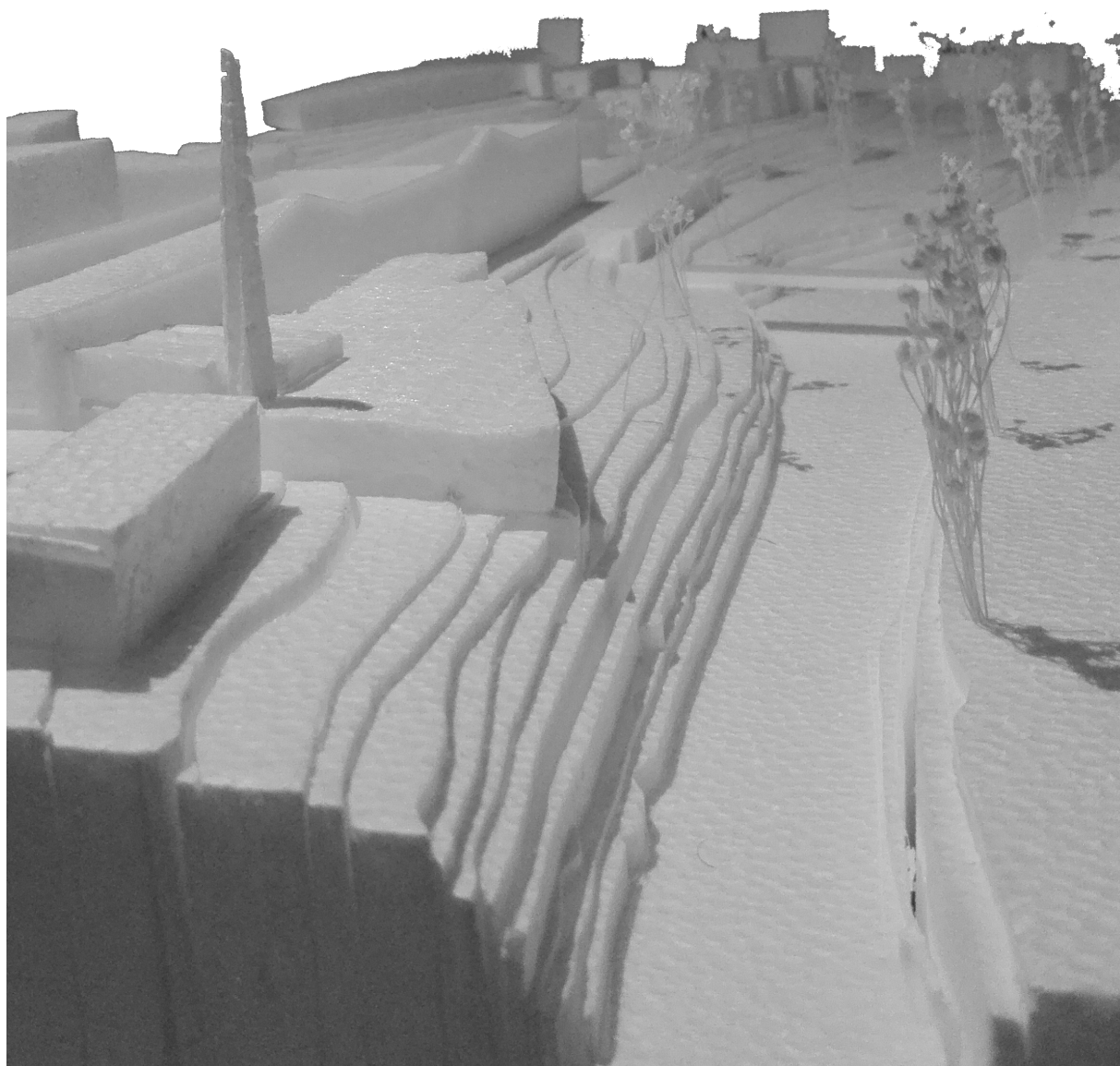


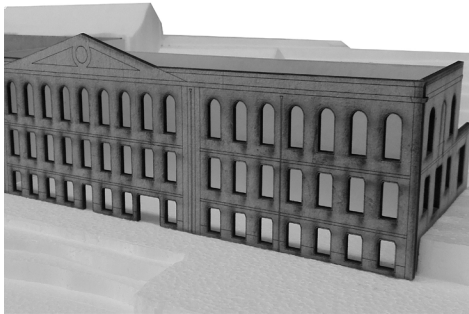
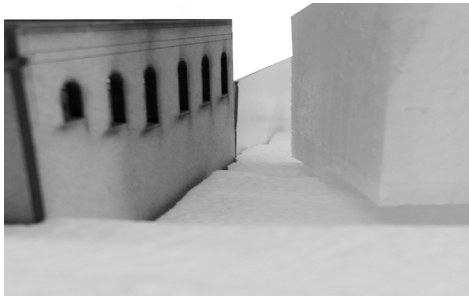
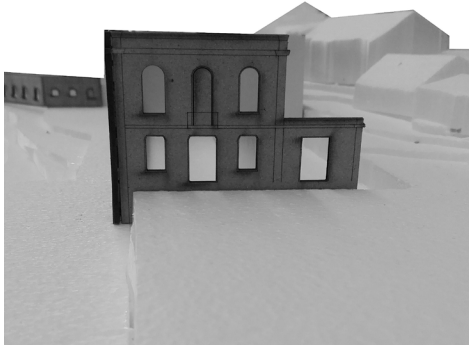


Divisão dos Módulos













Pisos e a Materialidade

O piso 0 apresenta uma materialidade em betão nas suas paredes e na sua fachada, com pilares e vigas metálicas, juntamente com os caixilhos em madeira. A divisão do espaço é conseguida com a métrica entre vigas e vãos já existentes. É proposta para este nível à cota 25, a sua reabilitação mantendo os mesmo materiais e ajustando os vários espaços através de módulos, reaproveitando esta volumetria e tornando-a numa ocupação parasita. Deste modo fica-se perante um edifício mutável e com dualidade programática.

Os pisos 1 à cota 29, e o piso 2 à cota 33, apresentam sistemas construtivos diversos. A sua fachada, ao contrario do piso 0, é de Alvenaria, e a laje do piso 2 tem um sistema misto constituído por madeira e betão, e, por fim, as suas asnas em madeira. Existe um seguimento dos pilares do piso 0 suportando as lajes e as coberturas. Após o incêndio, a laje e a cobertura arderam, deixando em duplo pé direito em parte da fábrica. A proposta para a reabilitação desta fachada parte através da fixação de uma rede metálica juntamente com a injeção de argamassa nas paredes.

Parte da cobertura será reconstruída demonstrando preocupação com as pré existências de árvores, através da criação um espaço verde que a rompe. Esta será reconstruída através de asnas de madeira com uma tonalidade escura e painéis de GRC. Como já foi referido anteriormente, a ocupação parasita é feita através de módulos, que serão fabricados em madeira com um tom claro. Este material é leve e de fácil construção. O Piso 2 terá ainda um pátio, que será procurado para proporcionar momentos de lazer e de pausa. Este representará ainda uma alusão à casca da chemina transmitindo as várias mesclas desta volumeria. O pátio, devido à sua localização, terá uma exposição solar muito forte. Como solução, é proposta a colocação de estores, juntamente com uma estrutura metálica revestida com tecido. O uso do tecido, surge como memória à fábrica de Lanifícios da Chemina, visto que esta era uma empresa têxtil.

A ligação entre os 3 pisos será feita através de escadas e elevadores. Os elevadores, possuem uma casca redonda em paineis de GRC, referenciando os pilares. Por fim as escadas do piso 0, continuam na mesma materialidade, o betão, enquanto a ligação entre o piso 1 e o piso 2 terá de ser reconstruída, uma vez que ficou destruída durante o incêndio, e apresentará uma materialidade igual à

Pátio

The diagram illustrates a building's vertical structure with four levels. From top to bottom: a yellow 'Pátio' level, a grey 'Piso 2' level, a grey 'Piso 1' level, and a grey 'Piso 0' level. The 'Pátio' level is the highest and is highlighted in yellow. The 'Piso 2' level is directly below it. The 'Piso 1' level is further down, and the 'Piso 0' level is the lowest, positioned to the right of the other levels.

Piso 2

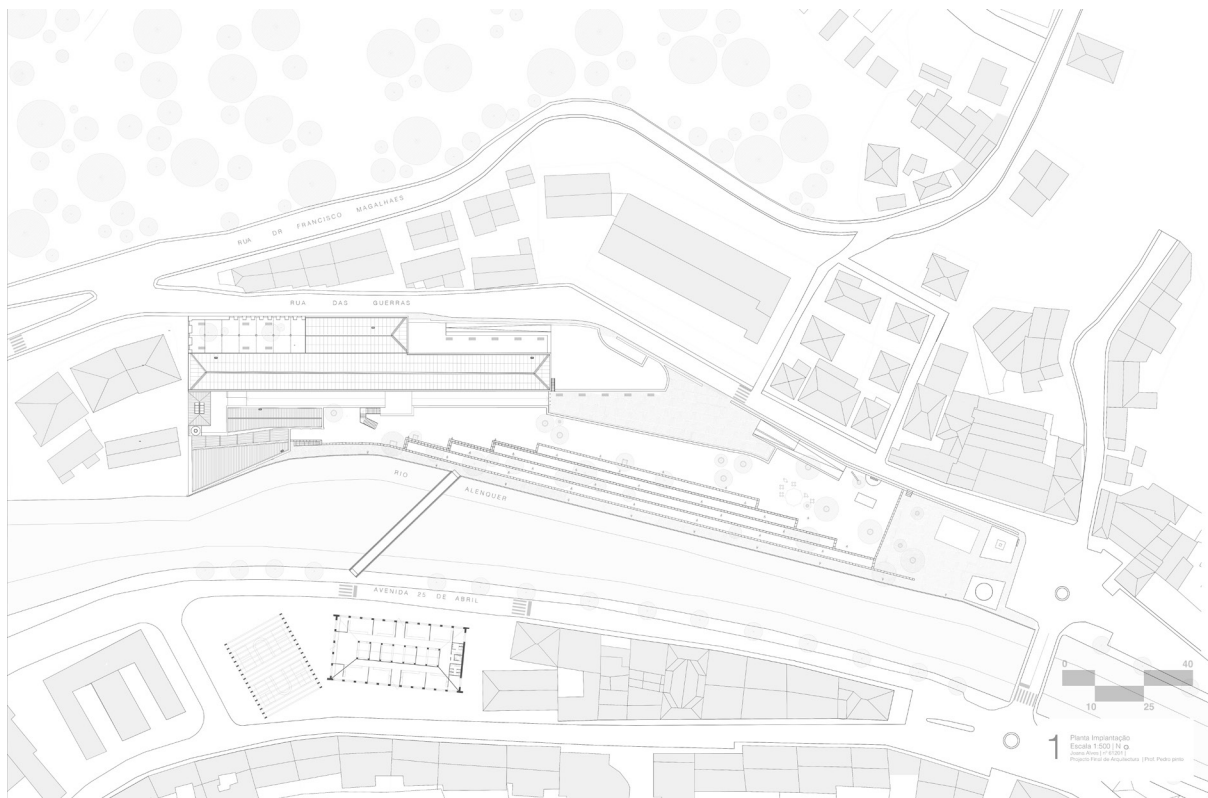
Piso 1

Piso 0

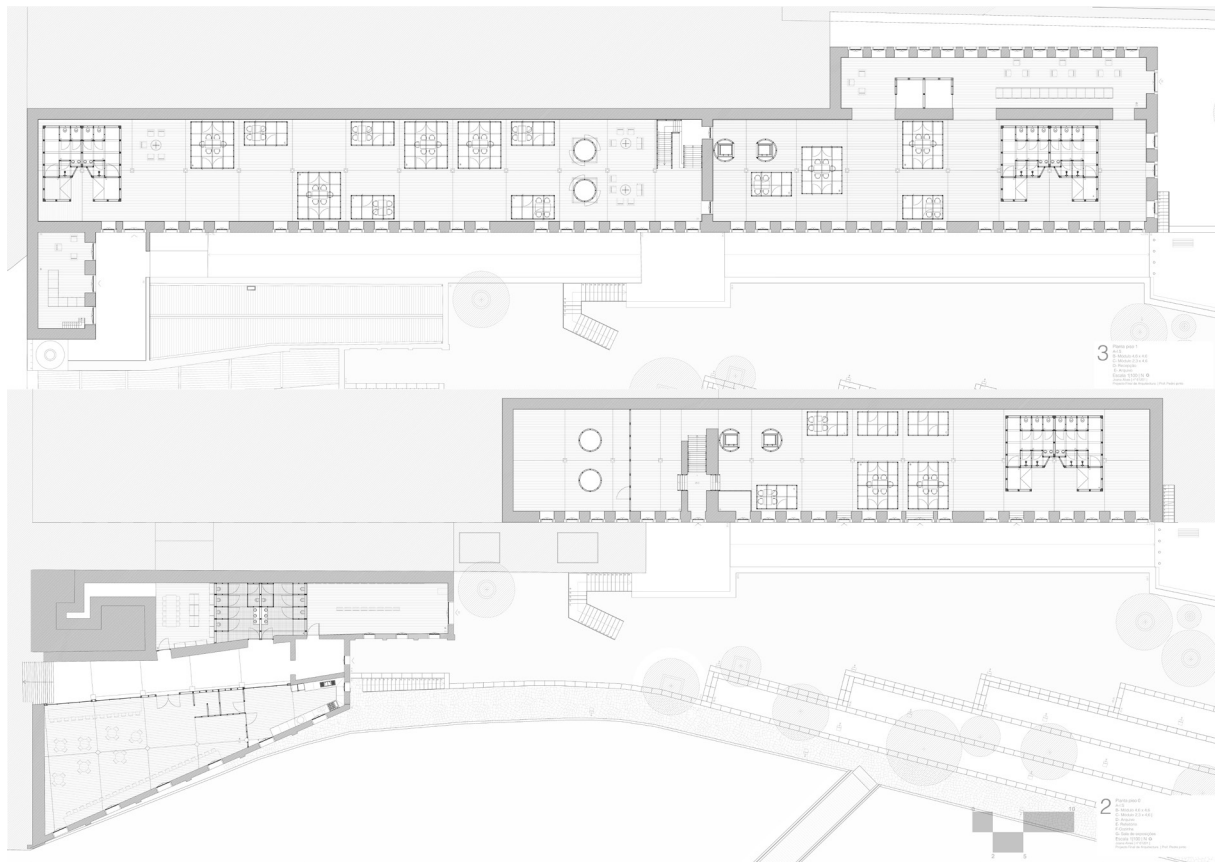




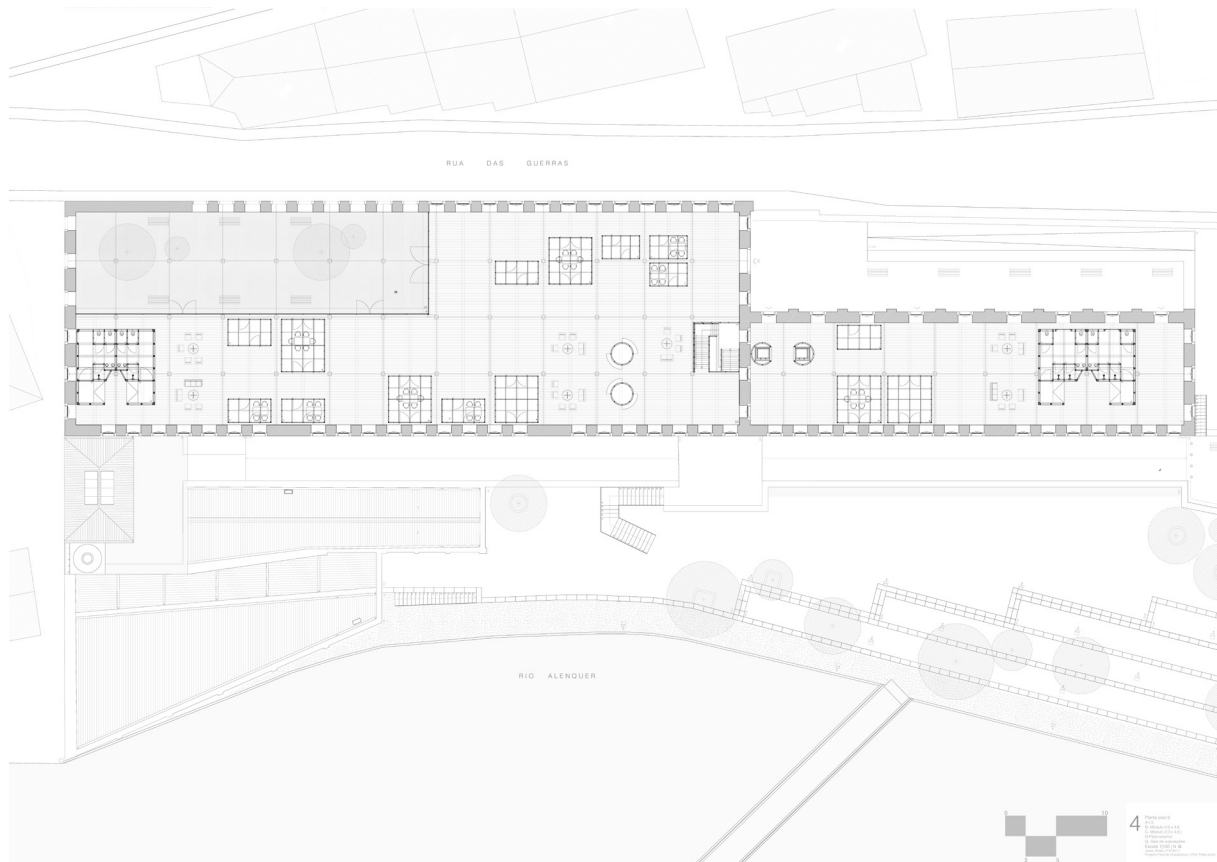
Desenhos Técnicos



Planta de implantação



Planta de Piso 0 e Planta piso 1

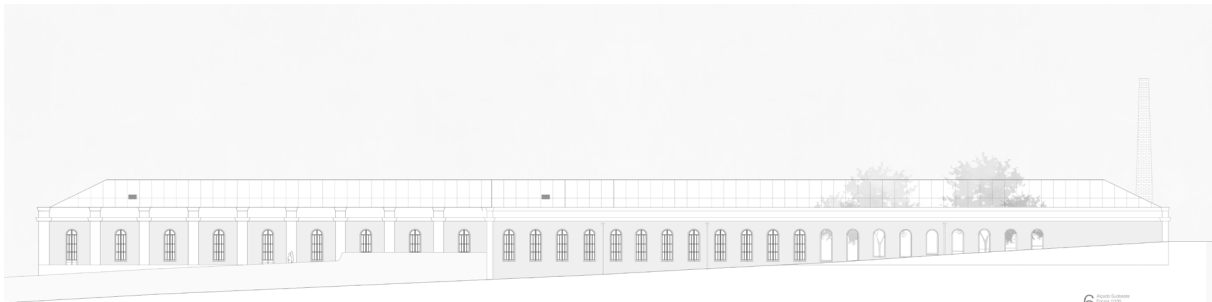


Planta de Piso 2



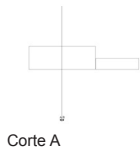
5
Alçada Nordeste
Linha 1-100
Escala: 1:1000

Alçada Nordeste



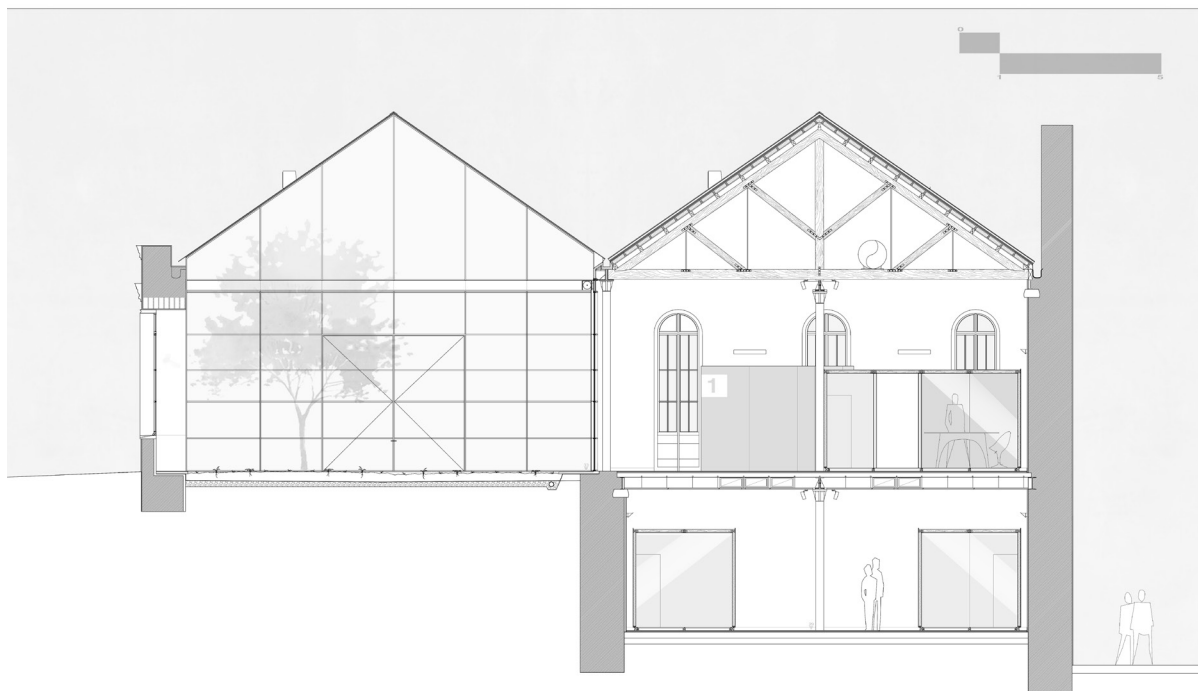
6
Alçada Sudoeste
Linha 1-100
Escala: 1:1000

Alçada Sudoeste



Corte A

7 Corte A | Escala 1:50
Joana Alves | nº 61201 |
Projecto Final de Arquitectura | Prof. Pedro Pinto



8 Corte B | Escala: 1:50
Joana Alves | nº 61201 |
Projecto Final de Arquitectura | Prof. Pedro Pinto

Corte B



9 Corte C | Escala 1:100
Joana Alves | nº 61201 |
Projecto Final de Arquitectura | Prof. Pedro Pinto

Corte C



Corte D



Corte E

11 Corte E | Escala 1:100
Jaana Aho | 1º 6/2011
Proyecto Final de Arquitectura | Prof. Pedro Pinto

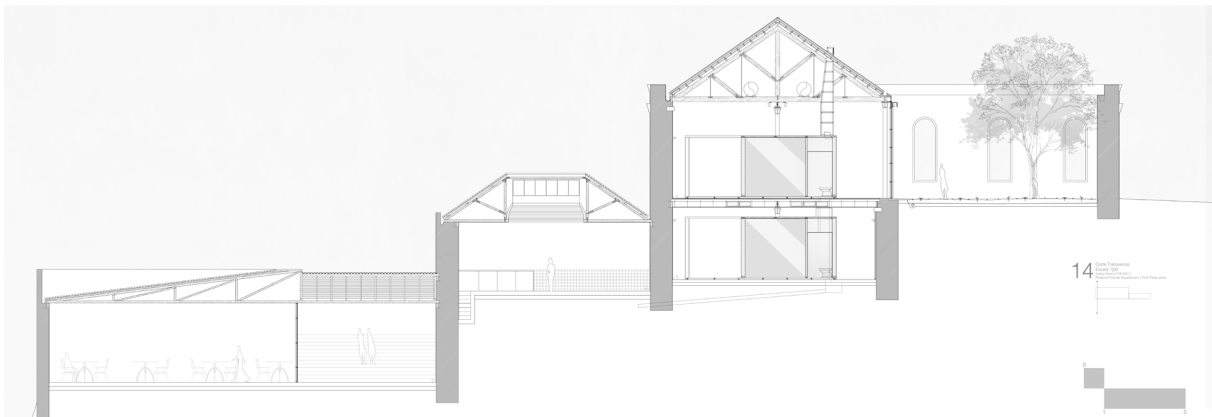


Corte F

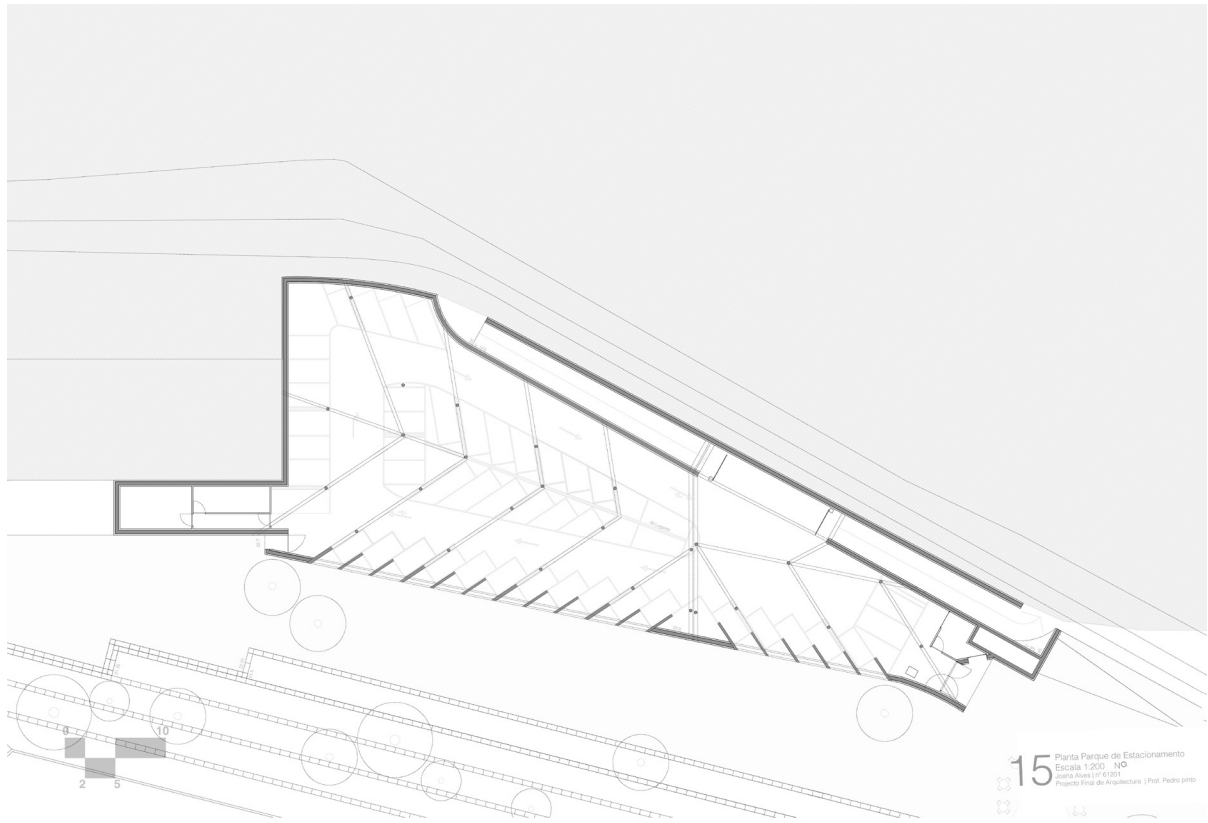
12 Corte F | Escala 1:100
Joana Alves | nº 61201 |
Proyecto Final de Arquitectura | Prof. Pedro Pinto



Corte Longitudinal



Corte Transversal

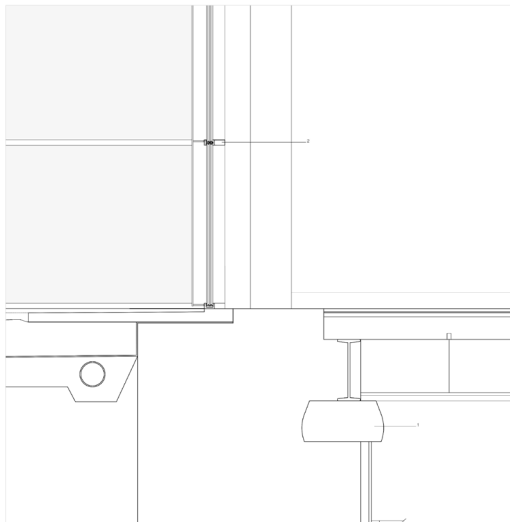
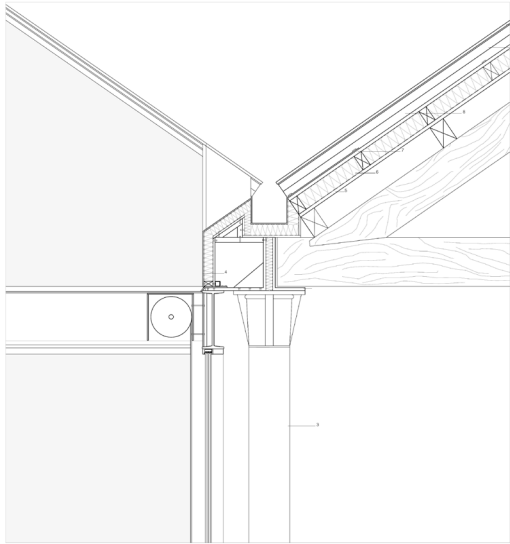


Parque de estacionamiento



Corte do Parque de estacionamento

16 Corte Parque de Estacionamento
Escala: 1"=100
Juana Alva | nº 612011
Proyecto Final de Arquitectura | Prof. Pedro Gilvo



- 1. Painel de vidro
- 2. Perfil de alumínio
- 3. Pneu de borracha
- 4. Caixa de alumínio
- 5. Isolamento
- 6. Alvenaria
- 7. Estrutura de aço
- 8. Alvenaria de tijolo
- 9. Alvenaria de concreto
- 10. Lameira de alumínio

17 Pormenor Construtivo
Escala: 1:10
Joana Alves
Projeto final de arquitetura
Professor Pedro Pinto

Pormenor Construtivo

